

DEZEMBRO, 2011

IV SÉRIE - Nº 25

TRIMESTRAL

Macau

Dizem os Mestres
DRAGÃO PROTEGE MACAU

Entrevista
**RODRIGO LEAL DE
CARVALHO**

Festival de Cinema
**HISTÓRIAS DE CHINESES
EM ÁFRICA**

2012 é o ano do Dragão
Conheça as previsões
dos almanaques



Bem-vindo ao novo espaço multifuncional do CENTRO DE ACTIVIDADES TURÍSTICAS E CULTURAIS DE MACAU



CAVE 2
Experiência Virtual
de Macau
Horário de funcionamento:
Diariamente das 09:00 às 19:00



CAVE 1
Pavilhão de Criatividade
de Macau
Horário de funcionamento:
Diariamente das 09:00 às 20:00



R/C
Piso Multi-serviços
Horário de funcionamento:
"Made-in-Macau":
Diariamente das 09:00 às 19:00
Informações Turísticas:
Diariamente das 09:00 às 18:00



1º andar
LUSITANUS
Horário de funcionamento:
Diariamente das
10:00 às 19:00
Sábados das
10:00 às 23:00



2º andar
**Casa do Chá de
Macau**
Horário de funcionamento:
Diariamente das
10:00 às 19:00
Encerra às Terças-feiras



Centro de Actividades Turísticas e Culturais de Macau (CATC)
Endereço: Largo da Companhia de Jesus nos 2-6 (Junto às Ruínas de S. Paulo)
Informações: 2836 5382



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macaotourism.gov.mo

MOMENTOS MEMORÁVEIS
SENTIR **MACAU**

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Filipa Queiroz

Vanessa Amaro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

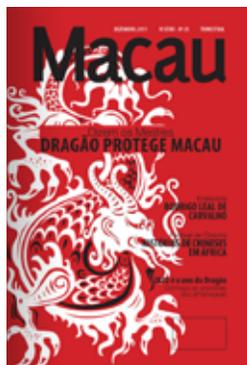
KauTim - Productive Creations, Ltd

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO WEB

Isabel Abreu

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:Alexandra Lages, António Mil-Homens (fotografia),
Carlos Picassinós, Carmo Correia (fotografia),
Catarina Domingues, Germano Almeida, Gisele
Lobato, Gilberto Lopes, Gonçalo Lobo Pinheiro
(fotografia), Hélder Beja, Lia Coelho, Márcia Schmaltz,
Marta Curto, Mélanie Map's (fotografia), Patrícia
Lemos, Paulo Cordeiro, Raoni Madalena (fotografia),
Ricardo Franco (fotografia), Marta Melo**TRADUÇÃO:** Ina Chiu**ILUSTRAÇÃO DA CAPA:** dreamstime.com**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International"
14.º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com**IMPRESSÃO:** Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****ANGOLA:** AOA 2,595.00 | **BRASIL:** BRL 48.00**CABO VERDE:** CVE 2,336.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,080.00**MACAU:** MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 737.00**PORTUGAL:** EUR 21.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 517,166.00**TIMOR-LESTE:** USD 21.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 28.00

Macau



No dia 15 de Novembro, a poucos dias da ida desta edição para a tipografia, o Chefe do Executivo Chui Sai On apresentou à Assembleia Legislativa as Linhas de Acção Governativa (LAG) para o ano de 2012, acompanhando a respectiva proposta de Orçamento. Nas páginas 16 e 17, o leitor encontra

um resumo dos principais pontos das políticas para o próximo ano.

O Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) é o seu dirigente máximo, responsável perante o Governo Popular Central. A Assembleia Legislativa, parcialmente eleita, é o órgão legislativo, competindo-lhe aprovar a proposta de orçamento apresentada pelo Governo, bem como ouvir e debater o relatório sobre as linhas de acção governativa apresentado pelo Chefe do Executivo. E embora não seja um parlamento – o Governo não emana dele – é todavia um importante palco de debate público, constituindo a apreciação do relatório das LAG o momento alto do calendário político de Macau.

No que diz respeito às festividades locais, 2012 será um ano muito especial pois estará sob a égide do mais popular dos 12 signos do zodíaco oriental. O Dragão, símbolo do Imperador, é dos mais ricos e multifacetados ícones chineses. Por exemplo, os mestres da ciência tradicional do *feng shui*, que estuda as “energias” dos lugares, acreditam que um “dragão” habita Macau, protegendo este território de calamidades, como se pode ler a partir da página 56.

Tudo isto se insere no ambiente do Ano Novo Chinês, a mais importante festividade do calendário de Macau, que em 2012 se celebra a partir de 23 de Janeiro.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

SEMANA CULTURAL DA LUSOFONIA

A festa em fotos, 10

Gonçalo Lobo Pinheiro

LINHAS DE ACÇÃO GOVERNATIVA

As acções para 2012, 16

NEGÓCIOS

O valor da cortiça portuguesa, 18

Patrícia Lemos e Hélder Beja

FÓRUM MACAU

Nova etapa na formação de talentos lusófonos, 32

Lia Coelho

MOSAICO DIPLOMÁTICO

Lusofonia cara-a-cara, 38

Alexandra Lages

TRADIÇÕES CHINESAS

Os encantos das peónias, 46

Márcia Schmaltz

ANO NOVO CHINÊS

Dragão à solta em Macau, 56

Patrícia Lemos

ALMANAQUE

As previsões signo a signo para 2012, 62

Ina Chiu e Luís Ortet

LITERATURA

A pena lusitana, 74

Catarina Domingues

ENTREVISTA

Os romances de Rodrigo Leal de Carvalho, 83

Catarina Domingues

PESSOAS

Perfil de Alberto Lisboa, 88

Gilberto Lopes

PESSOAS

Jani Zhao, a menina dos macaenses, 92

Patrícia Lemos

BRASIL

Uma nova era de relações com a China, 96

Gisele Lobato

CABO VERDE

Cidade Velha, viveiro de mestiçagem, 102

Germano Almeida

MOÇAMBIQUE

Histórias de chineses em África, 108

Marta Curto

SECÇÕES

Aconteceu, 4

Átrio, 116

Cartaz, 120

Memórias, 128

DE OLHOS POSTOS NA CHINA

Líder mundial na indústria da cortiça, a Amorim está satisfeita com o acordo que assinou este ano para reforçar o segmento dos revestimentos na China.

p. 18

AS PREVISÕES PARA O ANO DO DRAGÃO

O mestre de feng shui Szeto Fat-ching acredita que o dragão que se vê no mapa de Macau tem protegido a região de calamidades e atraído muita riqueza. Porém, o mundo que se acautela com a chegada do Ano do Dragão, que arranca já no dia 4 de Fevereiro. Vêm aí “cheias e tremores de terra”, mas depois de Junho tudo tenderá a acalmar, garante Szeto.

p. 56

A LITERATURA EM PORTUGUÊS DE MACAU

Em Macau, a literatura em língua portuguesa teve grande expressão nas últimas décadas do século passado. Mas antes da transferência muitos dos que alimentavam os cadernos de poesia ou as tertúlias do primeiro andar do restaurante Porto Interior regressaram a casa. Aos poucos que ficaram, junta-se agora uma nova geração, que dá os primeiros passos nas letras.

p. 44

BRASIL-CHINA: RELAÇÕES FRUTÍFERAS

Antes apenas parceiro comercial da China, o Brasil tornou-se destino de investimentos chineses em tecnologia de última geração. Os dois países atravessam agora a melhor fase de sempre das suas relações comerciais.

p. 96

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

o **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

Macau assinala os 100 anos da Revolução de Xinhai

Desde 24 de Setembro e até 11 de Dezembro, Macau organizou uma série de actividades para assinalar os 100 anos da Revolução de 1911. Música, exposições, seminários e passeios temáticos foram as actividades que o Instituto Cultural promoveu.

Cooperação com Xinjiang reforçada

Chui Sai On prometeu, a 1 de Setembro, reforçar a cooperação com Xinjiang nas áreas do turismo e da educação. O Chefe do Executivo fez uma visita oficial à região autónoma para participar no Fórum de Cooperação Económica e Exposição Eurásia. No seu discurso inicial, Chui Sai On manifestou a intenção de otimizar o papel de Macau como plataforma de serviços e de reforçar a colaboração comercial entre Xinjiang e os países de língua portuguesa.

20.662

milhões de turistas passaram por Macau durante o mês de Setembro, o que representa um aumento de 11,2 por cento face ao mesmo período do ano passado

Encontro de todos os sotaques da Língua Portuguesa

No início do mês de Setembro, mais de 350 académicos e estudantes da Língua Portuguesa espalhados um pouco por todo o mundo reuniram-se em Macau para debater o ensino do idioma. A terceira edição do Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa (SIMELP), realizada entre a Universidade de Macau e a Escola Portuguesa, ficou marcada pela elaboração de uma gramática da comunicação e pelo levantamento de literatura infantil em português das várias regiões.



Novas relações em Xiamen

Uma delegação de mais de 80 empresários de Macau, organizada pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento, deslocou-se no início de Setembro a Xiamen para participar na 15.ª Feira Internacional de Investimento e Comércio da China. O objectivo foi reforçar os laços de negócios e comércio interno e externo. Segundo Francis Tam, secretário para a Economia e Finanças, com o apoio do Ministério do Comércio chinês Macau tem

dado passos na promoção do território como um centro internacional de turismo e lazer e plataforma das relações entre a China e os países de língua portuguesa.

58%

foi quanto cresceu, no ano passado, o contributo económico a Macau do sector do jogo. As receitas dos casinos atingiram as 190,67 mil milhões de patacas em 2010

Lusofonia ressaltada em Jilin

Entre 4 e 6 de Setembro, uma delegação do Secretariado Permanente do Fórum de Macau, chefiada pelo seu secretário-geral, Chang Hexi, marcou presença na 7.ª Exposição de Comércio e Investimento do Nordeste da Ásia, na cidade de Changchun, na Província de Jilin. Durante as várias apresentações dos delegados do Fórum Macau, foram ressaltadas as inúmeras oportunidades de negócios nos países lusófonos, dando um forte incentivo para que empresários da província do nordeste do Interior da China virem-se para este mercado em expansão que tem em comum a língua portuguesa.

Dez escritores premiados

Saíram dez vencedores do concurso de contos lançado em três línguas – chinês, português e inglês – pelo jornal *Macau Daily Times*. Zenon Arthur venceu a competição na língua inglesa com *Mommy, come home*, enquanto que em chinês o primeiro lugar foi atribuído a Lao Ka Ian, pela escrita de *Here is where I was born, grew up and die*. Já Hélder Beja levou o ouro na secção lusa com *Fogo Lento*. Além dos novos premiados – três em cada língua – o júri atribuiu ainda duas menções honrosas.

Chefe do Executivo sai à rua para ouvir população

Foram sete locais distintos na península de Macau e muito diálogo. O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, foi ouvir pessoalmente, em Outubro, os desejos dos residentes para as Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2012. O líder do Governo frisou que a inflação e a habitação estão no topo das prioridades, por serem as questões que mais preocupam a população.



Produtos portugueses ganham nova montra

A Casa de Portugal em Macau inaugurou, a 27 de Setembro, o “Lusitanus”, projecto definido como uma montra e plataforma de comércio dos produtos portugueses e de difusão da cultura para turistas e comunidade local. Instalado no espaço cedido pelos Serviços de Turismo, no novo Centro de Actividades Turísticas e Culturais, junto às Ruínas de São Paulo, uma das artérias mais movimentadas de Macau, o “Lusitanus” dispõe de *snack-bar* com petiscos portugueses, loja *gourmet*, e loja de artesanato e design.



Festa a duplicar para a China

A empresa chinesa Panda Fireworks Group foi a grande vencedora do concurso internacional de fogo de artifício de Macau, que encerrou a 23.ª edição no dia em que se assinalam os 62 anos da República Popular, a 1 de Outubro. No segundo lugar do concurso classificou-se a empresa japonesa Tamaya Kitahara Fireworks e na terceira posição a francesa Brezac Artifices.



Celebrando a República Popular

A China tem contribuído para a “recuperação da economia mundial”, assinalou no início de Outubro o líder do Governo de Macau na cerimónia comemorativa dos 62 anos da Implantação da República Popular. Ao salientar que a economia mundial regista este ano “factores de instabilidade económica”, Chui Sai On disse que a China encara a situação “com grande serenidade” porque “implementou uma estratégia de expansão da procura interna”.

Divulgar o turismo em Cantão

A Direcção dos Serviços de Turismo (DST) participou, em Setembro, na sexta edição da *China International Tourism Expo*, em Cantão. O pavilhão da RAEM foi dedicado ao tema “Sentir Macau”, tendo o Centro Histórico de Macau classificado pela UNESCO como cenário para divulgar as características do turismo de Macau fruto do intercâmbio entre a China e o Ocidente.

Executivo alarga participação na Air Macau

O Governo da RAEM vai injectar cerca de 700 milhões de patacas na Air Macau, o que fará com que o capital social da companhia aérea chegue aos 42 milhões de patacas. Para a concretização do novo capital social, a

empresa vai emitir 420.420 novas acções ordinárias com um valor nominal unitário de 100 patacas, e com um prémio de emissão de 1565 patacas, a serem totalmente adquiridas pelo Executivo de Macau. O aumento faz com que a Administração de Macau – que detinha até então apenas cinco por cento da Air Macau – fique com uma fatia de cerca de 21 por cento.



560.100

habitantes é o número estimado da população de Macau, segundo dados actualizados em Novembro. O aumento deve-se a um crescimento dos nascimentos e a chegada de mais trabalhadores não residentes à Região.

Andar por Macau num cruzeiro

Desde 19 de Outubro já é possível viajar de cruzeiro à volta de Macau. O Guo Tong, de três andares, 38 metros de comprimento, 12 de largura e capacidade para 388 passageiros, parte da Ponte 12, no Terminal Marítimo do Porto Interior, e passa por cinco pontos turísticos da cidade: Templo de A-Má, Torre de Macau, Ponte Sai Van, Centro Ecuménico Kun Iam e Centro de Ciência. As viagens de uma hora e meia custam entre 120 e 398 patacas.

Arte contemporânea chinesa explicada em português

O artista plástico português José Drummond lançou, em meados de Outubro em Macau, o livro *Arte Nova China - Da Rebeldia à Globalização*, a obra em língua portuguesa sobre arte contemporânea chinesa. Publicado pela Livros do Meio em parceria com a Casa de Portugal, o livro é o resultado da compilação de alguns dos textos que foram editados pelo jornal *Hoje Macau* entre 2007 e 2008. *Arte Nova China - Da Rebeldia à Globalização* percorre um total de 17 nomes da arte chinesa que seguem a lógica da história de arte contemporânea chinesa, representando o dinamismo que está associado ao fenómeno.

Nova lei garante depósitos bancários

A Assembleia Legislativa aprovou, em Outubro, a proposta de lei sobre o Regime de Garantia de Depósitos, uma medida através da qual o Governo garante o reembolso dos depósitos nos bancos autorizados de Macau, até um limite máximo de 500 mil patacas. O regime prevê a criação de um Fundo de Garantia de Depósitos que vai contar com uma dotação inicial por parte do Governo da RAEM de 150 milhões de patacas, mas os bancos de Macau vão ficar obrigados a uma contribuição anual de 0,05 por cento do valor total dos depósitos garantidos.



Macau Ideias com aceitação elevada

O Macau Ideias, que funciona no Centro de Actividades Turísticas, serviu de plataforma de exposição a um total de 85 empresas desde que abriu, a 9 de Maio. O balanço da actividade do centro – que deu a conhecer nestes meses mais de 600 produtos – foi feito em Outubro pelo Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM). Mais de 13 mil pessoas visitaram já o Macau Ideias – incluindo empresários provenientes de 20 países e regiões.

2

é a média de telemóveis por cada residente da RAEM. Macau lidera em todo o mundo a lista de países e regiões com o maior número de subscrições de telefones móveis *per capita*, segundo dados da União Internacional das Telecomunicações

RAEM representada em Taiwan

O Governo de Macau abriu, no final do mês de Novembro, uma Delegação Económica e Cultural em Taipé, a primeira representação em Taiwan, para promover a cooperação bilateral e sem quaisquer objectivos políticos. A delegação tem como objectivo prestar serviços de apoio aos residentes de Macau, designadamente na certificação de documentos e em situações de emergência, promover o intercâmbio e cooperação nas áreas da economia, comércio, turismo, protecção ambiental, educação, saúde, cultura, ciência e tecnologia, e o reforço de acções conjuntas de combate ao crime e assistência judicial mútua.



OCDE aprova relatório sobre informação fiscal

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) reconheceu que Macau satisfaz os padrões internacionais no campo das leis e regime de fiscalização para o intercâmbio de informação fiscal. O reconhecimento foi obtido na reunião do Grupo da Revisão Paritária do Fórum Global da OCDE, cujo resultado foi anunciado no início de Outubro.

Encontro frutífero com vice-presidente da CCPPC

O Chefe do Executivo, Chui Sai On, teve a 4 de Outubro um encontro na Sede do Governo com o vice-presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, Zheng Wantong, durante o qual os dois responsáveis trocaram impressões sobre como impulsionar o desenvolvimento socioeconómico de Macau. Ambos os dirigentes concordaram igualmente dar prioridade à formação de quadros qualificados numa fase posterior de crescimento da RAEM.

Produção cinematográfica no Cotai

O secretário para os Transportes e Obras Públicas anunciou, em finais de Outubro, que o terreno do Cotai concedido ao Macau Studio City vai albergar sobretudo um hotel e uma zona dedicada à produção cinematográfica. O objectivo, explicou Lau Si Io, passa pela aposta nas indústrias criativas.

15

anos de vida é quanto a Associação dos Macaenses comemorou a 30 de Setembro

As muitas caras de Shanxi

O fotógrafo português residente em Macau António Mil-Homens viajou pela província de Shanxi e ficou impressionado com o que viu. As pessoas atraíram a lente da câmara com que anda sempre e o resultado – 35 fotografias a preto e branco, ou Shanxi Faces – estiveram expostas durante o mês de Novembro no espaço Creative Macau.



Jovens mais bem comportados

Os jovens vão menos aos casinos, mas despendem mais tempo e dinheiro com as cartas e fichas de jogo. Esta é uma das conclusões do “Estudo Social dos Indicadores sobre a Juventude em Macau 2010”, encomendado pela Direcção dos Serviços de Educação e Juventude para analisar o comportamento dos mais novos. O estudo indica ainda que os residentes mais jovens de Macau também passam menos tempo em *cybercafés*, centros de máquinas de diversão ou em jogos de vídeo.

na edição de 2010. A entidade organizadora, o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), informou que quase 100 mil visitantes passaram pelo certame de quatro dias. Este ano, o evento foi alargado e contou com 850 expositores de mais de 60 países e regiões.



A dar ouvidos aos mais jovens

Para melhor conhecer as necessidades dos jovens e obter referências para a formulação de políticas na área dos serviços à juventude da RAEM, o Chefe do Executivo, Chui Sai On, esteve presente num colóquio que juntou mais de 10 representantes da Federação da Juventude da China, a 31 de Outubro.

Feira Internacional de Macau soma 5000 milhões em protocolos

O valor dos negócios concluídos no decurso da 16.ª Feira Internacional de Macau, em Outubro, atingiu 5000 milhões de patacas, mais 25 por cento do que

CELEBRAR A DIVERSIDADE

Texto: Hélder Beja | Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro

Não é preciso comprar bilhetes para entrar no “Festival da Lusofonia e Semana Cultural da China e Países de Língua Portuguesa” e ainda bem que é assim pois caso contrário seria bem provável que tivessem esgotado nas noites de sexta-feira e sábado, 21 e 22 de Outubro. A zona do Carmo, junto às Casas-museu da Taipa, recebeu milhares de espectadores, em boa parte lusófonos, mas também muitos chineses e visitantes de outras paragens.

Desta vez nem o tempo se intrometeu na festa e deixou que a 13.^a edição da Lusofonia recebesse sem chuva artistas de todos os países e territórios onde se fala português. Carmen Souza, Patubatê, Cordas do Sol e companhia subiram ao palco, onde também não faltaram grupos e artistas de Macau.

O Festival da Lusofonia, que é também de gastronomia e alegria, reafirmou-se como momento de celebração das comunidades falantes da língua de Camões – um momento em que se juntam e ao mesmo tempo se abrem às restantes culturas que compõem Macau.





Os jogos tradicionais portugueses, sempre enca-
beçados pelos populares matraquilhos, continuam
a estar entre as grandes atracções do Festival da
Lusofonia. Não faltou quem quisesse matar sau-
dades ou mesmo descobri-los pela primeira vez.

A arte não estava só para venda no festival. Também era possível apenas apreciá-la ou meter as mãos na massa.



O stand de Moçambique, por exemplo, homenageou o falecido pintor Malangatana e convidou os visitantes a arriscarem eles próprios algumas pinceladas na tela.

FESTIVAL DA LUSOFONIA

Cabo Verde ainda deixou muita gente a pensar que estaria por ali um grupo a actuar permanentemente, com público e tudo. Mas não, era apenas uma montagem que tornava o expositor do país um dos mais originais da Lusofonia. A dança, essa, nunca faltou junto aos stands dos países africanos.





Embalado por ritmos africanos, mas também muitas vezes por sons brasileiros ou mesmo locais, o público não se fez rogado e dançou pela noite dentro, no anfiteatro junto às Casas-museu da Taipa.

A PARTILHA DA RIQUEZA

As Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2012 apresentadas pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, voltam a reflectir a preocupação do Governo em lidar com as dificuldades das classes mais desfavorecidas da sociedade de Macau e elevar a qualidade de vida de toda a população

As Linhas de Acção Governativa para 2012 foram apresentadas pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, a 15 de Novembro, na Assembleia Legislativa, e têm uma forte incidência na elevação da qualidade de vida da população. O plano de governação está assente em quatro pilares fundamentais.

O primeiro está relacionado com a preocupação da situação económica das classes mais desfavorecidas, dando prioridade à cada vez maior fátia de idosos numa sociedade a envelhecer. Assim, Chui Sai On anunciou a intenção do Governo de atribuir a verba de activação, de uma só vez e no valor de 10 mil patacas, às contas individuais dos residentes no Regime de Poupança Central. Trata-se de uma conta à qual serão anualmente creditadas pelo Governo algumas milhares de patacas (6000 em 2012), com a finalidade de estarem na disponibilidade dos residentes quando estes perfazem 65 anos de idade.

Há novidades também quanto a isenções fiscais, como a de Contribuição Predial até 3500 patacas, a do pagamento de imposto de selo nas transacções de imóveis até três milhões de patacas, ou a redução de 25 por cento no imposto profissional, entre muitas outras, sobretudo aplicáveis a comerciantes e médios empresários. No que toca aos idosos, o subsídio anual passará a ser de 6000 patacas, sendo que a pensão de velhice será actualizada para 2000 patacas mensais. Ao todo, os idosos de Macau irão receber um total de 45 mil patacas no próximo ano graças

a várias subvenções anunciadas.

O Governo anunciou que irá reformular os critérios e requisitos que qualificam os residentes à obtenção de habitação pública, fazendo com que, num futuro próximo, qualquer coisa como 80 por cento da população local seja elegível para habitar uma casa subvencionada, quer por compra quer por arrendamento.

O Chefe do Executivo anunciou também a continuidade da política de comparticipação pecuniária, que passará pela atribuição de 7000 patacas a todos os residentes permanentes (e de 4000 patacas aos residentes não-permanentes) de Macau em 2012.

O outro grande pilar destas LAG refere-se ao desenvolvimento contínuo da economia da Região, nomeadamente no tocante à sua diversificação e controlo do crescimento do sector do Jogo de forma a evitar sobreaquecimentos. Chui Sai On reiterou a determinação do Executivo em reforçar a fiscalização da indústria do jogo, nomeadamente através da manutenção de medidas que controlem o seu crescimento, sobretudo ao nível do aumento do número de mesas.

O desenvolvimento da economia da RAEM passa necessariamente pela sua diversificação. E, na prossecução desse objectivo, o Governo vai continuar a impulsionar o desenvolvimento de sectores económicos actualmente já em expansão, nomeadamente o das Convenções e Exposições e o das Indústrias Criativas.

As Pequenas e Médias Empresas locais continuam

a ser alvo de uma atenção especial. As 500 mil patacas em empréstimo sem juros de que podem beneficiar actualmente para a sua optimização subirão para 600 mil no próximo ano.

Outro alicerce deste desígnio da diversificação económica é, sem dúvida, o desenvolvimento da Ilha da Montanha. Será criada uma comissão para apreciação de projectos económicos que ali se queiram instalar, sendo que está já em avançado estado de desenvolvimento o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa, uma estrutura que se pretende vir a ser uma referência nacional.

Macau é, neste momento, a região do mundo com maior densidade populacional e tal realidade coloca uma série de desafios tanto às autoridades como aos diversos sectores sociais. É precisamente a forma de lidar com estes desafios, e a tomada de decisões estruturantes nesse âmbito, que presidirá à definição de uma Política Demográfica, para a qual contribuirão em grande medida as análises e estudos aos resultados dos censos levados a cabo em 2011.

Finalmente, o quarto pilar destas LAG para 2012 é a chamada Governação Científica, que passa, como explicou Chui Sai On, por uma série de medidas que têm como objectivo não só agilizar a Governação – tornando-a mais pragmática e direccionada para a resolução directa dos desafios sociais e económicos –, como também dotá-la de bases científicas que permitam a correcta tomada de decisões.

O desenvolvimento da economia passa necessariamente pela sua diversificação.

O Governo vai continuar a impulsionar o desenvolvimento de sectores económicos actualmente já em expansão, nomeadamente o das Convenções e Exposições e o das Indústrias Criativas

PRINCIPAIS LAG

· ADMINISTRAÇÃO E JUSTIÇA ·

- Adopção de normas para consulta de políticas públicas
- Reforço do regime de responsabilidade e integridade
- Aumentar capacidade de resposta dos centros de serviços
- Definir prioridades legislativas nos assuntos cívicos e municipais
- Aperfeiçoar regimes legais das profissões
- Adoptar a Lei da Segurança Alimentar
- Elevar o profissionalismo na área do Direito

· ECONOMIA E FINANÇAS ·

- Redução de 25% no Imposto Profissional
- Controlar a dimensão e o desenvolvimento do sector do jogo
- Impulsionar o sector das Convenções e Exposições
- Reforçar plataforma de serviços na cooperação China-Países de Língua Portuguesa
- Aumentar crédito sem juros às PME
- Aprofundar reforma do regime de finanças públicas
- Diversificar canais de abastecimento de alimentos

· SEGURANÇA ·

- Aumentar capacidade de resposta à criminalidade
- Controlar tendências do crime organizado
- Instalar videovigilância para segurança rodoviária e pública
- Optimização da gestão dos Serviços de Imigração
- Ajustar contingência da protecção civil

· ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA ·

- Aumentar subsídios para idosos e pensão de velhice
- Elevar índice mínimo de subsistência (3200 patacas)
- Maiores abonos de residência provisórios
- Promover qualidade da assistência médica
- Reforma do regime do ensino superior
- Aumentar qualidade de prestação de serviços de turismo

· TRANSPORTES E OBRAS PÚBLICAS ·

- Prosseguir com a construção de 19 mil habitações públicas
- Criar reserva de terrenos para habitação pública
- Concluir construção da Universidade de Macau na Ilha da Montanha
- Implementar Política Geral de Trânsito e Transportes
- Concurso Público para 200 licenças de táxi
- Liberalização do mercado das telecomunicações
- Reforço da protecção ambiental



DE OLHOS POSTOS NA CHINA

Líder mundial na indústria da cortiça, a Amorim está satisfeita com o acordo que assinou este ano para reforçar o segmento dos revestimentos na China. A garantia é de Carlos de Jesus, o director de *marketing* da empresa, cujas fábricas em Portugal abriram as portas à revista Macau

Texto: Patrícia Lemos | Fotos: Paulo Cordeiro, em Portugal



A Corticeira Amorim conta 140 anos de história e uma produção anual que já ultrapassa os três mil milhões de rolhas para um consumo de 12 mil milhões destes vendedores a nível mundial. Pela sua linha de produção passam ainda outros produtos, como juntas para automóveis, peças para penas de badminton e revestimentos. E é nesta última área que está a sua última grande fé no mercado chinês. No ano passado, a empresa portuguesa abriu uma fábrica em Xian, na Província de Shaanxi. O objectivo era aumentar e muito o volume de negócios que já ascendia aos dez milhões de euros por ano (menos de dois por cento da facturação anual com cortiça em todo o mundo). O director de *marketing* da empresa, Carlos de Jesus, garante que a Amorim está satisfeita com a aposta na China, onde regista um volume de

vendas actual de mais de 12 milhões de euros. Na passada Primavera, reafirmou o seu interesse ao celebrar um acordo com a Hi-Step para a distribuição exclusiva dos produtos Wicanders na China, porque é a maior sociedade retalhista desse país, especializada em revestimentos de cortiça *premium* para piso e parede. Esta operação fortalece a liderança da empresa no segmento dos revestimentos de cortiça para pavimentos e paredes no mercado chinês.

Se na área das rolhas a Amorim tem uma longa tradição na exportação, onde se inclui a China - “Nos anos 60 já exportávamos para lá”-, no que toca a revestimentos, um produto que é diferente por também ser orientado para o consumidor, a corticeira só está presente no país desde 2003. Por isso sentiu necessidade de ter um aliado no país. “É importante ter um parceiro lo-

NEGÓCIOS

cal”, aponta Carlos de Jesus, ao considerar que a China não tem uma logística fácil.

O director de *marketing* da empresa não tem dúvidas de que a sustentabilidade associada à cortiça é importante para a China, um país com as preocupações ambientais do mundo mais desenvolvido. Além desse factor, dois outros momentos têm contribuído para a crescente popularidade da cortiça na China. Carlos de Jesus explica que a campanha institucional internacional para materiais de construção e de *design*, levada a cabo pela Associação Portuguesa da Cortiça (APCOR), foi muito importante nesse sentido. O mesmo se poderá dizer do Pavilhão de Portugal na Expo 2010, em Xangai.

Outras iniciativas da Amorim têm ainda pesado na cada vez maior familiaridade dos chineses relativamente a este produto nobre português. “Todas as garrafas servidas na Aldeia Olímpica dos Jogos de Pequim, em 2008, tinham as nossas rolhas.” Certo é que o aumento do nível de vida dos chineses, aliado a uma maior curiosidade sobre o estilo de vida ocidental, também tem feito aumentar o negócio das rolhas, como por exemplo as de champanhe, que registam “uma das maiores taxas de crescimento a nível mundial, pelo que a China também se inclui.”

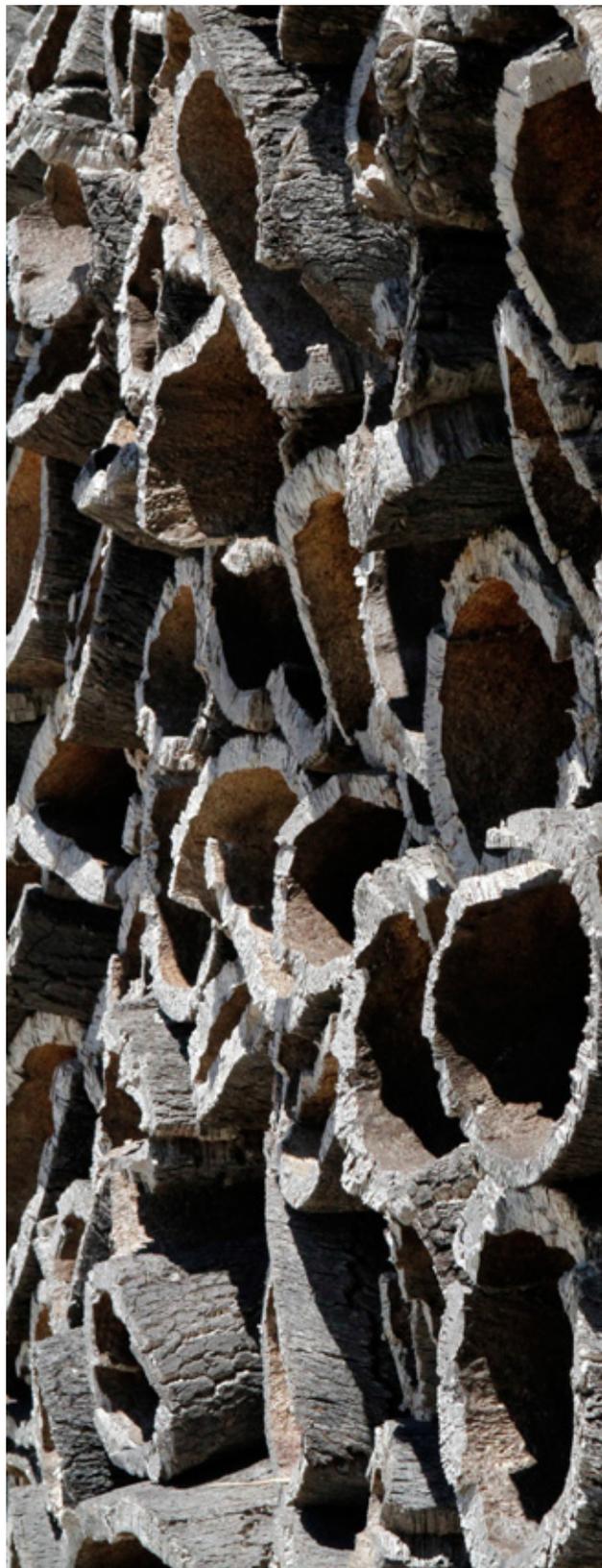
A corticeira aposta assim no mercado chinês de forma consolidada, aproveitando as oportunidades reais sem ambições desmedidas. E claro, “Macau é a ponte natural entre os dois países”, assegura o responsável.

EM PÉRIPO PELAS FÁBRICAS

É em Coruche, perto dos sobreiros, que arranca a produção da casca de sobreiro. Na *Amorim Natural Cork, S.A.* saltam à vista as pilhas de pranchas de cortiça. Parecem carcaças de crocodilos ao sol. Ali ficam em repouso pelo menos seis meses, a torrar no cimento, longe da madeira e outros materiais para evitar a contaminação. Nesse enorme estaleiro apanham o sol do Verão e a chuva do Inverno.

Àquele tablado cinzentão em brasa chegam todos os dias muitos camiões para carregar de pranchas de cortiça já tratadas. Um a um são pesados já com a carga de dez toneladas, não vá o material “perder-se” no caminho até às fábricas do Norte, onde os veículos passam de novo pela balança.

No interior da fábrica a temperatura cai, mas





não no interior dos tanques, onde a cortiça mergulha na água a 95°C. Todos os dias são cozidas 40 toneladas de cortiça. Antigamente, a cortiça ficava de molho, agora, rebola na água que é constantemente filtrada. Quando saem das enormes gaiolas de aço, as pranchas já estão secas. Ao longo de uma hora aquela matéria-prima perde as impurezas e a microflora, expande-se em cerca de 20 por cento e obtém uma textura mais macia. Porém, as pranchas só perdem o feitio arredondado do tronco no repouso que se segue e que dura algumas semanas.

Assim se estabiliza a cortiça que depois é transformada: cortada em tiras e perfurada com uma broca para obter o formato cilíndrico que caracteriza a rolha. O que sobra é, por exemplo, transformado em aglomerado, sendo variadas as aplicações.

Em Coruche produzem-se rolhas e a linha de montagem inclui mesmo robôs que cospem milhões de discos de cortiça por dia para fazer as rolhas *twintop* (com um disco no topo e outro na base). Porém, a maioria da matéria-prima segue para o Norte do país. Aí se encontram mais fábricas da marca Amorim, cada qual numa área, das rolhas de champanhe às capsuladas, passando pelas rolhas naturais, as *twintop*. Mas há mais: em Santa Maria de Lamas encontra-se ainda um museu da cortiça, que era a antiga casa da família Amorim, e um laboratório onde são testados novos produtos e realizadas 12 mil análises à cortiça todos os meses.

葡萄牙
PORTUGAL

EXPO XANGAI 2010

Só para o Pavilhão de Portugal na Expo de Xangai a Corticeira Amorim enviou para Xangai 5500 metros quadrados de cortiça

3640 metros quadrados para a fachada do edifício

1100 metros quadrados para pavimentos interiores

780 metros quadrados para o conjunto de soluções técnicas

AMBIENTE



**HOLDING CORTICEIRA AMORIM,
S.G.P.S., S.A.**

**60 %
DAS NECESSIDADES
ENERGÉTICAS
SATISFEITAS A PARTIR DE
FONTES RENOVÁVEIS**

**14 MIL
TONELADAS DE CO2
RETIDAS PELAS
FLORESTAS DE SOBRO
MUNDIAL POR ANO**

**43 MILHÕES
DE ROLHAS
RECICLADAS EM 2010,
DANDO ORIGEM A
OUTROS PRODUTOS**

**74 %
DOS RESÍDUOS
GERADOS
SÃO VALORIZADOS**

O OURO DO SOBREIRO

Não vimos os sobreiros à tardinha como manda a fotografia. Foi mesmo pela manhã que conhecemos o montado da Herdade da Quinta Grande, em Coruche. Nem a sombra da grande copa dos sobreiros protegia os tiradores que ali ficariam até o calor se tornar insuportável. É o tempo de descortiçamento

Texto: Patrícia Lemos | Fotos: Paulo Cordeiro, em Portugal



Ao longe parecem homens rudes de machado na mão, trepando pelas árvores e desferindo golpes na casca dos sobreiros. Estes tiradores só despelam as árvores com mais de 25 anos e um número dois (de 2002) desenhado no ventre, porque a cortiça fica naquele agasalho durante pelo menos nove anos. “Chama-se a isso um novénio”, explica a engenheira Mariana Ribeiro Telles, técnica da Associação de Produtores Florestais do Concelho de Coruche e Limitrofes (APFC). Conhece bem os termos que habitam os montados (ver “Glossário do Tirador”). E explica: “São nove as linhas”. O indicador, colado à espessura da cortiça, conta veio a veio. E por aí se vê se os anos foram secos, mais ricos, se houve bicho ou não. É o tempo gravado na cortiça, uma das matérias-primas que mais dá a ganhar a Portugal, onde a exploração do ouro do sobreiro é realizada a partir de um processo ambientalmente sustentável.

Para fazer o descortiçamento, “um machado basta”, porque “qualquer pessoa consegue fazer este trabalho”, assegura Albino, de 62 anos, que é tirador há 30. Mas há “árvores ruins como esta”. E aponta para uma já descortiçada que tem pele de galinha. Há casos bem piores. Mariana Ribeiro Telles explica que a maior praga que anda nos sobreiros agora é a cabrilha, “que entra pela cortiça virgem” na parte de cima da árvore. Se para Albino a cortiça já foi melhor, para a engenheira os terrenos nunca estiveram tão bem tratados: “Não se trata de fazer apenas o descortiçamento. É preciso cuidar dos montados para que a cortiça tenha qualidade”. Hoje em dia, há muito mais consciência ambiental e a beleza da paisagem daquela herdade é prova disso mesmo, com os terrenos limpos e os sobreiros bem afastados uns dos outros - a cerca de cinco metros de distância - para que os troncos alarguem. Ali estão de raízes à larga, a receber os nutrientes daquelas terras arenosas e de baixa fertilidade. São terras pobres mas o sobreiro não precisa de muito para dar a cortiça.

Ainda que não seja exigente, esta árvore tem um ciclo a ser respeitado. Só ao fim de 50 anos é que a cortiça está boa para fazer rolhas naturais. E, apesar de serem só os homens a despelar os troncos - as mulheres juntam os molhos das pranchas para levar para as fábricas -, parece que o talento do tirador não se mede pela força.



CORTIÇA

Valor ambiental

- conserva os solos
- regula o ciclo da água
- diminui as emissões de carbono
- conserva a biodiversidade
- 100 cento natural, reciclável e reutilizável

Qualidades

- muito leve
- impermeável a líquidos e a gases
- elástica e compressível
- excelente isolante térmico e acústico
- combustão lenta
- muito resistente ao atrito

Composição química

- suberina (45%)
- lenhina (27%)
- polissacáridos (12%)
- ceróides (6%)
- taninos (6%)

Quem o diz é Cristalino, de 33 anos. “É preciso ter jeito”, garante do alto de um sobreiro. Mas o colega Fernando, de 40, avisa “se não houver força não há jeito”. E solta uma gargalhada. Cristalino acompanha o alarido sem tirar os olhos da cortiça.

É assim durante as campanhas: contam-se piadas, fala-se do futebol, trocam-se provocações. Mas o machado está sempre a trabalhar. As incisões longitudinais são feitas ao redor do tronco, com a lâmina a rasgar pelas linhas da cortiça, que só os tiradores vêem. Depois é soltar a casca com cuidado, com a ajuda da cunha do machado para a descolar. Pode não ter muita ciência, mas arte é o que não falta a este ofício. Fernando tem a sua fórmula: “Isto é simples. Quanto menos cortes, menos trabalho e quanto maior for a prancha de cortiça, mais pesada é e mais dinheiro rende”.

O tirador Cristalino herdou o gosto pelo campo do avô e do tio. “Andei sempre no mato.” Se não está a descortiar no Verão, nas campanhas que duram entre dois e três meses, anda na apanha da pinha. Só há um senão nesta labuta - as formigas. “Mordem e não é pouco.” Não tem a pele grossa de Albino que pouco se rala com os bichos: “Elas hão-de cansar-se de morder.”

Cristalino não receia os acidentes, mas confessa que já apanhou um grande susto no montado. Um colega deixou cair um machado, enquanto descascava um dos ramos do sobreiro. Rasgou-

lhe a barriga. “Está a ver?”, diz levantando a t-shirt. “Aqui está a cicatriz.” O golpe vê-se à distância, embora o tempo o tenha rosado. Há umas décadas o risco de acidente para estes trabalhadores do campo era bem maior.

“Não nos pergunta como era o antigamente?”, dispara um dos tiradores mais experientes, franzindo o sobrolho. Tanto Albino como os colegas fartam-se de dar entrevistas. “Ui... isto em tempo de campanha vem cá muito jornalista”, garante Fernando. De machado a pesar como pena na mão, Albino não perde tempo e atalha: “Antigamente era assim: trabalhávamos descalços e sem luvas. Ao fim do dia tínhamos as mãos pretas”. E nisto, Cristalino descalça-se e sobe a um sobreiro, colando os pés como ventosas no tronco. Albino passa a narrador: “Está a ver? Era assim que se fazia há 30 anos, quando eu comecei. E já o meu avô fazia isto”. Naquela altura usavam-se uns “tamancos”. Agora as solas de borracha fazem a vez das plantas dos pés. Mas nem tudo mudou no descortiçamento, ainda que as máquinas tivessem namorado os sobreiros. “Não é a mesma coisa que um tirador”, explica Mariana Ribeiro Telles. Porque os troncos são todos diferentes uns dos outros. O machado golpeia sem tocar com o gume na derme do sobreiro, o entrecasco. Quando a lâmina “foge”, faz ferida que deixa cicatriz na cortiça depois do novénio que leva até à próxima extracção.



GLOSSÁRIO DO TIRADOR

Amadia

Terceira cortiça tirada. É de maior qualidade, sendo por isso a mais valorizada, e a única que pode ser utilizada para o fabrico de rolhas naturais.

Cabrilha

Insecto que abre longas galerias no entrecasco e é considerado uma praga.

Campanha

Período de tempo nos meses de Verão em que se faz o descortiçamento.

Entrecasco

Casca tenra que fica aderente ao sobreiro depois de se tirar a cortiça.

Molheiras

Mulheres que vão juntando em molhos as pranchas de cortiça que os homens tiram ao sobreiro.

Montado

Conjunto de sobreiros plantados e tratados pelo homem.

Novénio

Nove anos em que o sobreiro não é descortiado.

Prancha

Cortiça preparada, de qualidade, pronta para ser processada.

Rolhas naturais

Feitas de um só pedaço de cortiça.

Segundeira

Cortiça que se tira nove anos depois de extraída a virgem.

Sobreiral

Bosque de sobreiros, sem intervenção humana.

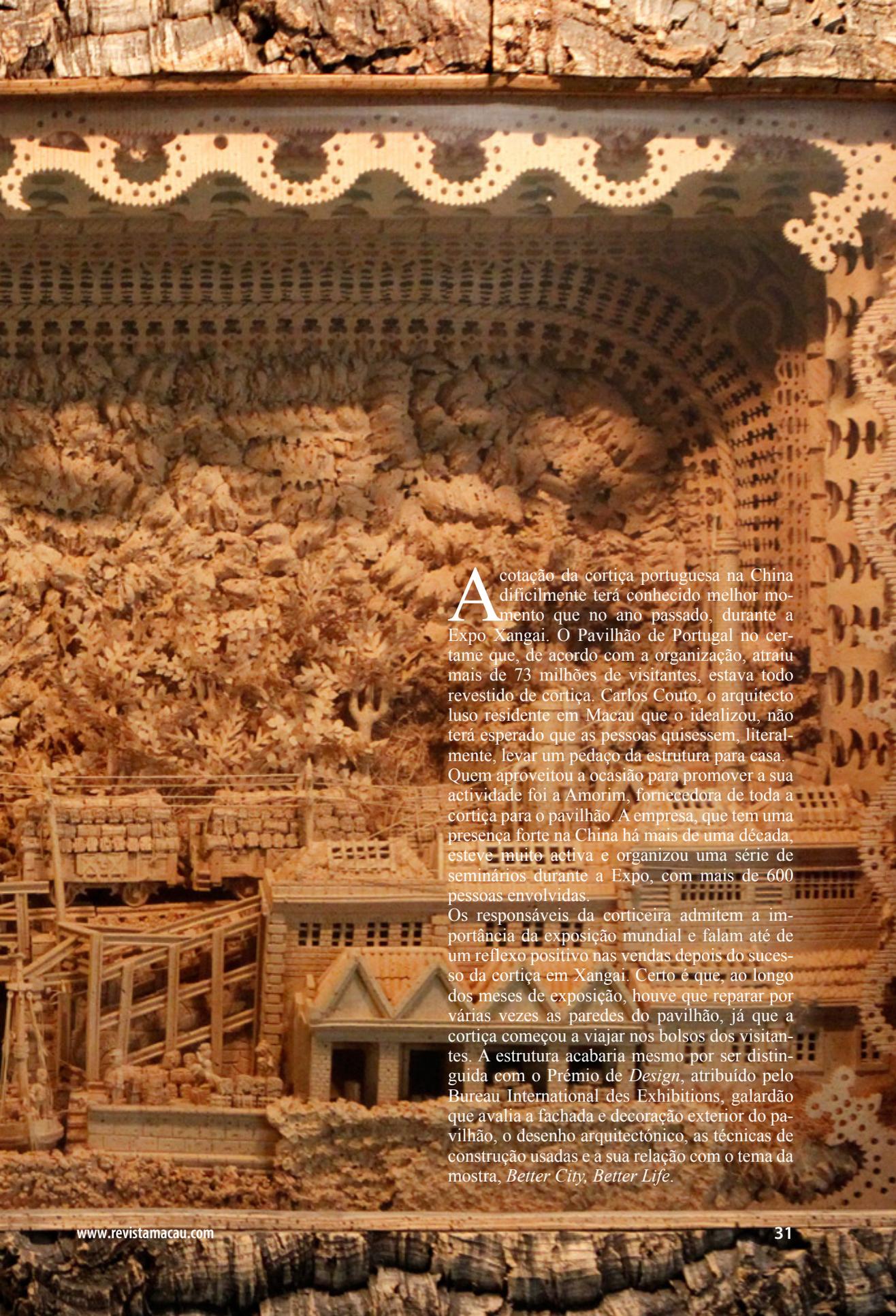
Tirar

Descortiar o sobreiro.

NA CHINA E NA CORTIÇA, MESMO COM A CRISE

A presença da Amorim no mercado chinês como exportadora e importadora tinha um capítulo essencial: a abertura de uma fábrica em Xian, na Província de Shaanxi. O projecto atrasou-se com a crise internacional mas está prestes a inaugurar. A Expo Xangai deu um fôlego importante

Texto: Hélder Beja | Fotos: Paulo Cordeiro, em Portugal



A cotação da cortiça portuguesa na China dificilmente terá conhecido melhor momento que no ano passado, durante a Expo Xangai. O Pavilhão de Portugal no certame que, de acordo com a organização, atraiu mais de 73 milhões de visitantes, estava todo revestido de cortiça. Carlos Couto, o arquitecto luso residente em Macau que o idealizou, não terá esperado que as pessoas quisessem, literalmente, levar um pedaço da estrutura para casa. Quem aproveitou a ocasião para promover a sua actividade foi a Amorim, fornecedora de toda a cortiça para o pavilhão. A empresa, que tem uma presença forte na China há mais de uma década, esteve muito activa e organizou uma série de seminários durante a Expo, com mais de 600 pessoas envolvidas.

Os responsáveis da corticeira admitem a importância da exposição mundial e falam até de um reflexo positivo nas vendas depois do sucesso da cortiça em Xangai. Certo é que, ao longo dos meses de exposição, houve que reparar por várias vezes as paredes do pavilhão, já que a cortiça começou a viajar nos bolsos dos visitantes. A estrutura acabaria mesmo por ser distinguida com o Prémio de *Design*, atribuído pelo Bureau International des Exhibitions, galardão que avalia a fachada e decoração exterior do pavilhão, o desenho arquitectónico, as técnicas de construção usadas e a sua relação com o tema da mostra, *Better City, Better Life*.

FÁBRICA A POSTOS

Na China, a presença no terreno é fundamental. Foi por isso que a Amorim decidiu, ainda antes de 2008, abrir uma fábrica de transformação de cortiça na cidade de Xian, na Província de Shaanxi. Só que a crise económica afectou o mercado à escala global e a Amorim, que é uma empresa com negócios em vários continentes, sentiu as consequências.

O projecto atrasou-se mas não parou. A fábrica está pronta para abrir portas, faltando apenas resolver algumas questões burocráticas. Além de Mário Costa, o representante comercial da Amorim na China, a empresa lusa conta ainda com um especialista português a viver a tempo inteiro em Xian e a acompanhar todas as etapas de desenvolvimento da nova unidade.

Em relação aos planos anteriores à crise, algumas coisas mudaram. A fábrica e o terreno onde ficará alojada são de menor dimensão do que inicialmente se previa. O investimento ronda os

3,8 milhões de euros (cerca de 42 milhões de patacas) e, quando a operação estiver a todo o gás, é de prever que possa vir a empregar perto de 70 funcionários, todos locais à excepção da pessoa que dirigirá a unidade.

No começo, a produção ficará limitada a produtos como *memoboards* (os quadros de cortiça) e bases para copos e tachos. A empresa sentiu necessidade de deslocalizar a manufactura destes produtos para a China por dois motivos: primeiro, porque é um mercado onde há muita concorrência local e é necessário responder depressa às encomendas que surgem nesta região do mundo; depois, porque a cortiça existente na China é adequada para estes objectos e tem um preço competitivo.

No que toca a produtos mais caros, como pavimentos, a empresa ainda não sente necessidade de trazer a produção para Xian – a qualidade do material ainda se sobrepõe ao tempo de espera que implica a vinda de um carregamento de Portugal.



42 são estes os milhões de patacas que a Amorim investiu na fábrica que está prestes a abrir em Xian

35 dias é quanto um carregamento de material originário de Portugal demora a chegar ao porto de Tsingtao, no Interior da China

50% da quota de mercado de pavimentos de cortiça na China é detida pela Amorim. O mesmo se aplica ao fornecimento de rolhas para vinho



COMPRAR BEM, VENDER MELHOR

No sector da cortiça, a Amorim tem mais de 50 por cento da quota de mercado no que toca a pavimentos e outros materiais para construção. Nas rolhas para vinho, produzidas numa unidade em Pequim, os números são também próximos. Mas, para vender, é preciso estar no mercado como um todo. Isto é: para vender é preciso comprar.

Mas vamos às vendas. Para a Amorim, a China representa qualquer coisa como 350 mil a 400 mil metros quadrados de pavimento de cortiça, num universo anual de 8,5 milhões de metros quadrados vendidos. É por isso ainda um mercado pequeno, em desenvolvimento. A cortiça não triturada e não aglomerada é um material caro – um metro quadrado de pavimento pode ir de 500 yuans a mais de mil – e além disso a China é um dos maiores fabricantes mundiais de pavimentos de toda a ordem, com grande incidência nas madeiras, que concorrem directamente com a cortiça.

É por isso que os projectos fornecidos pela Amorim são normalmente empreendimentos de qualidade, vários privados e outros públicos, como auditórios e jardins de infância. Há alguns anos, a empresa forneceu, por exemplo, cortiça para o isolamento acústico de dez auditórios da responsabilidade do Governo de Hong Kong. Espalhados pelo país asiático, a Amorim conta hoje com mais de 300 postos de venda. E a empresa assegura que faz questão de ser selectiva e não vender os seus produtos onde quer que seja. Antes de chegar aos revendedores chineses, a linha de produtos da Amorim atravessa oceanos durante 35 dias de navegação, o tempo necessário para chegar de Portugal ao porto da cidade de Qingdao, também conhecida como Tsingtao.

É também através do entreposto marítimo da cidade, que se tornou famosa pela cerveja que ali se produz, que parte para Portugal a matéria-prima comprada na China. Não existem sobreiros genuínos no país, apenas uma árvore da família do sobreiro que cresce selvagem e da qual se retira a cortiça.

O material, adquirido sazonalmente e sempre no Verão (a melhor época para retirar a cortiça), é menos elástico e versátil que o conseguido em Portugal e noutros países, mas depois de triturado e aglomerado torna-se muito semelhante e serve na perfeição para a produção de objectos menos exigentes, como bases para utilizar na cozinha.

Nos contentores que seguem até ao Atlântico, toda a cortiça comprada na China vai já triturada. A ideia, ao avançar com a fábrica em Xian, seria passar a transformar imediatamente toda a matéria-prima comprada na China. Mas com a mudança de planos, e a menor dimensão da unidade, uma boa quantidade continuará a seguir para Portugal. A Amorim chega a gastar mais no transporte do que na cortiça propriamente dita. Só que comprar é também um modo de estar no mercado, que não pode ser descurado. Muito menos num país com o potencial de negócios da China.



A FORÇA UNIFICADORA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Sete países, uma região e um idioma em comum são a receita encontrada para fomentar as trocas comerciais e o desenvolvimento económico.

Macau cumpre o papel de mediador entre quem fala chinês e português desde a criação do Fórum Macau, há oito anos, que entrou em 2011 numa nova fase: a de formador de talentos lusófonos

Texto: Lia Coelho | Fotos: António Mil-Homens



Angola, Brasil, Timor-Leste, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Macau. Sete países e uma região que se querem cada vez mais próximos. Para que tal se proporcionasse para além de trocas comerciais, foi inaugurado, há um ano, o Centro de Formação do Fórum Macau.

“A partir daí e respeitando o anúncio do primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, em Novembro passado, foram iniciados vários cursos a decorrer até ao final de 2011”, frisa Rita Santos, secretária-geral adjunta do Secretariado Permanente do Fórum de Macau.

Cinco cursos que abrangeram áreas como a gestão hoteleira, saneamento e saúde pública, modernização administrativa, empreendedorismo e, a fechar o ano de 2011, o curso de topografia, solicitado e direccionado para técnicos de Timor-Leste. “O objectivo até 2013 é formar 500 autoridades de língua portuguesa”, afirmou Rita Santos.

Os temas dos cursos “seguem as necessidades

dos países participantes”, como refere o secretário-geral adjunto do Secretariado Permanente do Fórum Macau, Marcelo Pedro D’Almeida. Assim, os países de língua portuguesa solicitam a Macau que realize cursos que possam vir a dotar os seus recursos humanos e que possibilitem, desta forma, melhorias no sistema e no investimento dos respectivos países.

“Já nos tinham pedido a possibilidade de estágios na RAEM, então promovemos estes cursos com a participação da comunidade lusófona e principalmente para os países em vias de desenvolvimento, como o caso de África e Timor-Leste, que gostariam de partilhar experiências com o Governo da RAEM. Por exemplo, as comunicações são hoje em dia feitas maioritariamente por correio electrónico, mas há países que ainda não têm este sistema. São lacunas que gostariam de ver colmatadas e procuram Macau para isso”, explica Rita Santos.

Marcelo Pedro d’Almeida destaca ainda o empenho de todos os países para melhorar os seus

FÓRUM MACAU

sistemas administrativos, gerar mais trocas económicas e aprender conceitos novos, que levem a essas melhorias. “E naturalmente Macau, como plataforma que dinamiza todos os aspectos do Fórum, achou por bem aceder ao pedido dos respectivos países”, diz o responsável.

A RAEM solicitou então aos delegados de Secretariado Permanente, que, por sua vez, contactaram os respectivos países através dos ministérios para proceder à inscrição de cada participante. As despesas são suportadas pelo Fórum, “para evidenciar o papel de Macau como plataforma”, esclarece Rita Santos.

A média por país está limitada à participação de três a cinco pessoas, com cada turma a ser composta por cerca de 20 a 30 membros. Um número previsto para que o ensino seja de qualidade, ressalva Marcelo Pedro d’Almeida.

Macau não promove apenas. A Região quer também dar a conhecer ao mundo lusófono que aqui se fala português. A secretária-geral adjunta considera que “além da língua chinesa, o português também é uma língua oficial e muitos dos países que compõem a lusofonia desconhecem essa informação”. “Queremos ainda divulgar as nossas actividades na promoção da língua”, acrescenta.

Os cursos são para continuar, mas o programa para 2012 está ainda em fase de discussão. O secretário-geral adjunto adiantou que para já “existe um esboço, mas o calendário ainda não está definido” e deverá ter em conta as propostas dos participantes.

Do que já foi feito, Rita Santos avalia com saldo positivo e a provar está o alargamento do período de duração dos cursos. “Os primeiros dois módulos tiveram duração de apenas uma semana, agora são duas. Achou-se que sete dias era um período demasiado curto para conhecer Macau.”

Quem não conhece a realidade do que por cá se fala, chega e fica impressionado, porque se consegue comunicar em português. A secretária-geral adjunta contou que a primeira impressão que marcou a chegada dos participantes foi o facto de serem recebidos pela língua portuguesa e as ruas terem os nomes de historiadores portugueses, que eles também estudaram. “Sentiram-se em casa por causa da língua.” A curiosidade reside ainda nas publicações em duas línguas. Rita Santos deu o exemplo de Timor-Leste, que



* Marcelo Pedro D’Almeida, secretário-geral adjunto do Secretariado Permanente do Fórum Macau

tendo também o português como língua oficial, pode vir buscar a Macau “o como se faz” para implementar este sistema.

Na agenda dos cursos estão também viagens ao Interior da China, com os olhos postos no estreitamento de ligações com o Grande Delta Rio das Pérolas. Uma também forte aposta do Governo da RAEM, que quer aproximar-se das cidades vizinhas.



A VOZ DOS PAÍSES

Angola, um dos grandes parceiros actuais da China

Garcia Panzo, participante do curso de Modernização dos Serviços Públicos dos países lusófonos do Centro de Formação do Fórum Macau, veio de Angola, onde desempenha a função de chefe de Departamento para a Organização Administrativa do Governo Provincial de Luanda. “Tendo em conta o papel de Macau, nós, como países integrados na lusofonia, viemos aqui buscar alguns subsídios para contribuir que o nosso país melhore em termos de serviços fornecidos pela função pública”, explicou o angolano. Para Garcia Panzo, esta tem sido a grande luta de Angola – melhorar o funcionamento dos vários departamentos do Governo, para assim conseguir corresponder às expectativas da comunidade. “Este curso é imprescindível, vamos beneficiar como funcionários públicos para poder melhorar a vida da nossa população”, frisou.

Uma estratégia importante de um país que saiu

de uma longa guerra civil e que vive um momento de luta para reerguer as suas estruturas de funcionamento. “Estamos num bom caminho e queremos dar passos seguros e garantir à população uma sociedade segura e coesa”, avaliou. Para este participante, potenciar os recursos humanos de novos ensinamentos técnicos e científicos “é sempre positivo na melhoria de qualquer serviço”.

A Guiné-Bissau e os seus recursos naturais

Félix Gomes Teixeira, da Associação dos Naturais e Amigos da Guiné-Bissau, vê Macau como um exemplo para o sector do turismo. “Temos que ver o que a Guiné pode aprender com Macau. Talvez possamos levar ideias para desenvolver o turismo, mas não só. A nível de formação, também tentar aprender como fazer negócios – ver os procedimentos, tentar adaptar nos recursos humanos e, claro, angariar empresários que apostem em investir lá”, exemplificou.

O guineense fala em várias necessidades que o país enfrenta. O turismo é para ele uma potencialidade por explorar – uma vez que, a Guiné apresenta uma riqueza de recursos naturais e muitos locais paradisíacos que podem ser transformados em locais turísticos. Mas é preciso levar de Macau os homens de negócios para verem os recursos naturais em que podem apostar. Félix Teixeira deu o exemplo de uma empresa chinesa que já investiu no sector da pesca e que ajuda a escoar os produtos tirados e produzidos naquela terra de África.

Timor-Leste, o irmão mais novo da lusofonia

Mais perto geograficamente, mais ainda em fase embrionária de crescimento a todos os níveis, Timor reclama mais investimentos. Agostinho Martins, da Associação de Timorenses, ressalta a importância da manutenção da língua portuguesa para se preservar a união. “Neste momento temos uma polémica – a língua portuguesa. Além do que Macau está a fazer, os dirigentes têm que ver que o português beneficia Timor-Leste e não esquecer que a língua está consagrada na Constituição. O que nos marca é a língua.” Os governos da China, Macau e Portugal estão a dar as mãos a Timor e o Fórum é uma representação dessa ajuda – “usando aquilo que nos une, a língua”. Para este timorense, não se pode esquecer o passado e deve-se olhar o presente com humildade. “Timor não é um campo de futebol que todos lá vão para chutar a bola. Se deixarmos o português é uma perda”, afirmou. Macau é para o país um exemplo a seguir, visto que vive numa harmonia de um sistema, duas línguas.

O português representa união e sem ele a oportunidades de negócios não se faz. Nas palavras de Agostinho Martins, “sem a língua que os une, o negócio perde o valor”. Apesar desta crença e de considerar que Macau serve de incentivo, o timorense sublinhou que há que chamar empresários para Timor. “Desde 2003 nenhuma empresa investe no nosso país.”

Brasil, o outro grande parceiro

O mapa de cooperação deixa o continente africano e asiático e viaja até ao único país da América Latina que fala a língua lusa. Carla Fellini, uma das representantes da Casa do Brasil, realça a ponte para impulsionar um turismo estagnado, de uma

língua que precisa de ser mais promovida e de um porto de abrigo para brasileiros. “Há uma necessidade de colaboração, Macau tornou-se uma ponte entre a China e o Brasil, sendo os dois países actualmente grandes parceiros. Porque se fala português e chegar à China é muito difícil, porque só se fala chinês”, explicou.

Os brasileiros começaram a pisar o território há cerca de dez anos. A razão de emigrar tem sempre um ponto comum – a procura de uma vida diferente –, mas no caso do Brasil é também a fuga de uma realidade de violência e de dinheiro curto. “Macau é atractivo para os brasileiros que podem sair de uma vida de violência e baixa remuneração. Aqui têm trabalho, segurança, gostam e ficam”, contou Carla Fellini. Aqui têm criado raízes por causa da língua e pela cada vez maior possibilidade de gerar negócios. Duas economias emergentes que se tornaram grandes parceiros.

Do Fórum veio o convite de criar a Casa do Brasil há três anos e para se juntar e promover a cultura, também ela pertencente à comunidade lusófona. A associação veio permitir o reforço da informação e virar o consulado de Hong Kong para a região.

O Fórum, na opinião desta brasileira, ajuda a trazer pessoas, divulgar o território e a desenvolver parcerias. “O Fórum é também uma forma de reunir os brasileiros que vivem cá. É um ponto de referência, de contacto directo e ajuda a divulgar a nossa cultura”, sublinhou.

Uma cultura mais além de uns passos de samba e de futebol. O Brasil comunga da lusofonia, apesar de não se dar o devido valor. Mas a verdade é só uma: este país de culturas e raças tão distantes é lusófono e pode beneficiar dessa característica para fortalecer o próprio país. “O turismo lá está parado e nós temos inúmeras condições para o desenvolver.” A brasileira enumerou algumas atracções, como a floresta amazónica ou reservas naturais únicas. “Macau pode ser um bom divulgador do nosso sector turístico. O intercâmbio pode abranger mais áreas do que apenas o da construção civil e empresas.”

A educação também está na lista de benefícios entre as duas partes. “Existe muita gente em lista de espera para aprender português. Quem sabe o Brasil não possa trazer uma escola para o ensino da língua”, sugeriu ainda a brasileira.



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute



萌芽階段 - 企業之初長成

FASE DE GERMINAÇÃO - A empresa nasce e cresce

我們的服務 / SERVIÇOS DISPONIBILIZADOS PELO SMEC NESTE ÂMBITO :

- “一站式” 澳門經貿諮詢 / Serviço de informações e de consultadoria one-stop sobre a economia e o comércio de Macau.
- 中國內地市場營商諮詢 (包括內地商務顧問、珠海、江門商務諮詢聯絡點、中國貿促會澳門代表辦事處) / Serviço de consultadoria sobre o mercado no Interior da China (incluindo Serviço de Consultadoria sobre Negócios no Continente Chinês e Gabinetes de Ligação do Município de Zhuhai e do Município de Jiangmen em Macau e Gabinete de Representação do Conselho para a Promoção do Comércio Internacional da China (CCPIT, na sigla inglesa) em Macau.
- 會展活動資訊及諮詢 / Serviço de informações e de consultadoria sobre convenções e feiras
- 特許經營資訊及諮詢 / Serviço de informações e de consultadoria sobre franquias
- 最新經貿書刊閱覽 / Publicações mais recentes sobre a economia e o comércio



成長階段 - 蓄勢待發，創造營銷潛能

FASE DE CRESCIMENTO - Pronta para explorar potenciais oportunidades de negócio

我們的服務 / SERVIÇOS DISPONIBILIZADOS PELO SMEC NESTE ÂMBITO :

- 參與展覽展銷會之財務鼓勵 / Incentivos financeiros para participação em convenções e feiras
- 電子商務推廣鼓勵 / Incentivos para a promoção do comércio electrónico (e-commerce)
- 中小企業務推廣計劃 / Plano para as PMEs para a promoção das suas actividades comerciais



盛放階段 - 掌握交流機遇、覓成合作

FASE DE FLORASÇÃO - Agarrar as oportunidades e concretizar parcerias

我們的服務 / SERVIÇOS DISPONIBILIZADOS PELO SMEC NESTE ÂMBITO :

- 提升競爭力之工作坊 / Workshops para elevar a capacidade empresarial
- 商務交流會 / Actividades de intercâmbio comercial
- 海外商品/服務推介 / Promoção de produtos e serviços dos países do exterior

服務企業

培育商機

Servimos as PMEs
na nutrição
de oportunidades
de negócio

SMEC
中小企服務中心
SME Service Center

澳門貿易投資促進局 - 中小企服務中心 / Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau - Núcleo de Serviço às PMEs

地址：澳門宋玉生廣場263號中土大廈19樓 / Morada: Alameda Dr. Carlos d'Assumpção, 263, China Civil Plaza Building, 19º andar, Macau

電話 Tel: (853) 2872 8212 傳真 Fax: (853) 2872 8213 電郵 E-mail: smec@ipim.gov.mo 網址 Website: www.ipim.gov.mo/smec

LUSOFONIA CARA-A-CARA

Quem são os principais representantes dos países lusófonos na China? Aqueles que são as verdadeiras pontes entre a China e as nações de expressão portuguesa? A Revista Macau apresenta os diplomatas dos países lusófonos em solo chinês, mostra por onde estiveram e quais são as suas áreas de interesse

Texto: Alexandra Lages

São 15 os representantes dos países de língua portuguesa na China. À exceção de S. Tomé e Príncipe, que não possui relações diplomáticas com a China, todos os países lusófonos, da América Latina a África, passando pela Europa e pela Ásia, têm representações diplomáticas no país.

Algumas nações, como Portugal, Angola e Brasil, estabeleceram mais do que uma representação em território chinês, o que demonstra que a diplomacia lusófona na China está em clara expansão. O Brasil, por exemplo, inaugurou este ano uma representação consular na cidade de Cantão, capital da Província de Guangdong. Em Macau, existem consulados-gerais de Portugal e Angola, enquanto Cabo Verde, Moçambique e Guiné-Bissau estabeleceram representações honorárias. Por sua vez, Hong Kong recebeu, no início deste ano, um novo consulado-geral de Angola. Já em Pequim, a nova “aquisição” lusófona é a Embaixadora Extraordinária e Plenipotenciária de Timor-Leste, que domina a língua chinesa.





CÔNSUL-GERAL NA RAEM

O ministro conselheiro Pedro Sobrinho foi nomeado em Julho o segundo cônsul-geral em Macau. Pedro Sobrinho, 61 anos, foi durante oito anos ministro conselheiro na embaixada de Angola em Cabo Verde. O novo cônsul angolano em Macau tem o curso de Administração Pública da Escola Nacional de Administração Pública de Portugal e o mestrado em Relações Internacionais.



CÔNSUL-GERAL EM HONG KONG

Cupertino de Jesus Pio do Amaral Gourgel, 48 anos, foi nomeado Cônsul-Geral de Angola em Hong Kong em Fevereiro deste ano. Com licenciaturas nas áreas de Química, Oceanografia e *Marketing* por instituições de ensino superior angolanas, portuguesa e dos Estados Unidos, este é o primeiro cargo de diplomata que desempenha. Grande parte do seu currículo inclui cargos na companhia nacional de petróleo de Angola, Sonagol, onde desempenhava o cargo de director de *marketing* em Hong Kong.



EMBAIXADOR EM PEQUIM

João Garcia Bires é desde Outubro o novo embaixador de Angola em Pequim. Divide a vida da diplomacia com a escrita, sendo autor de três obras literárias. Depois de completar os estudos superiores na antiga União Soviética, exerceu o cargo de professor universitário e de vice-reitor da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique. No desempenho da actividade política, Garcia Bires exerceu o cargo de embaixador de Angola em Moçambique, em acumulação com o de embaixador extraordinário e plenipotenciário de Angola na Swazilândia e Malawi.



CÔNSUL-GERAL EM XANGAI

Marcos Caramuru de Paiva, 57 anos, natural do Rio de Janeiro, é um diplomata com uma longa experiência nas áreas financeira e econômica. Foi embaixador na Malásia entre 2004 e 2008, presidente da Unidade de Inteligência Financeira em 2003, secretário da divisão de Assuntos Internacionais no Ministério das Finanças entre 1996 e 2003, e diretor executivo do Grupo Banco Mundial durante três anos.

CÔNSUL-GERAL EM CANTÃO

Kywal de Oliveira, 65 anos, é natural do Rio de Janeiro e foi nomeado para dirigir o novo consulado-geral do Brasil em Cantão no ano passado. Licenciado em Ciências Jurídicas e Sociais pela antiga Universidade do Estado da Guanabara, iniciou a preparação à carreira de diplomata em 1971. A sua primeira missão chegou em 1976, ao ser nomeado segundo secretário da embaixada brasileira em Buenos Aires, Argentina. Desde então, passou por Roma, Madrid, La Paz e Miami, desempenhando vários cargos nessas embaixadas. A primeira nomeação como cônsul-geral teve lugar em 1995, em Sidney. Foi também embaixador em Timor-Leste e cônsul-geral em Roterdão. No seu percurso, recebeu várias condecorações não só do Brasil mas nos países por onde passou.

CÔNSUL-GERAL EM HONG KONG E MACAU

Antônio José Rezende de Castro nasceu no Rio de Janeiro há 63 anos. Em 2010, foi nomeado cônsul-geral para Hong Kong e Macau após ter encabeçado o Consulado do Brasil em Houston, nos Estados Unidos, durante três anos. Depois de se licenciar em Administração Pública em Brasília graduou-se, em 1971, pelo Instituto Rio Branco, a Academia Diplomática brasileira, ingressando na carreira diplomática. Após ter desempenhado várias funções no Ministério das Relações Exteriores, serviu como diplomata na Europa, na América Latina e como ministro-conselheiro em Tóquio. Assumiu as suas primeiras responsabilidades como Chefe de Missão no Consulado-Geral da Ciudad del Este, no Paraguai, em 2000, e foi promovido a embaixador em Dezembro de 2004, ocupando então o posto na Embaixada do Brasil no Quênia.





CÔNSUL-GERAL DO BRASIL EM PEQUIM

O embaixador Clodoaldo Huguency, 68 anos, é formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e em Ciências Económicas pela Universidade do Chile, tendo iniciado a preparação à carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores. Em 1993, assumiu o cargo de embaixador em Caracas (Venezuela). Assumiu vários cargos públicos no Ministério das Relações Exteriores, incluindo o de chefe do departamento económico e subsecretário para a integração e relações comerciais e económicas externas. Passou por Santiago, Washington, Londres, Bruxelas e Genebra a encabeçar missões diplomáticas, como as da Comunidade Europeia ou das Nações Unidas.

EMBAIXADOR DE CABO VERDE EM PEQUIM

Júlio César Freire de Moraes, nascido em Moçambique há 52 anos, é embaixador de Cabo Verde em Pequim desde Julho de 2005. Tem o grau de mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estatal de Kiev (Ucrânia), sendo fluente em russo. Antes de ser nomeado embaixador em Pequim, foi durante seis anos director-geral do departamento de Cooperação Internacional do Ministério de Negócios Estrangeiros, Cooperação e Comunidades. Grande parte da sua carreira foi feita nesse ministério. Porém, entre 1991 e 1994, assumiu funções de encarregado de negócios na Embaixada de Cabo Verde na Federação Russa.

CÔNSUL HONORÁRIO DE CABO VERDE EM MACAU

O empresário e ex-deputado à Assembleia Legislativa de Macau David Chow Kam Fai, 60 anos, natural de Hong Kong, foi nomeado Cônsul Honorário de Cabo Verde em Macau em 2001. O proprietário dos empreendimentos turístico Doca dos Pescadores e Landmark Macau é licenciado em Gestão Hoteleira com uma especialização na indústria do jogo. Foi eleito deputado por sufrágio directo pela primeira vez em 1996. Nas primeiras eleições após a transferência, o seu mandato foi renovado, tendo-se retirado da vida política em 2009. Em 2006, integrou a lista dos dez talentos da China e foi distinguido com o Prémio de Altruismo da China – Filantropo Benemérito do Ano 2008.





EMBAIXADOR DA GUINÉ-BISSAU EM PEQUIM

O embaixador Arafan Ansu Camara foi nomeado para dirigir a embaixada da Guiné-Bissau em Pequim em 2010. O veterano diplomata trabalhou na Suécia, na Guiné-Conacri e na ex-União Soviética.

EMBAIXADORA DE TIMOR-LESTE EM PEQUIM

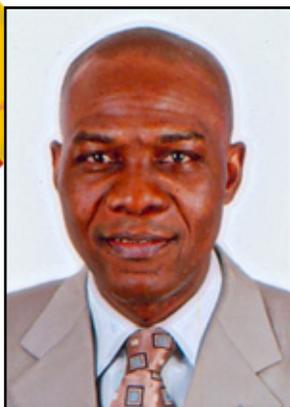
Vicky Tchong é a segunda embaixadora de Timor-Leste em Pequim. Foi nomeada em 2011 Embaixadora Extraordinária e Plenipotenciária. Tchong fez toda a educação primária e secundária em Díli e licenciou-se na Universidade Normal Nacional de Taiwan, prosseguiu estudos de pós-graduação na Universidade La Trobe, em Melbourne. Antes de ser nomeada para dirigir a embaixada timorense na capital chinesa, desempenhava funções de secretária-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros.



SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO DO FÓRUM MACAU

Marcelo Pedro D'Almeida, 55 anos, é desde Junho o novo secretário-geral adjunto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que tem sede em Macau. Natural de Farim, na Guiné-Bissau, Marcelo Pedro D'Almeida licenciou-se em Economia pela Universidade de Havana, em Cuba, onde também se especializou em Comércio Externo. Frequentou uma formação diplomática e consular em Portugal em 1990 e 1991 e iniciou carreira como economista no Gabinete de Estudos e Planificação do Ministério do Comércio e Turismo da Guiné-Bissau em 1993. Cumulativamente, desempenhou várias funções como administrador de empresas, encarregado de negócios em várias embaixadas guineenses espalhadas pelo mundo e na área da consultadoria, entre outros.





EMBAIXADOR DE MOÇAMBIQUE EM PEQUIM

António Inácio Júnior, 48 anos, foi nomeado para chefiar a Embaixada de Moçambique em Pequim em 2002. Nascido em Quelimane (costa de Moçambique), é licenciado em Relações Internacionais pelo Instituto Superior de Relações Internacionais de Maputo e possui um diploma em Ciências do Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade Moderna de Lisboa. Ingressou no Ministério moçambicano dos Negócios Estrangeiros em 1981. Em 1996, foi nomeado chefe do departamento de África e Médio Oriente e, em 1997, promovido a conselheiro do ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação. Antes de ser nomeado embaixador, desempenhou a função de director da divisão de África e Médio Oriente durante quatro anos.

CÔNSUL-GERAL DE PORTUGAL EM MACAU

Manuel Cansado de Carvalho, 52 anos, foi nomeado cônsul-geral de Portugal em Macau e Hong Kong em 2009. É licenciado em Direito pela Universidade Católica de Lisboa. Diplomata desde 1987, tem experiência em Relações Europeias, tendo também estado envolvido em questões de Defesa, na transição da Europa de Leste, direitos humanos e assuntos asiáticos. Esteve envolvido em todas as presidências portuguesas do Conselho da União Europeia e foi porta-voz da Presidência portuguesa, em Bruxelas, em 2007. Esteve presente como membro da delegação portuguesa em mais de 30 sessões do Conselho Europeu, incluindo o lançamento da Estratégia de Lisboa e o euro. Foi temporariamente embaixador de Portugal em Cabo Verde.



CÔNSUL-GERAL DE PORTUGAL EM XANGAI

Joaquim Alberto de Sousa Moreira de Lemos, 50 anos, é natural de Lisboa e licenciado em Direito pela Faculdade de Direito de Lisboa. A primeira função enquanto diplomata foi na embaixada de Brasília entre 1991 e 1995. Passou ainda pela embaixada de Madrid, onde desempenhou funções durante quatro anos. Foi nomeado cônsul-geral de Portugal em Lyon em 2004. Tornou-se especialista em assuntos do Mediterrâneo e chefiou a representação diplomática portuguesa na Tunísia. Chefia a delegação portuguesa em Xangai desde 2009.





EMBAIXADA DE PORTUGAL EM PEQUIM

O diplomata José Tadeu da Costa Sousa, 61 anos, natural do Porto, é embaixador de Portugal em Pequim desde 2010. Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, foi secretário-executivo adjunto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, director-geral dos Assuntos Comunitários e director de Serviços dos Assuntos Multilaterais. Foi também cônsul-geral em Paris e acumulou cargos de embaixador em vários países do Sudeste Asiático - Tailândia, Singapura, Vietname, Camboja, Malásia, Myanmar e Laos.

UMA FAMÍLIA
QUE QUER
CONHECER-SE
MELHOR

Texto: Alexandra Lages

A China e os países lusófonos são uma “família” que se formou há oito anos, diz Rita Botelho Santos, secretária-geral adjunta do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) e coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do mesmo Fórum. Estes dois mundos tão diferentes entre si estão a ver as relações económicas e comerciais a consolidar-se, mas “ainda há trabalho a fazer”. Além disso, a China e os países lusófonos querem apostar no intercâmbio cultural, como forma de promover uma “maior aproximação”.

Segundo Rita Santos, a saúde das relações entre a China e os países lusófonos está bem e recomenda-se. “Com a criação do Fórum Macau, em 2003, os laços de amizade e cooperação entre a China e os países de língua portuguesa aumentaram bastante. Antes, quando ia ao Interior da China e falava em países de língua portuguesa, as pessoas só conheciam Portugal e Brasil. Hoje

já sabem que também existem países africanos, nomeadamente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique, e também Timor-Leste na Ásia,” recorda. A responsável salienta que sem o contributo de Macau teria sido mais difícil construir esta família. “A RAEM beneficia da localização geográfica, da língua portuguesa como um dos idiomas oficiais e laços históricos para contribuir para a união entre os países. Muitas dessas pessoas [lusófonas] sentem-se bem integradas em Macau, como se fosse a sua casa. Os residentes desses países contam com o nosso apoio e estão a ser um bom veículo de comunicação para as próprias nações,” explica.

Ambos os lados cooperam hoje tanto ao nível económico e comercial como na Administração pública, promovendo encontros e acções de formação. Desde a criação do Centro de Formação do Fórum Macau na Universidade de Macau espera-se que esse nível de cooperação seja maximizado. O mesmo se aplica à área cultural.

“Depois da criação do Fórum, a China e os países de língua portuguesa têm um objectivo comum. Todos nós queremos trabalhar para o bem da família do Fórum Macau. Todos falamos com coração e esperança que o futuro seja brilhante em termos de cooperação económica e comercial. Também tem estado a alargar-se à área cultural”, salienta Rita Santos.

Desde 2008, o Fórum Macau apoia a organização da semana cultural dos países de língua portuguesa em Macau, que é posta em andamento anualmente pelo Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais e as associações lusófonas da RAEM, com a denominação de Festival da Lusofonia.

“A semana cultural é apenas a apresentação de espectáculos e das artes dos países, mas é também mais um caminho de cooperação que se reflecte depois na cooperação económica. O conhecimento mútuo das culturas permite uma maior aproximação e relação de amizade que se poderá desenvolver em outras áreas de cooperação”, frisa a secretária-geral, acrescentando que o volume de trabalho tem-se adensado ano após ano. “Ainda temos muito a fazer à nossa frente, o que significa que todos nós vamos continuar a dedicar a nossa atenção para que Macau possa ser uma plataforma plena.”

Rita Santos acredita que tem que haver uma maior consciencialização dos residentes de Macau para a importância de aprender e dominar o português e também o mandarim. “É importante para que qualquer empresário ou autoridade do Interior da China encontre rapidamente pessoas para poder comunicar na RAEM.”

O futuro das relações é bastante risonho. Pelo menos foi essa a mensagem transmitida na última reunião ministerial do Fórum organizada em Macau, em Novembro de 2010. “Ficou provada a importância que os dois lados imprimem ao Fórum Macau. Não só o primeiro-ministro da República Popular da China, mas também ministros dos países de língua portuguesa deram ênfase nos seus discursos ao papel de Macau para as relações luso-chineses. O primeiro-ministro Wen Jiabao salientou o seu reconhecimento do papel de plataforma de Macau, e avançou com a criação do fundo de desenvolvimento do Fórum e o estabelecimento do centro de formação em Macau. Medidas que dão uma nova vida ao organismo e também um novo rumo de desen-



Foto: António Mil-Homens

* Rita Santos, secretária-geral adjunta do Fórum Macau

volvimento.”

As trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa aumentaram 46,35 por cento em 2010, para 91,42 mil milhões de dólares norte-americanos, de acordo com dados divulgados pela alfândega chinesa. Os dados resultam de um ano de fortes trocas comerciais entre a China e todos os países de língua portuguesa, durante o qual Pequim vendeu produtos no valor de 29,56 mil milhões de dólares e comprou bens no valor de 61,85 mil milhões de dólares. O Brasil é o principal parceiro lusófono da China, seguido de Angola e Portugal.

PEÓNIA, A RAINHA DAS FLORES



MÁRCIA SCHMALTZ

Leitora e doutoranda
Universidade de Macau

Fotos: *dreamstime.com*

As flores constituem um importante elemento ornamental dentro do sistema simbólico dos rituais humanos. É difícil de imaginar um casamento, uma inauguração ou um ano novo, por exemplo, sem a presença das flores, não é mesmo? As flores são um símbolo auspicioso que sinaliza o desejo de frutos futuros, como a extensão de sentido do ciclo das plantas às nossas vidas. Quando adquirimos flores a cada entrada do Ano Novo Chinês, esse acto é a materialização da nossa vontade por um novo ano repleto de realizações.

Dentro do folclore chinês, as flores corporificam as quatro estações do ano e as referências não são unânimes: a íris

ou a magnólia representam a Primavera; a peónia e a lótus (flor-de-lótus) servem como alegoria para o Verão; o crisântemo, o Outono, e a ameixeira, o Inverno. Ainda é possível de se encontrar listas relativas às flores dos 12 meses do ano, que variam de região para região, de acordo com o que a natureza disponibiliza. Entretanto, o que há de comum entre as listas, como nos conta Eberhard (2000, 110), é o damasco figurar como a flor do segundo mês lunar; o pessegueiro, do terceiro; a flor de lótus, do sexto; a canela chinesa, do oitavo, e o crisântemo, do nono mês lunar.

Proveitos políticos também foram tirados das flores. O presidente Mao levantou a



Campanha das Cem Flores (百花齐放·百家争鸣) (1956-57), assim chamada pela frase: “Deixe cem flores florescerem juntas, deixe cem escolas de pensamento competirem”, visando a promover uma maior oxigenação das ideias e críticas dentro do regime, numa analogia do pensamento à planta, que desabrocha em flor de ideias.

Mas qual seria a flor representante do Império do Meio? Isso é tão controverso, que até hoje não se chegou a nenhuma conclusão. Numa rápida retrospectiva da história contemporânea chinesa, constata-se que a peónia foi declarada como a flor nacional no final da dinastia Qing, em 1903, e, revogada, em 1929, pelo

Governo Republicano, que promulgou a ameixeira em seu lugar, mas que deixou de ser um símbolo nacional, com a proclamação da República Popular da China, em 1949, quando todos os símbolos nacionais anteriores foram revogados, e nenhuma decisão foi tomada em relação à flor nacional. Apenas mais tarde, em 1981, que alguns botânicos reivindicaram uma definição quanto à flor símbolo da nação. Nenhuma decisão fora tomada, além de ter suscitado calorosos debates em programas de auditórios televisivos. Em 1986, durante a 4.^a sessão plenária da 6.^a Assembleia Popular Nacional, mais de 70 delegados propuseram a ameixeira como a flor nacio-

nal. O projecto não foi apreciado. Mas, em 1994, durante a 2.^a sessão plenária da 8.^a Assembleia Nacional Popular, foi aprovado o Projecto de Lei n.º 440 que solicitava uma definição sobre a flor nacional. O projecto foi encaminhado ao Ministério da Agricultura, que por seu turno constituiu uma comissão encabeçada pela Associação Chinesa de Floriculturistas para a análise da matéria. Não muito tempo depois, se promoveu uma pesquisa dentre as 31 províncias, regiões e municípios directamente subordinados ao Governo Central, bem como debates publicados na revista da referida associação, que mobilizou várias opiniões de diversos estratos sociais chineses.

O resultado da pesquisa revelou uma multiplicidade de opiniões, onde 18 províncias indicaram a peónia e 13 indicaram quatro flores, simbolizando cada uma das estações, nomeadamente a peónia, a ameixeira, o crisântemo e a flor-de-lótus, sendo que duas províncias propuseram a orquídea no lugar da lótus. Ao final, a comissão propôs unanimemente a peónia como a flor nacional chinesa, tendo outras quatro flores representadas das estações: a ameixeira representando o Inverno, a orquídea, a Primavera; a lótus, o Verão, e o crisântemo, o Outono. Contudo, o Ministério da Agricultura não encaminhou para a aprovação da Assembleia Popular Nacional, o que significa dizer que, até o momento, a China não possui uma flor como símbolo nacional oficial.

Enfim, independente duma



TRADIÇÕES

apresenta-se como uma flor importante dentro da simbologia chinesa, junto à flor-de-lótus, à ameixeira, ao crisântemo e à orquídea, só para citar algumas. Então, depois dessa introdução, dedicaremos a falar da rainha das flores, a peónia.

INFORMAÇÕES BOTÂNICAS

A peónia pertence a família Paeoniaceae (芍药) e o seu porte é entre 0,5 a 1,5 metros de altura. As flores são grandes, delicadamente perfumadas e podem ser simples, semi-dobradas e dobradas, que desabrocham no final da Primavera e início do Verão, por um período de cerca de 20 dias. Entre as cores, há a branca, a rosa, a vermelha e a púrpura. Geralmente, a flor possui cinco sépalas e o número de pétalas são entre cinco a dez. As vezes, encontra-se muitas espécies com um maior número de pétalas, devido ao surgimento de flores duplas. A sua reprodução ocorre através de sementes pretas brilhantes que nascem aos milhares em vagens.

A peónia é também utilizada como planta medicinal. As raízes da espécie *P. lactiflora* (Peónia Chinesa) foram muito preconizadas no tratamento de convulsões e o seu cultivo data mais de 2000 anos, onde se encontra o seu registo num compêndio de ervas medicinais localizado num túmulo da dinastia Han do Leste (25-220). Sendo uma espécie natural do Interior chinês, pode ser encontrada do leste ao oeste da província de Shandong, passando por Henan, Sichuan, Yunnan, chegando até ao planalto do Tibete. Com a destruição



progressiva das florestas, actualmente é mais difícil encontrar peónias selvagens.

O CULTIVO DA PEÓNIA

O registo mais antigo do cultivo como flor ornamental data da dinastia Nan Bei (420-581) e se torna uma verdadeira febre nacional na dinastia Sui (581-618). Porém, é na dinastia Tang (618-907) que a peónia recebe a alcunha de “a rainha das flores”, quando um camponês, sob às ordens do imperador Tang Xuanzong (唐玄宗) (712-713), teria plantado mais de dez mil peónias de todas as cores no monte Li (骊山) em Xi’an. É nesse período que a peónia se torna a fonte de inspiração artística, principalmente na pintura e na literatura.

O cultivo das peónias é apre-

ciado também de maneira diferente entre as etnias chinesas, a Tujia (土家族) e a Bai (白族), que costumam plantar ao menos três a cinco pés da espécie em seu jardim, como um símbolo auspicioso e de prosperidade. Outras etnias como a Tibetana (藏族) preferem subir às zonas montanhosas para apreciar as peónias selvagens.

A PEÓNIA NAS ARTES PLÁSTICAS

A peónia é um tema recorrente nas gravuras chinesas devido à forma exuberante e delicada de sua flor. O registo mais antigo de sua pintura remonta à dinastia Nan Bei, ao calígrafo Yang Zihua (杨子华). Na altura da dinastia Tang, são inúmeros os artistas que a tomam como motivo. Destaque especial ao Bian Luan (边鸾) que as pin-



TRADIÇÕES

tava com traços subtis e vivazes. Nas Cinco Dinastias (907-960), a leveza da pena de Xu Xi (徐熙) desenhava peónias atraentes e singulares, especialmente a gravura com uma orquídea (yùlán 玉兰), uma macieira silvestre (hǎitáng 海棠), uma peónia (mùdān 牡丹) e um osmantis (guihuā 桂花) que compõem uma nova expressão, através de trocadilhos entre os ideogramas homófonos (sinalizados em negrito, acima) uma alusão à 玉堂富貴 (yùtángfùguì), isto é, no salão (táng 堂) de jade (yù 玉) reina a riqueza (fù 富, outra designação para a peónia) e a nobreza (guì 贵).

Já Xu Wei (徐渭) da dinastia Ming (1368-1644) abusou da técnica da tinta da china espirrada (泼墨), conferindo às peónias traços vigorosos e desenvoltos. Contemporaneamente, Wang Xuetao (王雪涛) (1903-1982) teve as flores como um de seus temas predilectos e conferiu à peónia um aspecto dinâmico e único, enquanto Qi Baishi (齐白石) (1864-1957) preferiu desenhá-las de forma minimalista. Muitas vezes, a pintura da peónia é acompanhada com a inscrição caligráfica “beleza nacional e fragrância celestial” (国色天香).

A PEÓNIA NA LITERATURA

No Livro dos Cantares (诗经), da dinastia Zhou (1100 anos a.C.), encontra-se uma estrofe pela qual declama a dedicatória da flor entre jovens donzelas graciosas, denominada na altura como shaoyao (芍药).

Conforme a totalização de Yang (1985), há mais 400 poemas dedicados à peónia, sendo 125 de mais de 50 po-

etas da dinastia Tang, entre eles, Li Bai (李白), que compara a peónia à beleza da concubina favorita do imperador Xuanzong, e Bai Juyi (白居易), que exalta a polvorosa devoção dos cidadãos durante o período de floração da peónia. Ou Yangxiu (欧阳修), poeta da dinastia Song (960-1279), também entoou o costume dos habitantes de qualquer classe social de Luoyang de apreciar as peónias.

Em termos de dramaturgia, destacamos a ópera O Pavilhão das Peónias 《牡丹亭还魂记》 de Tang Xianzu (汤显祖), da dinastia Ming. O drama exalta a coragem dos jovens contra os costumes da sociedade confuciana feudal, especialmente contra o casamento arranjado. Claro que não poderíamos deixar de mencionar a lenda

Os Galanteios de Lü Dongbin para a Peónia 《吕洞宾戏牡丹》, que narra a corte de um dos oito imortais taoístas mais mundano dentro do panteão chinês à fada Peónia para obter o grampo sagrado da Rainha Celestial a fim de salvar uma aldeia (ver conto traduzido).

Em termos de romance, há uma passagem sobre as peónias em Flores no Espelho 《镜花缘》 de Li Ruzhen (李汝珍), da dinastia Qing. O livro inicia pelo episódio da única imperatriz da história chinesa, Wu Zetian (武则天), que após ascender ao trono ordena o desabrochar de todas as flores em pleno Inverno, e apenas a peónia se recusa a obedecer, o que lhe rendeu a permanência no reino celestial junto à ameixeira, que floresceu no





seu período habitual. Como punição por aflorarem antes de época, o deus das flores junto com as fadas florais foram punidos com a reencarnação no mundo terrestre pelo Supremo Celestial.

SIMBOLOGIA

A liberalidade do emprego de simbologias é uma das características marcantes da cultura chinesa. Devido ao seu aspecto exuberante e elegante, a peónia remete à simbologia da nobreza e da riqueza. Na próspera dinastia Tang foi tomada como flor nacional e, durante o período de floração, Xi'an era tomada pelo carnaval. A partir de então, a peónia tornou-se sinónimo de ventura e prosperidade. Principalmente relacionada à prosperidade, pois o aspecto farto

e erecto da flor transmite uma impressão de dignidade e realeza. Muitas vezes a peónia é representada junto a uma outra flor, fruta ou árvore, que associará a sua simbologia com a de outra planta. Por exemplo, quando desenhada com hibiscos simbolizam a abundância em riqueza e reputação. Se encontrar um quadro com peónia e maçãs, “a sua casa é rica e goza de bom crédito”. Já peónias junto aos pêssegos representam riqueza e longevidade. Prototipicamente, a palavra “flor” remete à imagem da peónia como sinónima. Conquanto a peónia vermelha seja a mais admirada, a peónia branca simboliza as raparigas inteligentes, arbatadamente belas. Na música popular chinesa é recorrente ouvir-se: “Espero pela florescência da peónia no jardim” ou “quando a peónia desabrocha, sua fragrância espraia-se a mil milhas, atraindo borboletas de todos os lugares”. Essas passagens são uma clara referência à volúpia, onde as borboletas se referem aos homens. O interessante de se observar é que, independente da etnia ou do sistema político, a peónia é como um ponto de confluência à unidade cultural chinesa.

ONDE APRECIAR AS PEÓNIAS

As peónias desabrocham entre os meses de Abril e Maio. Todos os anos é realizado o Festival das Peónias em Luoyang, na província de Henan, e em Heze, Shandong, entre os dias 10 de Abril e 10 de Maio. Em Macau, podemos apreciar as flores nos jardins de Lou Lim Iok.

BIBLIOGRAFIA

- Eberhard, Wolfram (2000) *A Dictionary of Chinese Symbols*. Londres: Routledge.
- Fairbank, John K., Goldman, Merle (2006) *China: uma nova história*. Porto Alegre: LP&M.
- Shijing [*O Livro dos Cantares*] (1979). Tradução de Joaquim A. Guerra. Macau: Jesuítas Portugueses.
- Tang, Xianzu [汤显祖] (2006). *《牡丹亭还魂记》 [O Pavilhão das Peónias]* in Chen, Z.Y e Wu, Y.S. (Org.) *《中国文学名著导读》 [Guia das Obras Clássicas Chinesas]*. Wuhan: Changjiang, p. 517-524.
- Wei, Ying-Tao [魏迎涛] (2006) “中国传统的牡丹图案装饰与设计” [*Formas da peónia na gravura tradicional chinesa*] in *Revista do Instituto Tecnológico de Zuzhou* 20 (5), p. 9-11.
- Yang, Maolan [杨茂兰] (Org.) (1985) *《历代咏牡丹诗四百首》 [Quatro centos poemas de todos os tempos dedicados à peónia]*. Beijing: Zhongguo Zhanwang.
- Página da Assembleia Popular Nacional, disponível em: <http://www.npc.gov.cn/>, acessada em 12 de Março de 2011.
- Página de calígrafos e pintores chineses, disponível em: <http://www.zgmhj.com/ldmj.htm>, acessada em 12 de Março de 2011.



OS GALANTEIOS DE LÜ DONGBIN PARA PEÓNIA

FOLCLORE CHINÊS

Tradução de Márcia Schmaltz e Sérgio Capparelli
Contos Sobrenaturais Chineses.
Porto Alegre: LP&M, 2010, p. 101-107.

Conta uma lenda antiga que, certo dia, o imortal Lü Dongbin veio à Terra e chegou a uma montanha bela e luxuriante, chamada Tongbo. Ele se viu então no meio de um forte terremoto. As casas ruíam, e a montanha ameaçava desmoronar. Lü Dongbin descobriu que o terremoto era causado por um gigantesco e diabólico tatu*.

Furioso, Lü Dongbin reuniu os deuses do lugar, para juntos capturarem o tatu, única forma de salvar a população. Porém, os deuses locais recusaram-se a cooperar, dizendo que os poderes do tatu eram superiores aos deles, pois o tatu havia meditado durante cinco mil anos e nenhum deus ou humano conseguiria enfrentá-lo. Lü Dongbin foi finalmente aconselhado a entrar em contacto com o Palácio Celestial, de onde seriam despachados guerreiros para enfrentar o tatu.

Lü Dongbin disse:

– Não é necessário mobilizar os céus para enfrentar esse tatu diabólico! Eu vou enfrentá-lo!

Os deuses locais, incertos sobre a capacidade do imortal Lü Dongbin, despediram-se às pressas.

Depois que as divindades se afastaram, Lü Dongbin pensou: “Os poderes deste tatu são fantásticos! Como poderei enfrentá-lo sozinho? E fui eu que criei toda essa situação, ao dizer que enfrentaria o tatu. Se agora não aniquilar esse tatu diabólico, serei motivo de zombaria”.

A estrela Vénus, que assistia a tudo de longe, disse a Lü Dongbin:

– Se quiser derrotar o tatu diabólico, terá que utilizar o grampo sagrado que a Rainha Celestial usa nos cabelos. Esse é o único jeito de acabar com o tatu.

Depois de reflectir durante alguns instantes, Lü Dongbin comentou:

– Mas é impossível conseguir esse grampo emprestado. Ele é o enfeite de que a Rainha Celestial mais gosta.

Vénus respondeu:

– Não é tão difícil como imagina. Existe uma dama de

companhia, a fada Peónia, que está há muito tempo pensando em descer à Terra. Se você tocar o coração dela, ela conseguirá o grampo para você.

No dia seguinte, era realizada a festa do pêssego imortal no Palácio Celestial do Ocidente, e todos os deuses, imortais e divindades menores, estavam convidados. Lü Dongbin, acompanhado de Vénus, subiu numa nuvem e foi prestigiar o evento.

A festa estava muito animada. Todos os deuses e divindades divertiam-se muito. Cantavam e dançavam, e havia comida e bebida à vontade. A Rainha Celestial pediu que a fada Peónia acompanhasse os convivas, não deixando que faltasse nada. E quando a fada Peónia ofereceu uma taça de vinho a Lü Dongbin, ele apertou levemente a mão dela. A fada ruborizou-se, e seu coração palpitou mais forte. Ela abaixou a cabeça, afastando-se às pressas.

Pouco depois, a Rainha Celes

TRADIÇÕES

tial mandou que a fada Peónia servisse um pêssego imortal aos deuses e divindades presentes. Quando chegou a vez de servir Lü Dongbin, a fada titubeou. Vénus tocou Lü Dongbin com a ponta dos pés, e, quando ele avançou a mão para pegar um pêssego, tocou novamente nas mãos da fada Peónia. Ela sentiu que perdia as forças, e seu rosto ficou da mesma cor aveludada do pêssego. Envergonhada, baixou novamente a cabeça e saiu pela porta lateral até a beira do lago.

Lü Dongbin foi atrás da fada Peónia. Encontrou-a, pensativa, observando as Peónias abertas na beira do lago. Lü Dongbin sussurrou ao seu ouvido: – Está apreciando as flores, fada Peónia?

Ao ver que se tratava de Lü Dongbin, a fada cobriu o rosto com a manga da túnica e perguntou:

– Ainda não sabe que existem regras aqui no céu?

– Eu não só conheço as regras celestiais, como sei quais são os desejos que você está sentindo.

A fada Peónia balançou a cabeça. Lü Dongbin prosseguiu, perguntando:

– Você admira o mundo terreno, não é mesmo?

A fada Peónia ficou em silêncio. Lü Dongbin encheu-se de emoção:

– O mundo terreno é maravilhoso. Está cheio de lindas montanhas e de águas cristalinas. Os pássaros cantam e das flores recendem perfumes. Eu já viajei por todos os cantos da Terra, vi magníficas montanhas e florestas, como as de Suzhou, Hangzhou, do monte

Tai. Vi também as Peónias de Caozhou. São lugares de beleza indescritível, dez vezes mais lindos do que o céu.

A fada Peónia levantou a cabeça e perguntou:

– Verdade?

Lü Dongbin apontou para um ponto qualquer da Terra e disse:

– Olhe lá, fada Peónia, um jovem casal semeando o campo. E mais ao longe, um casal apreciando a beleza das flores... – Ao falar, Lü Dongbin percebeu que a fada estava emocionada. Por isso prosseguiu: – Você tem de conhecer a vida lá em baixo. Vai se divertir muito. Não sabe o que está perdendo!

A fada estremeceu. E perguntou:

– Descer ao mundo terreno é muito difícil. O céu tem leis severas. Acha que eu posso sair daqui quando quero?

Lü Dongbin respondeu, sorrindo:

– Fada Peónia, caso seja esse o seu desejo, eu posso ser de alguma ajuda.

– Verdade? – perguntou a fada com entusiasmo.

– Verdade. Mas também preciso que me ajude.

– Como? – indagou a fada.

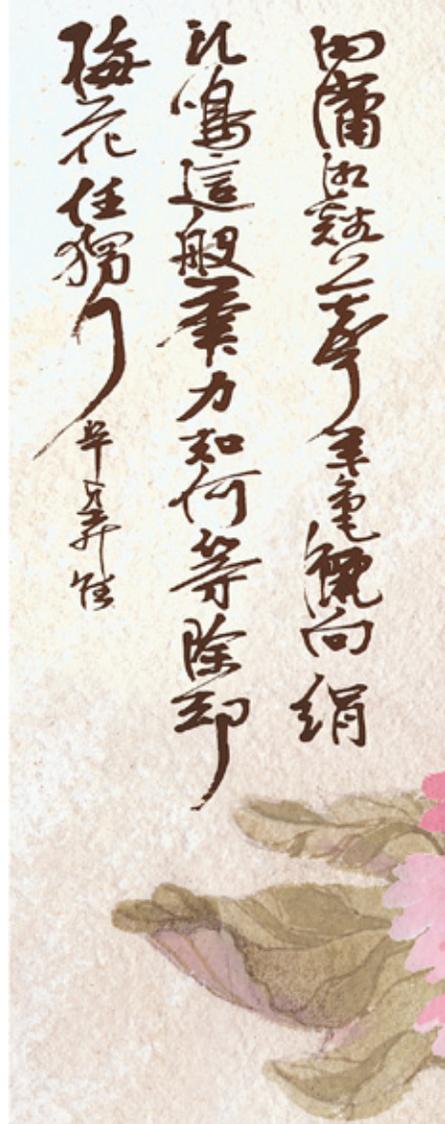
– Traga para mim o grampo sagrado da Rainha Celestial. É por pouco tempo.

– O grampo de ouro é o enfeite preferido da Rainha. Impossível consegui-lo emprestado – respondeu a fada, descontentada.

Lü Dongbin achegou-se um pouco mais e disse:

– Olhe lá – e apontou para os lados da montanha Tongbo.

A fada viu, por entre as nuvens, as casas destruídas, homens e mulheres aos prantos.



A imagem era terrível!

A fada exclamou:

– Que triste! – e fechou os olhos, virando a cabeça.

Lü Dongbin disse:

– A região de Tongbo tinha uma paisagem maravilhosa e era muito próspera. Mas desde que o tatu diabólico apareceu, tudo virou tragédia. Eu preciso pegar emprestado o grampo de ouro da Rainha para acabar com esse monstro.

– Eu adoraria ajudar, mas... – hesitou a fada.

Lü Dongbin, ao perceber que a fada queria ajudá-lo, explicou-lhe o plano que tinha em mente, ou seja, substituir o grampo



da Rainha Celestial por outro:
– Por pouco tempo... ela nem vai se dar conta.

Na manhã seguinte, depois do banho da Rainha Celestial, a fada Peónia prendeu os cabelos dela com o falso grampo e escondeu o outro na manga da túnica. Depois dos serviços da toalete, levou o grampo sagrado para Lü Dongbin.

De posse do grampo, Lü Dongbin voltou à montanha Tongbo e, com a ajuda do grampo mágico, capturou o tatu e lhe deu um castigo. Depois, voltou ao Palácio Celestial acompanhado de Vénus. A Rainha Celestial ficou muito

surpresa com o que Lü Dongbin lhe contava, mas ele lhe pediu que a fada Peónia fosse perdoada.

A Rainha Celestial sentiu ao mesmo tempo alegria, surpresa e fúria. Por um lado, o grampo sagrado que ela usava tinha salvado a humanidade. Por outro, a dama de companhia tinha cometido uma falta gravíssima, por ter desrespeitado a sua autoridade e as regras celestiais. Ela sentenciou: – Levarei em conta a apelação dos dois digníssimos imortais e não condenarei à morte a fada Peónia, mas ela será expulsa do céu.

Logo a região de Tongbo voltou à sua vida tranquila. Ao mesmo tempo, a fada Peónia realizou o seu desejo, pois, expulsa do céu, foi viver na Terra. Ficou feliz com o que tinha acontecido, pois todo ano a Peónia, uma das flores mais belas do mundo, desabrocha sobre a terra.

*Tatu: mamífero caracterizado pela armadura que cobre o corpo. É nativo do continente americano, que habita savanas, cerrados, matas ciliares e florestas secas. Alimenta-se de insectos.





DRAGÃO À SOLTA EM MACAU

O mestre de *feng shui* Szeto Fat-ching acredita que o dragão que se vê no mapa de Macau tem protegido a região de calamidades e atraído muita riqueza. Porém, o mundo que se acautele com a chegada do Ano do Dragão, que arranca já no dia 4 de Fevereiro. Vêm aí “cheias e tremores de terra”, mas depois de Junho tudo tenderá a acalmar, garante Szeto

Texto: Patrícia Lemos | Fotos: Carmo Correia

Em Macau não há mal que grasse, nem conflito que perdure. É certo e sabido que, nos últimos anos, a região escapou a epidemias e tufões e prosperou com os casinos. O mestre de *feng shui* Szeto Fat-ching vai mais longe e lembra as guerras que arrasaram a China no passado e não afectaram Macau. Existirá uma razão para tanta sorte? “Sim”, explica o mestre. “Há um dragão no mapa de Macau.”

Não é como o portento mitológico de asas gigantescas a soltar labaredas pela boca. Este dragão é diferente do ocidental. É chinês e tem o corpo de uma serpente, os olhos de um tigre, os bigodes de uma carpa e as garras de uma águia. Este animal sagrado, que participou na criação do mundo, representa na China a energia do fogo e destrói tudo à sua passagem, permitindo o renascimento.

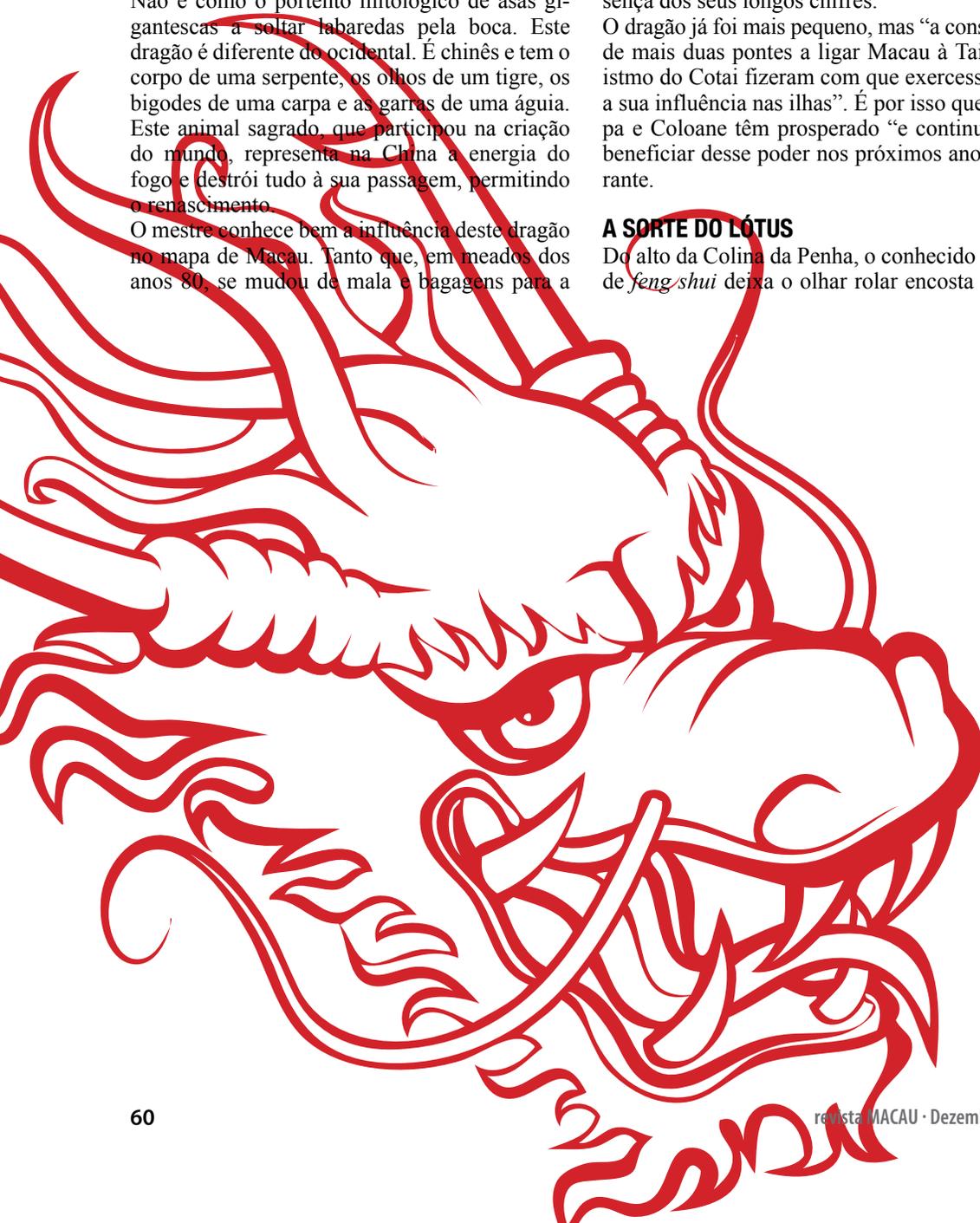
O mestre conhece bem a influência deste dragão no mapa de Macau. Tanto que, em meados dos anos 80, se mudou de mala e bagagens para a

RAEM, deixando para trás a sua Hong Kong natal, com o intuito de se dedicar ao negócio do *feng shui*. “Este dragão de que falo vem da China. Viaja no ar e na água e manifesta-se nos veios que se espriam pela região.” Szeto especifica que o grande réptil entra pela Portas do Cerco, deixando aí a sua longa cauda. Ciranda pela cidade e chega às duas chaminés listadas da incineradora da Taipa, que denunciam a presença dos seus longos chifres.

O dragão já foi mais pequeno, mas “a construção de mais duas pontes a ligar Macau à Taipa e o istmo do Cotai fizeram com que exercesse mais a sua influência nas ilhas”. É por isso que a Taipa e Coloane têm prosperado “e continuarão a beneficiar desse poder nos próximos anos”, garante.

A SORTE DO LÓTUS

Do alto da Colina da Penha, o conhecido mestre de *feng shui* deixa o olhar rolar encosta abaixo



para se fixar no mar. Aponta para as pontes novas, mais precisamente para a da Amizade e a de Sai Van, e afirma: “Elas representam a presença do dragão azul e do tigre branco”, respectivamente. Se o tigre de Sai Van simboliza a riqueza e conduz todos ao maior casino do mundo, o *Venetian*, onde habita o fausto, do outro lado, o dragão da Amizade afirma o seu poder.

Szeto consegue ver alguns indícios do *feng shui* no planeamento urbanístico, “mas não se pode dizer que os arquitectos e engenheiros tenham desenhado a região tendo isso em mente”. Ainda que Macau não tenha sido construída segundo rigorosos princípios do *feng shui*, como é caso de Hong Kong, é indubitável a presença de ideias da geomancia.

Para ilustrar melhor o poder do dragão de Macau, Szeto recorda a história de Lai Buyi, um famoso especialista em geomancia da dinastia Sung, que após a reforma seguiu o curso do rio em direcção ao sul em busca do dragão. Quando chegou a Guangdong, viu o veio do dragão bifurcar-se. Um filão seguiu para uma zona entre as ilhas de Hong Kong e Bao’an, agora conhecida como Kowloon (nove dragões), enquanto o outro dirigiu-se para o sopé da Colina do Pico do Lótus (Mong-Há), em Macau. Szeto explica que essa zona “é rodeada por outeiros e pequenos montes e é terreno de cultivo”. Inclui o “Cercos do Dragão” (龍環) e o “Campo do Dragão” (龍田).

Com o veio a pontuar de sorte ainda o sopé da Colina de Mong-Há, outrora conhecida como Colina de Lin Fa (Colina de Lótus), Macau só poderia ser território de bom *feng shui*. Esta terra é “preciosa”, “de uma beleza natural que ofusca as outras” e ainda tem “boa sorte”. São piropos da cultura chinesa que ainda hoje se repetem pelos quatro cantos da região.

GARRA PERDIDA NA SAN MA LO

Apesar de ser poderoso, o dragão de Macau não é intocável. Segundo o mestre de *feng shui* Szeto Fat-ching, “não se deve construir sobre os veios” deste venerado animal da mitologia chinesa. Menos conhecedores desta arte, os portugueses de Macau cometeram alguns erros no passado. “Quando a Avenida de Almeida Ribeiro estava em construção, uma das garras do dragão foi arrancada, o que quase o matou.” O mal só foi sanado nos anos 80, quando um muro com a forma de um leque foi construído na encosta da colina, na Taipa, virado para o Hotel Lisboa. Szeto explica que “simbolizava a cauda do dragão” e considera esta “a obra que deu nova vida ao dragão”.

GAIOLA NO HOTEL LISBOA

Além das pontes e das colinas, a marca do dragão está ainda presente em alguns edifícios. É o caso do Hotel Lisboa, cuja forma arquitectónica se assemelha a uma gaiola de pássaros. Conforme explica o mestre, “em cantonês, a pronúncia da designação do dragão (龍) é igual à da gaiola (雀籠)”. A ideia desta grande jaula é atrair centenas de pássaros. Ou seja, os muitos jogadores que passeiam por Macau. “Este efeito do *feng shui* é arrasador!” No topo do edifício-gaiola é possível ver várias estruturas brilhantes a apontar em todas as direcções, como que reforçando essa atracção, para assim fazer a colheita da riqueza daqueles que entram no edifício.

MESTRE COM CRÉDITO NOS CASINOS

Hong Kong é a terra natal de Szeto Fat-ching, mas foi em Macau que se notabilizou como mestre de *feng shui*. “Cheguei em 1985. Conheci a nora de um grande general chinês e ela tinha negócios nos casinos. Foi assim que me tornei consultor desta indústria, dando conselhos sobre a decoração das salas VIP e das zonas de jogo.” Szeto empregou algumas técnicas taoístas para dar mais poder aos donos dos casinos. E os jogadores? “Não era para eles que estava a trabalhar”, explica com um sorriso travesso.

TEMPESTADE ANTES DA BONANÇA

Já perdeu a conta às vezes que lhe perguntaram sobre se o mundo ia realmente acabar em 2012. O mestre de *feng shui* Szeto Fat-ching garante que a vida na Terra continuará, mas “não vai ser um ano fácil e haverá muitas convulsões, cheias e tremores de terra a nível global”.

Por ser um animal muito poderoso, o dragão entra logo em força no mês do Ano Novo Chinês, em Fevereiro. “Ele é muito activo e anda dentro e fora de água. Por isso, vai dar nas vistas no que diz respeito ao clima.” Segundo Szeto, à medida que 2012 for passando, também o poder do dragão vai esvanecendo. Daí que “a onda de transformações se acalme na segunda metade do ano”.

O mestre aconselha os homens de negócios a pensar várias vezes antes de agirem e os governantes a buscarem uma forma mais harmoniosa de viver, tornando-se até mais amistosos.

DRAGÕES CONFIANTE

O dragão é o único signo do zodíaco chinês que não corresponde a um animal real, mas a uma criatura mítica. Os nascidos no Ano do Dragão trazem qualquer coisa de novo e de bom e felicidade para a família.

São bastante decisivos na suas acções e deixam marcas por onde passam. Entusiastas, têm uma imaginação sem limites, uma profunda confiança em si próprios e um idealismo que não se deixa abater pelas dificuldades. Esses são os traços fundamentais que a tradição chinesa atribui aos dragões. Se nascer durante uma tempestade, o dragão terá uma vida agitada e cheia de perigos. Caso contrário, terá um temperamento suave.

Para o mestre de *feng shui* Szeto, “há pessoas que podem ser prejudicadas por nascerem nesses anos, por serem por si só muito poderosas, como é o caso dos imperadores”. Talvez seja por isso que o actor Bruce Lee morreu jovem. Afinal, ele nasceu no ano, no dia e na hora do dragão, e o seu nome em chinês - Lee Shao-lung - significa “pequeno dragão”.





ALMANAQUE 2012 ANO DO DRAGÃO

INA CHIU E LUÍS ORTET



As estrelas recompensam os
ambiciosos.
Mais vale viver do que
sobreviver

RATO

1948 1960 1972 1984 1996

TEMPO DE SER AUDAZ

Os signos do Rato e do Dragão pertencem à mesma família, por isso os nativos do primeiro sentem-se “em casa” neste ano do Dragão. É a altura de serem um bocado mais ambiciosos e não se limitarem a sobreviver, tanto mais que uma das influências do ano, a “estrela do general” recompensa mais os audaciosos do que os temerosos. É importante que alimentem a sua rede de relações pessoais, isto é, com familiares, amigos ou colegas. Por natureza, o Rato tende mais a sobreviver do que a viver. Muitas vezes esse será o seu grande trunfo, pois assim vai tirando o melhor proveito das oportunidades que surgem sem se expor muito. Mas isso pode deixar subaproveitadas as grandes potencialidades que, por exemplo, o Dragão reserva. O tom das previsões dos almanaques é positivo. Os nascidos sob este signo devem tirar proveito disso, estabelecendo objectivos exigentes e não se limitando a uma atitude passiva. Boas perspectivas para as finanças. Na vida profissional fala-se em progresso e promoção, as ambições serão recompensadas. Em caso de dificuldades haverá ajuda de outras pessoas, os “homens nobres” (guiren) de que falam os almanaques. Finalmente, no amor, a nota dominante é a estabilidade.

AMOR +++
TRABALHO +++
DINHEIRO +++
SAÚDE +



Devagar se vai ao longe
com a ajuda das
“estrelas” da sorte

BÚFALO

1949 1961 1973 1985 1997

TRABALHO RECOMPENSADO

Três “estrelas” muito positivas surgem no horizonte dos nascidos sob o signo do Búfalo, sugerindo um ano de muitas potencialidades. São elas a Estrela da Felicidade Celestial, a Estrela da Prosperidade e a Estrela da Virtude Afortunada. Antes de mais, dizem os almanaques, os Búfalos terão o poder quase mágico de transformar eventuais problemas em oportunidades. A conjuntura promete o sucesso e a felicidade, a tal ponto que, para o astrólogo Sung Siu Kwong, o Búfalo será um dos signos mais beneficiados deste ano. Vale a pena trabalhar e tentar a sorte. Porém, o relacionamento com os outros poderá ficar perturbado pela tendência para conflitos. Para o bem e para o mal, a nota dominante do ano será no sentido da estabilidade, atendendo à presença reforçada do elemento Terra, que é comum ao Búfalo e ao Dragão (signo do ano). O caminho para o sucesso derivará muito mais dos esforços e do mérito do que de meros golpes de sorte ou da ajuda de outras pessoas, diz, por exemplo o astrólogo Peter So. Ou seja, apesar da conjuntura positiva, o progresso será lento, embora sólido.

AMOR ++
TRABALHO ++++
DINHEIRO +++
SAÚDE +++



Muitas viagens e mudanças,
uma nova visão para a vida

TIGRE

1950 1962 1974 1986 1998

TIGRE A VOAR

Em primeiro lugar há que ter em conta um consenso entre os almanaques chineses: este ano do Dragão não envolve nenhuma contradição maior entre as energias dos dois signos. Mas o saldo é claramente positivo e os Tigres devem ver em 2012 um tempo de progresso, em que os esforços serão recompensados. Em segundo lugar, prevê-se um ano de movimento e acção. A probabilidade de viagens, motivadas sobretudo por afazeres profissionais é grande. A predisposição dominante tem a ver com os contactos com o estrangeiro. Segundo o astrólogo Joey Yap, este tom ligado ao movimento e às viagens indica uma boa oportunidade para os Tigres fazerem um exame das suas vidas e tentarem ver o grande quadro da situação, interrogando-se: em que situação me encontro e o que é que posso fazer para a melhorar. Devem colocar essa questão com toda frontalidade, sem medo da resposta, mesmo que esta pareça, à primeira vista, irrealizável. A tendência para o movimento e a hiperactividade poderá ser sentida como incómoda em certos momentos, mas os Tigres deverão aceitar os desafios trazidos pelo Dragão.

AMOR ++
TRABALHO ++++
DINHEIRO +++
SAÚDE +++



Hora de sair da toca e
refrescar as ideias

COELHO

1939 1951 1963 1975 1987

ESPAIRECENDO

Para alguns Coelhos, o ano que agora finda terá envolvido tensão e terá sido exigente. Agora será um momento para arrumarem ideias, retemperarem energias e encararem o futuro. Como não há “estrelas positivas”, terão de contar com as suas próprias forças. A chave de 2012 será a faceta psicológica. Muitos dos possíveis problemas resultarão de um enfoque defeituoso e negativista dos acontecimentos e não tanto da realidade objectiva dos mesmos. Consequentemente, astrólogos como Joey Yap sublinham a importância de se procurar uma visão sã da vida. Nada como uma “saída da toca” – por exemplo, viajando ou visitando locais fora da rotina – para que a visão da vida se torne esclarecida e não toldada por emoções negativas. O contacto com novas formas de pensamento e o debate descontraído de pontos de vista poderão igualmente ajudar a refrescar ideias. Se esta recomendação for seguida, o saldo do ano será claramente positivo, sobretudo na segunda metade de 2012.

AMOR ++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE ++



Mais poder e estatuto,
mas não tome a
iniciativa de mudar

DRAGÃO

1940 1952 1964 1976 1988

SALDO POSITIVO

Os almanaques chineses prevêm que este seja um ano de alguma instabilidade para os nativos do Dragão, sobretudo no campo sentimental. As energias do signo e as do ano são de natureza semelhante, o que, na filosofia tradicional chinesa, significa alguma tensão. O campo sentimental será o mais afectado. Para a vida profissional, a maior parte dos almanaques prevê possibilidades de progressão, com aumento de poder e de estatuto. Mas, alertam alguns, os Dragões não devem tentar mudar de emprego por iniciativa própria. Essa mudança só será positiva se resultar de convites, ou seja, da iniciativa de outras pessoas, e não do próprio. Também no campo financeiro as previsões são positivas na generalidade dos almanaques, prevendo-se “ganhos inesperados”, apesar de uma predisposição para um aumento nos gastos, em parte como consequência de viagens. Embora num ambiente de instabilidade, os astrólogos esperam que os Dragões cheguem ao final do ano com um saldo claramente positivo nas suas vidas.

AMOR ++
TRABALHO +++++
DINHEIRO +++
SAÚDE ++



Tudo brilha. Os raios de sol
chegam longe, iluminando
oportunidades

SERPENTE

1941 1953 1965 1977 1989

UMA FELICIDADE CELESTIAL

A boa notícia é que os Serpentes podem contar com as “estrelas auspiciosas” que os acompanham neste ano do Dragão. A “estrela” Felicidade Celestial tende a criar um estado de espírito positivo, que abençoará quer os assuntos práticos quer o relacionamento com outras pessoas e o caminho para a felicidade. É a promessa de uma vida sentimental bem-sucedida. Outra faceta da conjuntura do ano deriva da “estrela” O Sol, que é por natureza uma promessa de sucesso. Tudo brilhará de forma mais evidente e as oportunidades surgirão de forma inequívoca. Alguns astrólogos consideram que será uma boa oportunidade para tentar o sucesso “fora de portas” (por exemplo, no estrangeiro) já que a luz do Sol tem um alcance longínquo. A vida sentimental será bem-sucedida. Os solteiros poderão iniciar um relacionamento duradouro e uma relação já existente poderá evoluir para um casamento. As finanças poderão ser o sector da vida mais atribulado ou mais instável. Na vida profissional, poderá haver ganho de poder e de estatuto. O astrólogo Rocky Sung Siu Kowng prevê que a segunda metade do ano será mais fácil do que a primeira.

AMOR ++++
TRABALHO ++++
DINHEIRO ++
SAÚDE ++++



Transformarão os obstáculos
em boa sorte e
ainda lhes sobrarão energias

CAVALO

1942 1954 1966 1978 1990

UM ANO CALMO

Diz-se que os nascidos sob este signo estão, por natureza, preparados para grandes “cavalgadas”. Não admira pois se este ano de 2012 acabar por lhes saber a pouco. É que – prevêem os almanaques – este vai ser um tempo de progresso sereno e regular, o que, para os mais afogueados, será semelhante a uma verdadeira paragem. As previsões concordam que haverá ascensão profissional e que os nativos do Cavalo terão o poder de transformar possíveis obstáculos em factores de boa sorte. O progresso será decidido e eles terão a oportunidade de pôr à prova os seus talentos. Na vida amorosa, o aparente balde de água fria de uma vida calma e sem dramas poderá fazer-se sentir de forma mais evidente. A tônica será a estabilidade, que tanto poderá ser uma coisa positiva como negativa, embora, no caso das pessoas casadas, seja, em princípio, uma boa notícia. A estabilidade fará sobrar energias que poderão ser utilizadas no melhoramento da vida familiar e da vida pessoal. Finalmente, nas finanças, a tônica será também de progresso.

AMOR ++
TRABALHO +++++
DINHEIRO +++
SAÚDE +++++



Os nativos de Cabra serão vistos como pessoas dignas de confiança

CABRA

1943 1955 1967 1979 1991

PASTANDO...

Um ano basicamente estável, portanto sem grandes notícias, sejam positivas ou negativas. Apesar disso, haverá grandes potencialidades no campo profissional. Os que são empregados poderão vir a ocupar posições de maior responsabilidade, gozando de um maior estatuto e de poder. Os que trabalham por conta própria verão o seu valor reconhecido. Mas o astrólogo Sung Siu Kwong defende que esta não será a melhor altura para tentar mudar de emprego ou iniciar um negócio próprio. Não se deve tomar a iniciativa da mudança. Em termos “energéticos”, a nota dominante será o reforço do elemento Terra, que é o elemento comum à Cabra e ao Dragão (signo do ano). A Terra significa a estabilidade e a credibilidade. Os nativos da Cabra serão vistos como dignos de confiança. Mas a ausência de mudanças pode ser sentida como uma má notícia para os que pretendem iniciar uma nova relação - isso será difícil. Pelo contrário, será uma boa notícia para os que desejam a preservação do que já existe. Nas finanças não são de esperar grandes golpes de sorte, mas poderá ser um ano de progresso, cujos bons resultados se revelarão mais tarde.

AMOR ++
TRABALHO +++++
DINHEIRO ++
SAÚDE ++



As suas iniciativas serão secundadas por circunstâncias favoráveis

MACACO

1944 1956 1968 1980 1992

LUZ VERDE

Para os Macacos, este será um ano de “luz verde”. Podem e devem tentar concretizar os seus projectos, já que as energias do ano e as do seu signo pertencem à mesma família astrológica. Como tudo na vida, terão dois caminhos pela frente: ou sentindo-se pisar terreno seguro não fazem nada, limitando-se a gozar a vida; ou tomam a iniciativa, semeando o sucesso e a felicidade. É evidente que o segundo caminho é o único recomendável. Todas as suas iniciativas tendem a ser secundadas por circunstâncias favoráveis. Em tudo, vale a pena tentar desde que isso seja feito de uma forma consistente e realista. E, como recomenda Mak Ling Ling, devem concentrar-se naquilo em que são melhores, em vez de procurarem oportunidades de forma indiscriminada. O relacionamento com os outros tende a passar por momentos de tensão e suspeição mas, no essencial, o saldo é positivo. Devem prestar atenção à amizade e à vida familiar, bem como ao lado mais humano dos relacionamentos profissionais e de negócios. Podem ganhar em poder e estatuto. Em termos financeiros, os que trabalham por conta própria ou ganham em função do que trabalham tendem a ser os mais beneficiados.

AMOR ++
TRABALHO ++++
DINHEIRO +++
SAÚDE ++++



Um ano de potencialidades excepcionais, em que os sonhos se concretizam

GALO

1945 1957 1969 1981 1993

A HORA DE CANTAR

Todos os signos têm um parceiro no zodíaco chinês. O Dragão é o parceiro do Galo, o que prenuncia um bom ano para a generalidade dos nativos deste signo. Um ano de potencialidades excepcionais, em que os sonhos se podem concretizar. Este não será um ano próprio para semear. Qualquer sementeira deveria ter sido feita antes. Agora é a hora de colher e tudo depende do que foi semeado no passado. Atendendo a que o Galo e o Dragão formam um casal no zodíaco, este é o ano para os nativos do Galo encontrarem os seus parceiros ideais: seja no amor, na amizade ou nos negócios. Por outro lado, surgirão os chamados guiren (“homens nobres”), pessoas dotadas de poder, que os ajudarão em momentos decisivos. A vida sentimental será uma das beneficiadas, quer para os solteiros quer para os casados ou envolvidos em relacionamentos estáveis. Também na vida profissional e nos negócios poderão surgir oportunidades excepcionais. As pessoas serão o elemento-chave deste ano. Tudo o resto virá por acréscimo.

AMOR ++++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++++
SAÚDE ++



Para os que estão numa situação negativa, as mudanças serão boas notícias

CÃO

1946 1958 1970 1982 1994

ANO DE MUDANÇAS

O ano é dominado pela oposição natural no zodíaco entre o Cão e o signo do ano, o Dragão. Isso prenuncia mudanças para os nascidos sob o signo do Cão. Para alguns astrólogos, esse é apenas um facto da vida (sem ser positivo ou negativo por si próprio), resultante do “choque” entre os dois signos, ao passo que outros consideram que essa é uma influência negativa. É que, sobretudo para os que se encontram numa situação estável e satisfatória, qualquer mudança tende a ser vista como um acontecimento negativo, quando na verdade nem sempre é assim. Tudo depende da situação pré-existente. Para os que se encontram numa situação “empatada”, que exige uma mudança, então este ano do Dragão poderá trazer boas notícias. Os nativos do Cão devem reagir com flexibilidade às mudanças que surgirem. Apesar desse ambiente de alguma instabilidade, há no entanto previsões de progressão em termos profissionais, em parte devido a uma influência que dá o poder de transformar os problemas em oportunidades e sucesso.

AMOR ++
TRABALHO +++
DINHEIRO ++
SAÚDE ++



Devem aproximar-se dos outros para o convívio saudável e desinteressado

PORCO

1947 1959 1971 1983 1995

IRRESISTÍVEIS...

Se há uma relação particular entre o signo do Porco e a boa sorte isso volta a ser verdade em 2012. No Palácio da Vida estarão importantes “estrelas da sorte”, que levam os astrólogos a unanimemente preverem um ano feliz. A mais importante dessas “estrelas” (simbólicas) é uma que enriquece o relacionamento com outras pessoas. A começar pelo amor, onde é possível haver boas notícias, quer para os solteiros quer para os casados. Porém, mesmo noutros aspectos da vida, como o profissional e os negócios, os nativos do Porco andarão mais encantadores do que o habitual e a sua capacidade de influenciar os outros estará aumentada. Além disso, terão sempre quem os queira orientar e ajudar. Devem seguir o seu instinto natural para a socialização, para se aproximarem dos outros visando o convívio saudável. Quanto mais o fizerem de forma desinteressada, maior será a probabilidade de começarem a ocorrer acontecimentos positivos. Ficarão correctamente sintonizados com a “circulação de qi” (a energia universal). Também será um bom ano para fazerem uma pequena pausa e olharem à sua volta, refrescando a sua visão da vida.

AMOR ++++
TRABALHO ++++
DINHEIRO +++
SAÚDE ++++

A PENIA LUSITANA

Em Macau, a literatura em língua portuguesa teve grande expressão nas últimas décadas do século passado. Mas antes da transferência muitos dos que alimentavam os cadernos de poesia ou as tertúlias do primeiro andar do restaurante Porto Interior regressaram a casa. Aos poucos que ficaram, junta-se agora uma nova geração, que dá os primeiros passos nas letras

Texto: Catarina Domingues | Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro

DE MOURA A MACAU PELAS LETRAS

No final dos anos 80, Fernando Sales Lopes e Fernanda Dias chegaram a Macau. Os poetas descobriram um novo mundo, tão diferente daquele que deixavam para trás. Mais de 20 anos depois, continuam a contar histórias, tal como se fazia além Tejo, em Moura, onde têm raízes.

Os homens seguiam para o campo e, em grupo, entoavam o cante alentejano a duas vozes. Sobre a saudade, a tristeza ou o amor. Sobre a terra. E esses versos apressavam-se sobre as planícies desertas do Baixo Alentejo, até que ao fim do dia recolhiam aos casarios e assentavam à cabeceira da noite, primeiro na companhia dos avós, depois dos filhos, por fim dos netos e bisnetos.

A tradição alentejana de contar histórias como esta acompanhou desde sempre Fernando Sales Lopes. “Faziam-se histórias à volta das histórias. A minha mãe fazia histórias à volta das histórias.”

Sales Lopes nasceu e cresceu no Barreiro, mas é filho do Alentejo, de Moura. Quando chegou à primária já lia e escrevia. Dos tempos do liceu sobrevivem poemas escritos nas páginas do livro de História, “normalmente dedicados às namoradas”. Dessa altura guarda ainda o primeiro prémio dos Jogos Florais de 66, o livro Serra Mãe de Sebastião da Gama, que “parecia que tinha sido escrito para mim”. A Serra era a Arrábida, que Sales Lopes revisitava sempre que podia.

Pelo Verão deixava para trás as azinheiras serranas e descia até à terra, onde ficava em casa dos tios, na rua das Molejas, em Moura. A mesma Moura de Fernanda Dias.



Sales Lopes nasceu e cresceu no Barreiro, mas é filho do Alentejo, de Moura. Quando chegou à primária já lia e escrevia. Dos tempos do liceu sobrevivem poemas escritos nas páginas do livro de História, “normalmente dedicados às namoradas”

ESCRITORES DE MACAU

“Limito-me a escrever o que vejo.
Sou capaz de apreciar um tecido,
uma planta, um pregão. Quero que
passe tudo na minha poesia e que
saia com todas as imperfeições,
com o mesmo ritmo da minha
própria respiração”

Fernanda Dias



Foto: Mélanie Map 5, Global Stills

ESCREVER ÀS ESCONDIDAS

Era uma miúda igual às outras. Mas porque fazia por isso. “Naquela altura escrever poesia era uma coisa bizarra, eu não queria ser assim.” Nascida em Moura, Fernanda Dias era a mais velha de sete irmãos, a quem se habituou “a inventar contos”.

Em pequena acompanhava a madrinha nas leituras matinais do jornal *O Século*. Aos cinco anos a família descobriu que sabia ler. E também descobriu que não era igual às outras, não jogava às escondidas, mas escondia-se para escrever. Da padaria guardava o papel onde embrulhavam os papo-secos, cosia os pedaços, ainda maculados pela farinha, e escrevia “uma espécie de instantâneos fotográficos”.

Em adolescente publicou *n’A Planície*, um jornal cultural, com berço em Moura e que depressa se estendeu a todo o país pelo papel que desempenhou durante o Estado Novo. “Acolhia escritores portugueses com dificuldade em publicar nas grandes cidades por causa da censura.” Professora de formação, Fernanda casou-se e dedicou-se à profissão. Nunca deixou de escrever. E de destruir essas memórias. “Não passava de um mero diário.”

Até que chegou a Macau, já nessa altura uma cidade de mudanças velozes. “Percebi que por mais efêmera que fosse a minha escrita, era mais

perene que certos tijolos, e então deixei de ter coragem para a destruir.” Corria o ano de 1986.

O PESCADOR DE MARGEM

Poucos meses depois chegava Sales Lopes. Com 36 anos e um contentor abarrotado de histórias - como quando, em 1974, na Guiné, se preparava para ir dar umas braçadas entre os coqueiros das praias do Bijagós, e rebentou a revolução, em que estava envolvido.

Em Macau ocupou, entre outros, o cargo de director de Programas dos canais portugueses da Teledifusão de Macau. Para trás ficou uma carreira nos meios de comunicação social que iniciou na Emissora Nacional, com passagem pela RDP, Rádio Comercial, entre colaborações com *o Comércio do Funchal*, *A República* ou *A Luta*. A poesia por lá ficou, alinhada nos arquivos do mais antigo jornal sadino, *O Setubalense*, ou em folhas soltas, empalidecidas pela distância. E nesta nova cidade, tão distinta das planícies de Moura ou da Arrábida de Sebastião da Gama, iniciou uma nova caminhada. Por Lin Fá Tou “terra dos nenúfares/serena/num imenso lago verde”, com momentos de meditação “à mesa/do tratado/sem chá/nem vénias” do mosteiro de P’u Chi.

Deste primeiro olhar nasce a obra *O Pescador*



de Margem, publicada em 1997, e distinguida pelo Instituto Português do Oriente com o Prémio Camilo Pessanha. Poemas que foram ganhando forma nas tertúlias do Clube dos Poetas, no primeiro andar do restaurante Porto Interior, e do qual faziam parte Carlos Marreiros, Hélder Fernando, Estima de Oliveira ou Fernanda Dias, entre outros.

RESPIRAR MACAU

Horas de Papel é a primeira obra de Fernanda Dias. A autora descreve-o como um álbum ilustrado, ainda sem personagens activas. Nestes primeiros momentos de descoberta, Fernanda procurou a literatura macaense. Luiz Gonzaga Gomes, Deolinda da Conceição ou Henrique de Senna Fernandes “ajudaram a construir uma memória”.

“Limite-me a escrever o que vejo. Sou capaz de apreciar um tecido, uma planta, um pregão. Quero que passe tudo na minha poesia e que saia com todas as imperfeições, com o mesmo ritmo da minha própria respiração.” Tão natural como a própria natureza, onde a autora encontra um amparo, seja perto do plumbago azul do Jardim Lou Lim Ieoc ou na Baía da Praia Grande, onde “As árvores do pagode/deixam cair os frutos/dos galhos trémulos/como dedos desafiando contas”.

Recentemente Fernanda Dias publicou *O Sol, a Lua e a Via do Fio de Seda*. São 64 poemas, um para cada hexagrama do *Livro das Mutações Yi Jing*, um clássico chinês. “É uma visão pessoal, de como se movimentavam as pessoas na Idade do Bronze; rituais guerreiros, crenças nos talismãs, as cerimónias em relação ao Deus do rio, ao Céu e à Terra.”

PARA O FUTURO

A poetisa conta com dois inéditos, *Contos da Água e do Vento* e *Shu Wang*, mais uma obra de tradução de poesia. “A tradução deve-se a um encontro com o poeta e recorrendo a mais duas línguas intermediárias.” Não falando chinês, esta é uma tarefa quase impossível, admite, mas “absolutamente necessária”. “O que seria da cultura ocidental se nunca ninguém tivesse lido a Bíblia?”

Fernando Sales Lopes espera que em breve avance a formalização da anunciada adaptação ao ecrã da Terra de Lebab, obra de ficção juvenil, que escreveu sobre as várias comunidades de Macau. Tem ainda cinco cadernos de poesia e inúmeros contos à espera de sair da gaveta. Viveria uma nova vida “fazendo o que sempre quis fazer, largando horários, burocratas, desteros não desejados”.

OBRAS DE FERNANDA DIAS

1992 Horas de Papel
1998 Dias da Prosperidade (contos)
1999 Rio de Erhu
2002 Chá verde
2004 Poemas de uma Monografia de Macau
2007 Gao Ge Poemas (tradução de poemas)
2011 O Sol, a Lua e a Via do Fio de Seda, uma leitura do Yi Jing

A ARTISTA PLÁSTICA

Além de poetisa, Fernanda Dias é também artista plástica. “Ser poeta é um modo de ser. Pintar é uma profissão.” Com Lou Kwai Peng aprendeu os segredos da cerâmica chinesa, com Bartolomeu dos Santos descobriu a gravura. Esteve ligada à Academia de Artes Visuais de Macau, onde leccionou durante vários anos. Passou por exposições colectivas internacionais e, mais recentemente, expôs “Artifícios”, 16 quadros inspirados nas festas tradicionais chinesas.

OBRAS DE FERNANDO SALES LOPES

1997 Pescador de Margem
1999 Não-ser
1999 Autor do libreto do disco de Rão Kyao, Junção (poemas);
Autor do poema Flor de Lótus, letra do hino de encerramento da Sessão Cultural da Transferência de Administração de Macau para a China
2008 Terra de Lebab
2008 Macau - A festa e a mesa

DOS PALCOS À COZINHA

Fernando Sales Lopes escreveu poesia, guiões para documentários e fundou o grupo de teatro “Min Koi - Máscara”. Não só são conhecidos os seus dotes no palco, mas também os culinários. Licenciado em História, concluiu o mestrado com uma tese sobre a importância da comida na identidade macaense. Um capítulo desse trabalho, que será publicado em breve, deu origem, em 2008, ao livro Macau - A festa e a mesa. Com o objectivo de apoiar a construção de uma escola em Timor-Leste, é uma reflexão sobre as comemorações macaenses à volta da mesa.

A NOVA GERAÇÃO

Chegaram para trabalhar num jornal, mas logo soltaram amarras, e tornaram-se profissionais *freelancer*, com tempo para novos projectos, como a escrita, onde dão os primeiros passos. Luciana Leitão lançou em 2009 *genti di macau*, um livro de contos; Hélder Beja venceu recentemente um concurso de contos com *Fogo lento*. Excertos de uma conversa sobre uma vida, que ainda agora começou.



“Estou cheio de vontade de escrever. Acho que quem escreve tem a responsabilidade de o fazer sobre Macau”

Hélder Beja

HÉLDER BEJA

A vida é louca e faltavam dois dias. Queria muito participar no concurso. Uma noite chego do trabalho, cansadíssimo, e começo a escrever. Ainda fui tirar uma fotografia, estava um nascer do sol maravilhoso por trás dos casinos e eu estava a escrever sobre aquilo.

De que fala o conto? Um homem vive sozinho em Macau. A única relação, ténue, que mantém é com uma mulher que revela as fotografias que ele tira de raparigas num momento particular e com uma série de detalhes que fazem daquilo uma fixação.

Por que o faz? Quer recuperar a mulher que lhe desapareceu.

Como surge a ideia? Eu queria explorar a condição feminina em Macau, que as pessoas

encaram com normalidade, e escrever sobre a solidão. Apesar de Macau ser tão povoado, parece-me que é fácil as pessoas sentirem-se sós. **Sente-se só?** Não e às vezes tenho pena.

Quando começou a escrever? Tenho um problema de memória. Se tiver de recuar lá atrás pode ter a ver com três anestésias gerais. Tive blogues; “Tu sabes bem”, gosto de jogos de palavras e este é um jogo entre “saber” e “sabor”; o “Húmus” era mais jornalístico e deu-me muito prazer fazer com um amigo. Numa fase mais poética criei o “Lábios de silêncio”, muito influenciado pelo livro “O Medo” do Al Berto, um dos poucos que me deixou atterrado.

E depois o jornalismo... Muita reportagem ou crónicas, coisas muito livres que me dão liberdade e que acabam por ser um exercício de escrita interessante.

ESCRITORES DE MACAU

Macau foi um impulso? Foi importante, era um corpo estranho na minha vida, tudo novo.

E daqui para a frente? Estou cheio de vontade de escrever. Acho que quem escreve tem a responsabilidade de o fazer sobre Macau.

Ideias? Quero escrever sobre a Macau contemporânea. Depois algo a puxar para a ironia, Macau precisava claramente de rir-se de si próprio e as pessoas aqui não o fazem.

Um escritor português favorito? Dos contemporâneos valter hugo mãe, tem um grande poder narrativo e um universo engraçado, por vezes muito rural, e eu revejo-me nisso.

De onde é? Da Vila da Marmeleira, um lugar maravilhoso, fica no topo de uma elevação. Para mim é hoje um ponto de solidez na minha vida.

HÉLDER BEJA

estudou Comunicação Social na Universidade do Minho e completou o estágio profissional no jornal *Público*. Em Macau, onde vive desde o ano passado trabalhou para o *Ponto Final* e escreve para as revistas *Macau*, *Macao* e *Macau Closer*, mantendo a colaboração com o *Público*. Actualmente frequenta o mestrado de Língua e Cultura Portuguesa na Universidade de Macau.

“Quando se pensa em Macau pensa-se em mudança. É inevitável. E nas várias comunidades. Macau é uma terra fascinante, sobretudo por toda essa multiplicidade cultural”

Luciana Leitão



LUCIANA LEITÃO

O meu pai assinava o Círculo de Leitores e todos os meses a senhora aparecia.

Um autor dessa altura? Romances do Erich Maria Remarque passados em tempos de guerra. Há um lado terrível da natureza humana.

E de Macau? Henrique de Senna Fernandes, que explora muito o lado da comunidade chinesa.

Um lado também abordado na sua reportagem premiada pela Fundação Oriente. Quis perceber o que pensam os chineses sobre a morte, quais os rituais. Fui com uma tradutora,

senão seria difícil falar com aquele coveiro que lá está há 30 anos.

Quanto ao seu livro de contos, escolha um.

“Mudança”, do senhor que se perde nas ruas e que se vai deparando com o presente e passado.

É um tema actual... Quando se pensa em Macau pensa-se em mudança. É inevitável. **E nas várias comunidades...** Macau é uma terra fascinante, sobretudo por toda essa multiplicidade cultural. Se calhar vivem de forma muito paralela, não se cruzam tanto como deveriam.

Como chegou até as comunidades? Fazia reportagens sobre as comunidades. Socorri-me também de pessoas para detalhes. Sobre as triades, por exemplo. Tenho um conto que ter-



ESCRITORES DE MACAU

mina com um homicídio. Falei com um amigo que viveu durante essa época.

Está ligada ao género conto? É um género difícil, não tem a vantagem dos romances, em que tens 300 páginas que fazem com que te apaixonas pelo personagem, que o conheças e até antecipes algumas reacções.

Quando começou a escrever? Em pequena.

A disciplina que mais gostava era Português.

Escrevia à mão? E depois à máquina. Com 15 anos resolvi que ia escrever um livro. Lembrome de ler partes às minhas amigas ao telefone. Era um policial.

Onde vivia? Lisboa, na Portela de Sacavém, que não é um sítio muito inspirador.

Um sítio para escrever em Macau? A biblioteca Ho Tung é lindíssima. Conheci há pouco tempo e pensei: Isto existe em Macau? Tem uma parte exterior com umas mesinhas no meio do verde.

A escrita está associada a uma certa melancolia? Isso pode ser um complexo, até uma barreira.

Há um novo livro. É para avançar? Tenho outros projectos pendurados. Se começo, apaixono-me e não consigo fazer mais nada.

Sobre quê? (silêncio).

LUCIANA LEITÃO

licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Estagiou no *Diário de Notícias*, colaborou com o *Público* e integrou a equipa da revista *Africa Today*. Reside em Macau desde 2007, onde começou por trabalhar no jornal *Ponto Final*. Actualmente é editora da revista *Essential Macau* e colabora com a revista *Macau, Macau Business* e o jornal *Macau Daily Times*. Está a concluir o mestrado em Estudos Comparativos entre a Europa e a China na Universidade São José.



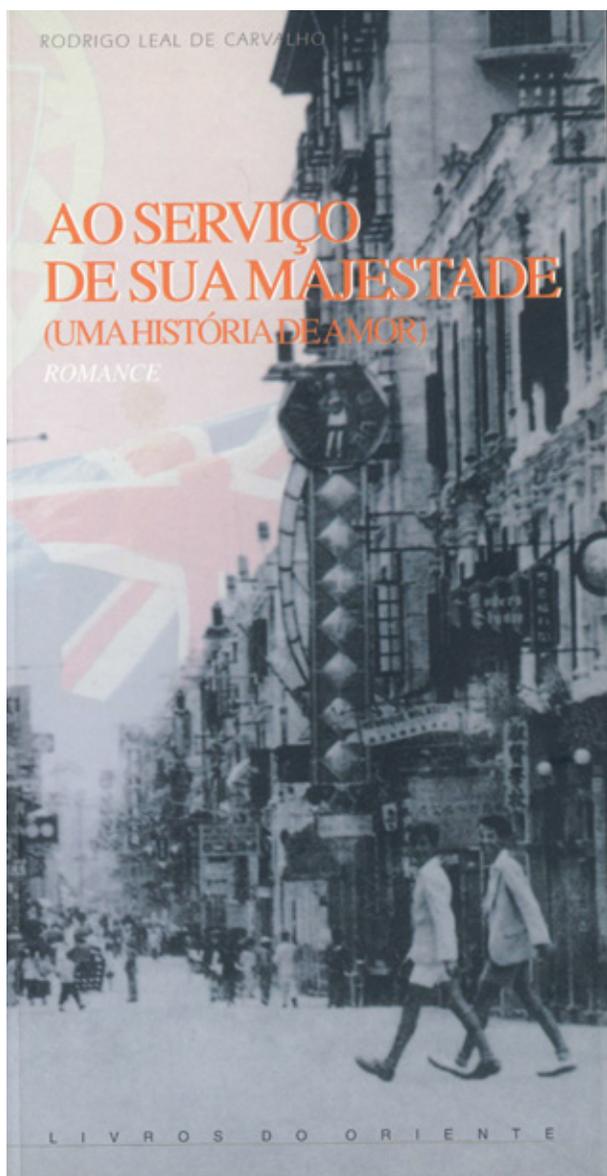
RODRIGO LEAL DE CARVALHO

OS ROMANCES DO SENHOR MAGISTRADO

Quando no início dos anos 90, Rodrigo Leal de Carvalho, então procurador-geral adjunto de Macau, publicou “Requiem por Irina Ostrakoff”, a surpresa foi geral. Por detrás da beca de magistrado nascia um contador de histórias

Texto: Catarina Domingues

Rodrigo Leal de Carvalho dedicou a Macau 32 anos de trabalho e oito romances. A poucos dias da transferência regressou a Portugal, para integrar o Supremo Tribunal de Justiça. Hoje, à beira dos 80 anos, divide-se entre a Praia da Vitória, na Ilha Terceira, e breves passagens pelos Estados Unidos, onde visita a família e tenta fugir aos Invernos rigorosos açorianos. No silêncio de um dia-a-dia que considera monótono, escuta jazz dos anos 30 aos 50, cultiva hortênsias e dedica-se, com muitas queimaduras, à culinária. Desde que deixou Macau, onde também foi presidente do Tribunal de Contas, nunca mais regressou. É um risco voltar ao lugar onde se foi feliz, considera.





* Rodrigo Leal de Carvalho fotografado em Macau na década de 90

TRABALHOU EM PORTUGAL, ANGOLA, GUINÉ, SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, MOÇAMBIQUE E MACAU. POR QUE RAZÃO SÓ COMEÇOU A ESCREVER AQUI E JÁ COM 60 ANOS?

Em boa verdade nunca deixei de escrever, só que eram peças de direito de pouco valor jurídico e nenhum literário. Mas a vivência em várias parcelas do então Império Português enriqueceu-me de experiências curiosas, interessantes e, por vezes, verdadeiramente dramáticas. Ficaram guardadas no meu arquivo sentimental à espera de melhor oportunidade. Esta surgiu quando já para o fim da carreira judiciária. Arranjei tempo para as pôr em letra de forma. Daí o recurso a histórias de tempos idos.

REQUIEM POR IRINA OSTRAKOFF CARACTERIZA-SE POR DOSES IRÓNICAS SOBRE AS VÁRIAS COMUNIDADES EM MACAU, PRINCIPALMENTE A PORTUGUESA E MACAENSE. COMO É QUE A OBRA FOI RECEBIDA NA ALTURA?

O sucesso do Requiem por Irina Ostrakoff foi para mim uma grata e inesperada surpresa, e devo confessá-lo, não muito justificável. Despertou porém o interesse e a curiosidade da população portuguesa, macaense e metropolitana. Provavelmente porque se tratava de uma história humana, de fácil leitura, abordando uma realidade constante da história de Macau, como o drama dos refugiados políticos e outros, retratando a cidade e as suas gentes. Algumas pretensamente conhecidas. Mas pretensão da exclusiva responsabilidade dos leitores, já que logo no início fora por mim rejeitada. Esse facto trouxe-me alguns dissabores que procurei emendar, garantindo a manifesta intenção de não magoar quem quer que fosse. Contudo, devo reconhecer que, ao nível modesto da produção editorial de Macau na altura, o romance foi um razoável sucesso.

DISSABORES, COMO POR EXEMPLO...

Reportam-se essencialmente à errónea identificação de personagens das histórias ou à atribuição de factos fictícios com personagens reais ou factos supostamente acontecidos. Não me interessa referi-los.

ESSE LIVRO CONTA A HISTÓRIA DE UMA SENHORA RUSSA QUE, COM A QUEDA DO CZARISMO, SE REFUGIOU EM MACAU. CANTOU NO SKYLIGHT E

TEVE UM CASO AMOROSO COM UM MACAENSE BEM POSICIONADO. A FICÇÃO ULTRAPASSA A REALIDADE?

As minhas histórias são desencadeadas por factos verídicos, notícias ou histórias que me foram contadas como tendo acontecido. Esse núcleo de facto tinha que ser depois desenvolvido de forma a servir a arquitectura da história, ou estória, se preferir, e daí o recurso à imaginação. Onde acaba uma e começa a outra, nem eu mesmo terei a certeza. O que é importante frisar é que todas elas contêm uma larga dose de imaginação, o que as torna apenas obras de ficção. Daí que, neste como nos outros livros, a imaginação foi sempre para além da realidade.

DESCREVE DE FORMA TRISTE A CHEGADA DE BARCO DE IRINA A MACAU. HÁ AQUI ALGO DE AUTO-BIOGRÁFICO?

Não há paralelismo possível, salvo quanto ao aspecto urbanístico da cidade, que na década posterior à II Guerra Mundial não sofrera alteração significativa. As nossas chegadas foram dramaticamente diferentes. Irina chegava a Macau na situação dolorosa de refugiada apátrida, sem apoios, aterrorizada por um futuro negro. Eu vinha com uma situação assegurada de magistrado do Ministério Público, com um estatuto de algum modo privilegiado, e recebido carinhosamente por muitos amigos, alguns de tempos antigos e outros feitos depois. Tinha casa, viatura e motorista à espera e até uma empregada, a nossa fiel A-Kuan, que esteve connosco durante todas as minhas sucessivas comissões em Macau, que viu nascer os meus filhos e que ainda nos telefona no Natal e nos nossos aniversários. Tudo isso tornou as nossas estadias em Macau particularmente felizes.

NO LIVRO AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE UM CADETE BRITÂNICO PASSA AO LADO DE UM GRANDE AMOR POR UMA MACAENSE POR UMA QUESTÃO DE CÓDIGO SOCIAL. ATÉ QUE PONTO FOI DIFÍCIL COMPATIBILIZAR TODO O CÓDIGO QUE ENVOLVIA A SUA PROFISSÃO E O CONTEÚDO IRÓNICO DAS OBRAS?

Não senti a menor dificuldade em conciliar quaisquer regras deontológicas da minha profissão com a visão irónica, crítica ou, como entenderam alguns, injustamente embora, sarcástica da minha narrativa. Em primeiro lugar

ESCRITORES DE MACAU

porque enquanto escrevia despia a minha beca de magistrado. Não estava ali numa missão judicial de sancionamento legal, moral ou simplesmente social. Retratava os factos e as personagens o melhor que sabia e deixava ao leitor, o supremo juiz nesta instância, o encargo de julgar. E em segundo lugar porque não me pesou na consciência a existência de qualquer conflito entre a deontologia e o retratar da realidade, ainda que com as limitações próprias de um simples contador de histórias.

APÓS 32 ANOS E A POUCOS DIAS DA TRANSFERÊNCIA DEIXOU MACAU. PORQUÊ?

Embora tivesse feito a maior parte da minha carreira de magistrado no então Ultramar Português, eu pertencia, aquando da transferência, aos quadros da Magistratura Portuguesa como juiz do Supremo Tribunal de Justiça em comissão de serviço em Macau. Daí que ao terminar a minha comissão, tivesse de regressar aos quadros desse tribunal. Poderia sem dúvida ter aguardado o momento histórico da transferência. Devo confessar que me custava vê-lo e preferi sair nas vésperas do facto.

JÁ CÁ ESTEVE DESDE ENTÃO?

Não.

PORQUÊ?

Nem eu mesmo sei. Por um lado, a oportunidade não surgiu. Por outro, tenho uma espécie de relutância ou temor de desapontamento. Não por encontrar a cidade em pior estado, pois estou certo que até terá melhorado consideravelmente, mas por não encontrar a “minha Macau”, não apenas a cidade que eu conheci, mas principalmente as suas gentes, as minhas gentes, as que fizeram a Macau que eu ameii; os amigos que, por razões da inexorável passagem do tempo, já se foram, ou por motivos diversos passaram a integrar a diáspora macaísta. Por outras palavras, receio procurar-me nas ruas pacatas da cidade cristã ou no bulício do bazar e não me encontrar. Não sei se já alguém o disse, mas penso que é um grave risco voltar-se ao lugar onde se foi feliz.

MAS CONTINUA A ACOMPANHAR A VIDA EM MACAU?

Pouco. Já jubilado, escolhi o ameno desterro da

minha vila natal, hoje cidade da Praia da Vitória, onde nasci e nasceram os meus pais, avós, bisavós e anteriores. Entretenho-me a cultivar hortênsias e a dedicar-me, infelizmente com pouco sucesso, à culinária. Mas ainda assim, vou tendo algumas notícias através de amigos. Tenho visto por isso o espectacular desenvolvimento urbanístico de Macau. E devo dizê-lo with mixed feelings...

VOLTANDO AOS LIVROS, COMO JUSTIFICA A DIFICULDADE DE MUITOS AUTORES PORTUGUESES DE MACAU EM CHEGAR A PORTUGAL?

Como tive sempre o apoio da Livros do Oriente, não senti dificuldades na publicação. Diferente foi a distribuição dos livros de Macau em Portugal, restrita quase só à distribuição na Livraria do Centro Cultural e Turístico de Macau, a cargo da Delegação Comercial de Macau.

O CENÁRIO LITERÁRIO EM MACAU FICOU AGORA MAIS POBRE COM A MORTE DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES. QUE MEMÓRIAS GUARDA DO ESCRITOR?

O Henrique de Senna Fernandes foi das primeiras pessoas que conheci em Macau. Ele era, à altura, substituto nomeado do delegado do procurador da República, pelo que estava no cais da Ponte 16 à espera do Tay Loy, o ferry onde eu vinha. Deste contacto profissional e depois, por amena convivência, tornámo-nos amigos. Tínhamos, para além dos temas profissionais, interesses comuns: leituras, música, cinema, recordações das nossas infâncias em pequenas sociedades algo “fechadas”, Macau e os Açores nos anos 30 e 40, que nos davam temas para longos e amenos bate-papos. Através dele e da família, conheci gente e histórias de Macau. Era um romântico apaixonado pela sua cidade, pela sua família, próxima e mais remota. Permitir-me-ia dizer que era um produto ainda de um romantismo dos fins do século XIX transposto para os loucos anos do século XX. Que descanse em paz.

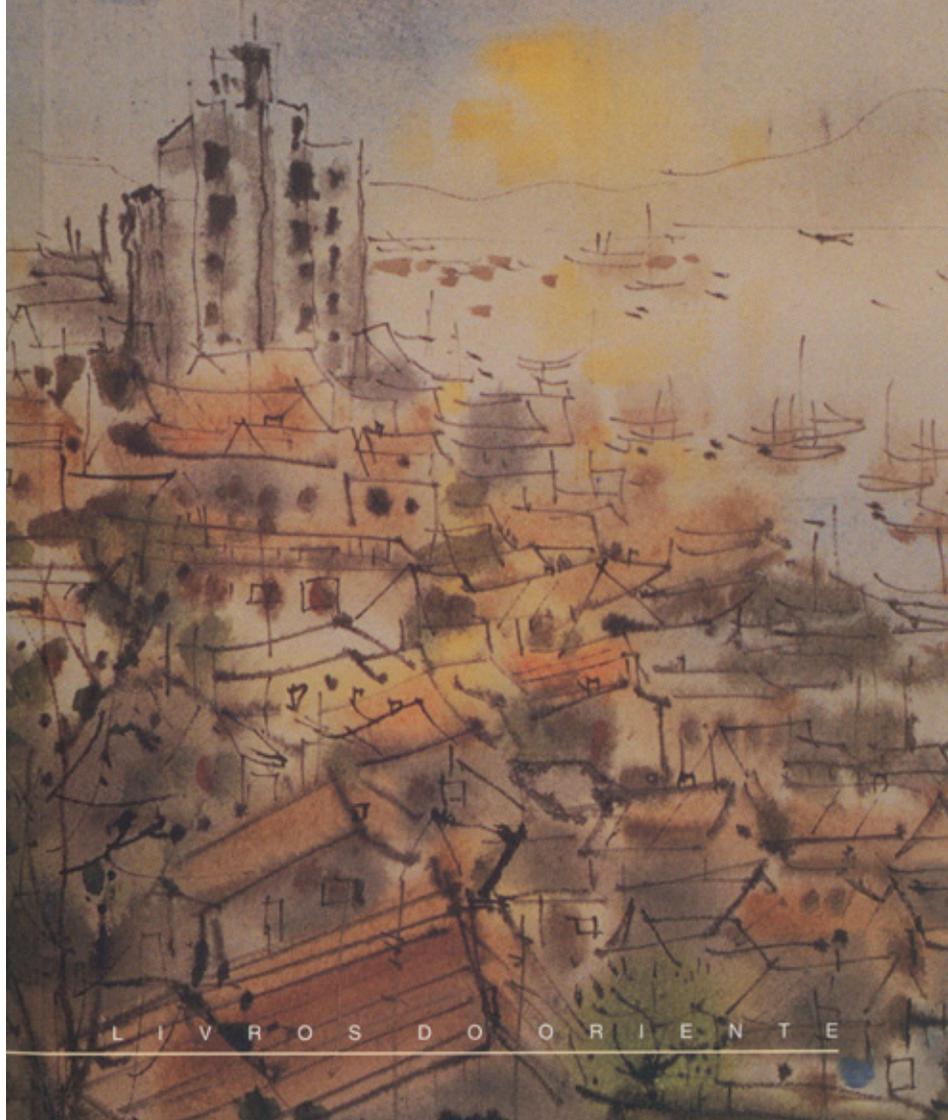
TEM OITO OBRAS PUBLICADAS, A ÚLTIMA EM 2007. CONTINUA A ESCREVER?

Não. Não excluo a possibilidade, remota sem dúvida, mas deixem-me esta tímida pretensão de voltar um dia a escrever, apesar de já estar a beirar os oitenta invernos.

RODRIGO LEAL DE CARVALHO

O Senhor Conde e as suas três mulheres

ROMANCE



L I V R O S D O O R I E N T E

PERFIL

ALBERTO
LISBOA

O "LIVRAMENTO" DA ÁSIA

Seis vezes campeão asiático, Alberto Lisboa continua a sonhar com um recinto permanente para jogar e treinar. Apesar dos condicionalismos, o hóquei em patins continua a conquistar títulos para Macau e a cativar jovens

Texto: Gilberto Lopes | Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro

O hóquei em patins é uma tradição familiar. O pai, electricista de profissão, funcionário da Lisnave, antigo praticante, treinou várias equipas e desde muito cedo Alberto Lisboa habituou-se a seguir o progenitor por todos os lados. Ainda criança, começou a calçar os patins e a brincar com o stick. “Aos três anos, no Clube Recreativo do Feijó, já andava de patins e aos cinco entrei para as escolas de formação da Lisnave, que o meu pai fundou”, conta, recordando com emoção a sua infância. “Para a época foram anos felizes. Andava muito na rua, onde brincava com os amigos. Os miúdos de hoje não sabem o que é isso, pois já ninguém se diverte na rua.”

Aos dez anos é convidado para representar o seu clube do coração. Nas camadas jovens do Benfica sagrou-se campeão nacional em iniciados e juvenis. “Em juniores, jogámos a final, mas não foi possível conquistar o título”, lembra o actual seleccionador de Macau.

Como sucede com muitos jovens que não conseguem garantir um lugar nos seniores, Alberto Lisboa deixou então o Benfica. Carlos Dantas tinha chegado à Luz e o treinador recrutou vários jogadores de outras equipas. Joga na Académica da Amadora, no Seixal, clube que ajuda a subir à segunda divisão. Disputa uma meia-fi-

nal da Taça de Portugal (derrota com o Barcelos) e quase ajudou o Seixal a chegar à primeira divisão. “Acabámos o campeonato em segundo.” No ano seguinte, já com Alberto Lisboa do outro lado do mundo, a formação do Seixal sobe à primeira divisão do hóquei em patins portugueses.

EM MACAU HÁ DUAS DÉCADAS

No início dos anos 90 do século passado aceita o convite para vir para Macau. Faz este ano 20 anos de permanência numa cidade que mudou muito. “Era um local pacato, calmo, onde dava gozo viver. Agora é tudo diferente, não se pode andar de carro ou de moto, pois não há lugar para estacionar. Desisti de conduzir e vou de autocarro para o trabalho [é funcionário do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais]”, lamenta. Ainda assim, pensa continuar por cá. “Macau é a minha segunda casa, estou casado com uma macaense, ainda gosto muito desta terra.”

A modalidade também mudou muito em duas décadas? “Nem por isso”, responde. “Quando cheguei, não havia quase competição. As coisas começaram a mudar por causa dos campeonatos asiáticos e dos Mundiais”, diz. Macau tinha organizado o Mundial B em 1990, competição que regressou ao território em 1998 e 2004.

Há sete anos, Macau obteve um excelente quarto

lugar, o que lhe permitiu participar no ano seguinte no Mundial A. A Catalunha, que venceu o Mundial B, não competiu na elite da modalidade por decisão da Federação Internacional.

Durante anos jogador-treinador, Alberto Lisboa foi seleccionador de Macau entre 1996 e 1999, altura em que deixou a selecção, tendo regressado em 2002. O pai e Torcato Ferreira, um dos grandes nomes do hóquei em patins luso, foram os homens que mais o marcaram, mas o grande ídolo foi António Livramento. “Na minha juventude era o melhor do mundo, um jogador de enorme talento, o maior.”

Livramento era um virtuoso, mas com as devidas diferenças, Lisboa foi um excelente praticante, de bom nível técnico e com muita garra e determinação, que muito contribuiu para o crescimento deste desporto em Macau.

Nos últimos anos conquistou, de resto, muitos títulos internacionais para Macau. A selecção foi campeã asiática por seis vezes e obteve boas classificações no Mundial B. A presença na principal competição de selecções nos Estados Unidos, em 2005, foi outro marco da sua carreira. “Foi uma óptima experiência, mas evitar a descida era impossível”, admite. O mesmo sucedeu já este ano quando Macau participou, pela segunda vez, no famoso Torneio de Montreux, onde jogou contra França, Argentina, Angola e a formação da casa, o Montreux Hockey Club. “Foi a primeira vez que jogámos com as novas regras. Tivemos que aprender de jogo para jogo, o que se reflectiu nos resultados. Os nossos adversários ficam surpreendidos como é que Macau, com reduzidas condições de trabalho, consegue bater-se com equipas profissionais, que treinam todos os dias”, comenta. “Até a Índia e Israel têm mais contactos internacionais que Macau. Montreux foi uma boa ocasião para os

nossos jogadores ganharem ritmo competitivo, mas o que sucede é que agora vamos ficar meses parados, pois neste momento não é possível convidar ninguém a deslocar-se à RAEM, pois não temos recinto disponível.”

Os resultados não foram positivos - cinco jogos e outras tantas derrotas -, mas Alberto Lisboa recorda que com o Montreux e a Alemanha “já foi possível dar mais luta”. “Metade da equipa do Montreux joga na selecção suíça e a Alemanha está há anos no Mundial A”.

FÓRUM É UMA BOA SOLUÇÃO

A selecção fecha o ano de 2011 sem mais competições, mas em 2012 vão realizar-se o Asiático - onde Macau defende o título - e o Mundial B regressa ao Uruguai.

A falta de um espaço permanente para treinar e jogar continua a impedir o incremento da modalidade. “O Dom Bosco tem agora um piso de borracha, que não permite desenvolver o nosso trabalho”, refere. “Mas começo a sentir que existe uma maior sensibilidade para resolver o nosso problema, o que é muito positivo”, afirma. Apesar das dificuldades com que se debate, o hóquei em patins tem atraído jovens para a prática da modalidade. “Há muitos miúdos que têm aderido aos nossos projectos, mas quando chegam a uma idade mais avançada acabam por ir estudar para fora ou desistem, pois não há grandes incentivos para apostar numa carreira desportiva”, nota, elogiando o trabalho que está a ser feito pelos monitores da Associação de Patinagem: Hélder Ricardo e Sónia Silva. Sem esquecer, a Escola de Patinagem da Casa de Portugal, que nos últimos anos tem também contribuído para o seu fomento.

O seleccionador de Macau considera que a modalidade tem hoje “uma maior visibilidade, os



jovens chineses gostam do hóquei, mas é necessário ter condições para evoluir”.

POLÍTICA DESPORTIVA

O experiente treinador não tem dúvidas em dizer que falta uma política desportiva. “Macau é um território pequeno e tem excelentes possibilidades para desenvolver o desporto, pois dispõe de boas instalações e de dinheiro. Podia muito bem estar a meio da tabela em qualquer modalidade, mas é preciso ter uma outra abordagem, uma outra maneira de encarar o desporto. É preciso alargar os apoios”, considera. “Temos que copiar o que de melhor se faz no exterior. Identificar os jovens que têm potencialidades e apoiá-los, de modo a evoluir. Os resultados acabarão por chegar. Como isso não sucede, é

difícil evitar que desistam e são muito poucos os que apostam numa carreira desportiva”, assevera.

Para manter a forma, Alberto Lisboa ainda dá uma perninha na equipa de futebol da Casa de Portugal, que garantiu a subida à segunda divisão. “Aceitei o desafio do Pelé [treinador da Casa de Portugal] e tem sido muito bom, dado que além dos aspectos desportivos tem sido possível manter-me em forma.”

Benfiquista, “mas não sou maluco, não fico doente com os maus resultados”, Alberto Lisboa adora automóveis, “passo algumas das minhas horas livres em volta dos carros”.

Gosta de se divertir com os amigos, trocar dois dedos de conversa e não dispensa uma boa partida de cartas.

JANI ZHAO

A MENINA DOS MACAENSES

Jani Zhao conquistou o coração de Macau ao encarnar Thai na novela portuguesa *Sentimentos*.

É a primeira actriz de ascendência chinesa a entrar pelo pequeno ecrã português.

Em Dezembro vai a Xangai e passa por Macau

Texto: Patrícia Lemos | Fotos: Paulo Cordeiro, em Portugal



Em Lisboa, em casa da atriz Jani Zhao a comida chinesa domina o cardápio mas quando a portuguesa entra em cena, até as costeletas de porco chegam à mesa cortadas aos bocados. É de pauzinhos que se come, como manda a tradição chinesa. Nascida em Leiria, Jani gosta, claro está, de um bom Pato à Pequim ou de uma massa de fitas, mas não dispensa o bitoque. Uma preferência que deixou bem clara numa viagem a Macau. Aí tomou consciência de como é ligada a Portugal, apesar de ser filha de chineses. No Verão de 2006, após uma estadia prolongada na China que durou três meses, passou pela RAEM. “Mal chegámos fomos ao primeiro restaurante português que encontramos. Pedimos logo um bife daqueles. Tínhamos saudades da comida portuguesa. Até a minha mãe, que é de Xangai, ficou feliz com aquela refeição.”

A atriz, de 19 anos, não se recorda bem de Macau, pois “já passaram alguns anos”, mas lembra-se da arquitectura portuguesa, da calçada e... dos pastéis de nata: “São diferentes dos de Lisboa mas também gosto deles”. Apesar das referências de Portugal em Macau, confessa que não se sentiu “mesmo, mesmo em casa”. Jani tem assim uma ligação especial à RAEM que tem as suas duas culturas.

Em Dezembro volta a passar pela Terra do Nome de Deus, logo depois de mostrar Xangai ao namorado Frederico Barata, com quem partilha a profissão e o estrelato. “Gostava de rever a cidade que - diz-se - mudou tanto com os casinos.” Confessa que aquela imagem de Las Vegas do Oriente a deixa um pouco desconfiada em relação à nova Macau. “Vou de férias com o Frederico. Está na hora dele conhecer este mundo, até porque sempre manifestou muito interesse pela minha cultura.”

NA PELE DOS ORIENTAIS

Mal vestiu a pele de Hoshi, em 2008/9, na série juvenil *Rebelde Way*, Jani Zhao ganhou lugar cativo no núcleo duro de estrelas ascendentes da televisão portuguesa. “Sou abordada pelo público desde o início.” Mas foi com a participação na telenovela *Sentimentos*, gravada em 2009 em Macau, Tailândia e Portugal, que ganhou mais popularidade. “Foi um privilégio fazer o papel de prisioneira na Tailândia.” Jani encarnava uma macaense, de nome Thai, que “tinha uma

O SONHO DE HOLLYWOOD

“Quando era mais nova ambicionava ir para os Estados Unidos seguir uma carreira internacional. Mas, hoje em dia, apesar de ainda ter um pouco esse sonho, já não é uma prioridade. Não estou tão focada nisso mas se tiver de acontecer, acontece.”

PERFIL EM TV

Actriz

2010/11 *Morangos Com Açúcar VIII* - Novela, TVI

2009/10 *Sentimentos* - Novela, TVI

2008/09 *Rebelde Way* - Série, SIC

2006/07 *Floribella* - Série, SIC

Apresentadora

2010 *Pronto a Vestir* – programa das Produções Fictícias, SIC K

Desportos: dança, ténis, equitação, voleibol e futebol

Línguas: Português, mandarim, inglês, francês e espanhol

mãe portuguesa adoptiva”. Por causa desse desempenho, “recebi várias mensagens de Macau e de macaenses. Davam-me imensa força nessas cartas e emails. Motivavam-me muito e estavam contentes com o meu trabalho”.

Thai foi um dos papéis mais exigentes para Jani, que foi descoberta por uma agente na rua e começou a trabalhar aos 13 anos. A dificuldade estava sobretudo ao nível das emoções, porque Thai atravessava um momento difícil na prisão. Considera uma “sorte” ter tido este “papel estrondoso no início da carreira”: “Foi um enorme desafio e até fiquei surpreendida com o meu desempenho. Não sei de onde vieram tantas emoções, mas procurei fazer esse trabalho com muita honestidade”.

Gostou especialmente de ser macaense, porque conhece bem os portugueses de toque oriental. “A melhor amiga da minha mãe vive em Macau há muitos anos. Cresci à volta de macaenses e percebo essa cultura e a maneira de estar que é

diferente da dos chineses e da dos portugueses. Não é algo específico e que seja fácil de definir.” Apesar dos seus papéis de chinesa serem uma novidade na representação em televisão, sempre sentiu muita liberdade na forma de os trabalhar. “Nunca interferiram no modo como eu construí os personagens ou nas cargas emocionais que eu ia criando. Julgo que têm a consciência de que tenho ligação ao universo que estou ali a representar.”

Admite que fica um pouco limitada por representar sempre orientais mas, por outro lado, “essas personagens são criadas para mim”. E, para ser honesta, “já me preocupei mais com isso”. Vê assim desvantagens, mas também vantagens: “Sou prova de como em Portugal se fazem apostas nas outras culturas que estão presentes no país”.

O ORGULHO DOS CHINESES

Enquanto actriz na pele de chinesas, nunca precisou de pesquisar muito. Já conhecia bem a comunidade em Portugal, da qual afinal faz parte. “Os meus pais, ambos xangainenses, tiveram um restaurante há 12 anos. Quando eu ia à minha terra natal, Leiria, de férias, convivia bastante com chineses, alguns dos quais eram lojistas e conhecidos dos meus pais. Eles ajudavam muitos que acabavam de chegar a Portugal. Os chineses são um povo que sente a obrigação de receber os seus compatriotas, de dar conselhos e orientações.”

Esta oportunidade de viver “o outro lado” fez com que se apercebesse das dificuldades que os chineses passam fora do seu país. Foi uma vivência particularmente útil quando lhe ofereceram o papel de Sandra em *Morangos com Açúcar*, cujo “percurso de vida é semelhante ao de muitas pessoas descendentes de chineses a viver em Portugal”. Este trabalho foi de “muita responsabilidade”, dando a conhecer um personagem que representa algo desconhecido para a maioria dos portugueses, já que não existe um contacto assim tão próximo entre as duas culturas. Durante essa participação, “os chineses abordavam-me e davam nota de que estavam orgulhosos. E agradecem-me até por os estar a representar”.

Jani fica especialmente agradada quando outras raparigas chinesas a viver em Portugal lhe dizem que gostariam de um dia fazer o que faz



“e representar aqui ou no estrangeiro a cultura chinesa”.

Desde pequena que sente necessidade de esclarecer os outros sobre a China, “porque há muitas ideias sobre os chineses no Ocidente que não correspondem à verdade e há muita gente que não conhece a China. Se calhar o meu destino é estar aqui em Portugal a dar a conhecer a cultura chinesa”.

UMA NOVA ERA DE RELAÇÕES



Antes apenas parceiro comercial da China, o Brasil tornou-se destino de investimentos chineses em tecnologia de última geração

Texto: Gisele Lobato | Fotos: Raoni Maddalena

* Paul Liu, presidente honorário da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Económico

Brasil e China estão a assumir novos papéis no cenário global, o que implica mudanças nas relações bilaterais. Segundo levantamento do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), o ano de 2010 foi o divisor de águas na história dos dois países. Até o ano passado os investimentos chineses directos no Brasil eram esporádicos, movidos pela estratégia particular de alguma empresa. Em 2010, porém, houve um crescimento expressivo nos anúncios de novos negócios.

“O salto nos investimentos em 2010 foi tão elevado que, no Conselho, o chamamos de uma ‘nova fase no relacionamento’”, afirmou o coordenador de Análise do CEBC, André Soares.

Em 2010, grupos chineses anunciaram 25 projectos com um investimento total de 35 mil milhões de dólares norte-americanos. O levantamento do Conselho aponta que 90 por cento dos anúncios foram movidos por empresas em busca de recursos naturais. Esse é o caso, por exemplo, da Sinopec, que adquiriu 40 por cento das operações brasileiras da petrolífera Repsol.

Há anos o Brasil desempenha o papel de importante fornecedor de produtos primários para a China, como soja, minério de ferro e petróleo. O que o levantamento mostra é que, no ano passado, os chineses passaram a produzir no Brasil o que antes obtinham pelo comércio com

Há anos o Brasil desempenha o papel de importante fornecedor de produtos primários para a China, como soja, minério de ferro e petróleo. Mas no ano passado os chineses passaram a produzir no Brasil o que antes obtinham pelo comércio com produtores brasileiros

produtores brasileiros. Mas o que mais chama a atenção é que a revolução iniciada em 2010 não parou. O ano de 2011 marca uma nova mudança radical: antes simples fornecedor agrícola e mineral, o Brasil passou a atrair tecnologia.

A fabricante de equipamentos para telecomunicações ZTE, por exemplo, propôs em Abril a construção de um parque industrial de alta tecnologia na cidade de Hortolândia, a 109 quilómetros da cidade de São Paulo. A empresa, que tem sede em Shenzhen, prevê um investimento de 200 milhões de dólares no pólo, que sediará o primeiro centro de investigação e desenvolvimento da ZTE na América Latina, além

de produzir telemóveis, tabletas e modems e, no futuro, equipamentos para redes de telecomunicações. No local serão instalados também centros de atendimento, logística, reparos e formação.

Na mesma altura, a Huawei – outra multinacional de telecomunicações de Shenzhen - anunciou um investimento de 350 milhões de dólares na instalação de um centro de investigação de desenvolvimento na cidade de Campinas, a 93 quilómetros de São Paulo. A empresa já possui um centro de formação, logística e assistência técnica na cidade.

Líder em equipamentos para banda larga fixa e móvel no Brasil, a Huawei ainda não tem fábrica no país, mas produz localmente por meio de uma parceria com a Flextronics, de Singapura. A empresa não descarta abrir uma fábrica própria no Brasil no futuro. “É uma decisão de longo prazo e nós ainda estamos a analisar”, declarou o presidente da Huawei do Brasil, Li Ke. Tanto a Huawei como a ZTE confirmaram os seus planos durante a visita da presidente

brasileira, Dilma Rousseff, à China, em Abril deste ano. “Dilma foi à China buscar investimentos com maior valor agregado”, assinalou André Soares. A procura por transferência de tecnologia e por aportes que ajudem a desenvolver a indústria brasileira é uma constante nas

viagens da presidente desde que assumiu o Governo, em Janeiro.

Além das multinacionais de Shenzhen, a presidente voltou para o Brasil com a promessa histórica de uma fábrica da Foxconn, gigante responsável pela fabricação do iPad e do iPod, da Apple. As negociações para a criação dessa fábrica correm actualmente em sigilo. Sabe-se, porém, que a chegada da companhia ao Brasil deverá resultar em cerca de 100 mil empregos directos, resultantes de um investimento de 12 mil milhões de dólares nos próximos cinco anos. Beneficiados por um amplo programa de incentivos fiscais, os produtos da Apple deverão



* A Chery foi a primeira fabricante chinesa de automóveis a anunciar a criação de uma unidade no interior do Estado de São Paulo. Em meados deste ano, iniciou-se a construção.

começar a ser produzidos no país ainda este ano, numa fábrica localizada em Jundiaí (58 quilômetros de São Paulo).

Já há empresas que montam equipamentos semelhantes aos da Apple no Brasil. O ineditismo do anúncio, porém, deve-se ao facto de que o investimento da Foxconn prevê, numa segunda etapa, a fabricação de ecrãs sensíveis ao toque no Brasil. Hoje nenhuma fábrica do Ocidente domina essa tecnologia. Os ecrãs e os semicondutores são considerados “estratégicos” pelo Governo brasileiro.

“Só 20 países do mundo fazem semicondutores. Queremos entrar nesse clube de privilegiados e também queremos ter ecrã táctil no Brasil e uma indústria de componentes. Estamos a trabalhar fortemente nessa direcção”, disse o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Aloizio Mercadante. Ele promete que todas as empresas que quiserem produzir localmente esses produtos receberão incentivos.

VANTAGENS

Muitos sectores da indústria brasileira dizem que não conseguem competir com os produtos

fabricados na Ásia. Nesse sentido, parece um contra-senso o fluxo de investimentos em fábricas no Brasil. No entanto, empresários garantem que pode valer a pena transferir a produção, ainda mais quando o Governo brasileiro dá sinais de que quer recebê-los de braços abertos.

A redução nos gastos logísticos e no tempo de entrega das encomendas é a vantagem mais evidente. Além disso, ter uma indústria local evita a instabilidade do câmbio e a ameaça de barreiras comerciais. Mas o principal factor apontado para a construção de fábricas no Brasil é a necessidade de personalizar os produtos para ganhar espaço num mercado consumidor cada vez mais importante - apesar de ter uma população muito menor do que China e Índia, o Brasil está entre os países do globo que mais consomem computadores, telemóveis e televisores.

“O mercado brasileiro tem particularidades. Isso exige que as empresas que querem trabalhar com sucesso no país usem a personalização adequada”, afirmou o presidente da ZTE Brasil, Eliandro Ávila.

Há mudanças simples, como o idioma do sistema, mas a necessidade de adaptação não pára

por aí. Ávila cita, por exemplo, que o consumidor brasileiro não abre mão de um leitor de MP3 e câmara fotográfica de alta qualidade no telemóvel. “A ZTE do Brasil, atenta a essas necessidades, desenvolve novos produtos para que sejam únicos e totalmente adequados ao gosto do consumidor brasileiro”, afirmou o executivo. No mesmo sentido, o director de terminais da Huawei do Brasil, Liu Dan, considera que “todos os mercados exigem algum tipo de adaptação”. “É por isso que criamos centros de inovação em todo o mundo, que permitem à Huawei fazer adaptações de acordo com as necessidades de nossos clientes”, declarou.

PARCERIAS

As diferenças culturais e a complexidade da legislação laboral e tributária brasileira assustam muitas empresas que poderiam investir no Brasil, afirma Paul Liu, director da *Fortune Consulting* e presidente honorário da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Económico (CBCDE). Para um consultor, encontrar um parceiro local é o melhor caminho para entrar no país.

Um bom exemplo é o fabricante de automóveis JAC Motors, que se associou ao empresário brasileiro Sérgio Habib para conquistar mercado. A competitividade chinesa, aliada ao conhecimento sobre os hábitos de consumo do brasileiro, levou a marca ao segundo lugar entre os veículos importados em apenas seis meses.

Para Paul Liu, o momento actual é ideal para procurar essas parcerias, já que os empresários brasileiros estão atrás de investidores para modernizarem as suas fábricas. “As empresas brasileiras têm mercado, mas falta competitividade. Precisam reduzir custos de produção e melhorar os produtos, mas isso requer investimentos”, ressaltou.

Entre as áreas mais promissoras para esse tipo de sociedade Paul Liu cita vestuário, máquinas e equipamentos, peças para automóveis, telecomunicações e tudo o que for relacionado à tecnologia.

REVOLUÇÃO SOBRE RODAS

Desde 2010, a entrada de fabricantes de automóveis chinesas no Brasil está a provocar uma verdadeira revolução no mercado local. JAC, Chery, Dongfeng e Lifan estão entre as companhias

O principal factor apontado para a construção de fábricas no Brasil é a necessidade de personalizar os produtos para ganhar espaço num mercado consumidor cada vez mais importante



* Para Paul Liu, a conjuntura actual é ideal para procurar parcerias: os brasileiros querem investidores para modernizar as suas fábricas, e os chineses, uma porta de entrada num mercado tão vasto como o do Brasil

que anunciaram investimentos milionários no país no último ano, atraídas por um mercado que bate recordes mensais de vendas. Só em Agosto foram vendidos 327.400 veículos no Brasil, 6,9 por cento mais que em Julho e 4,7 por cento acima do registado no mesmo mês de 2010.

O primeiro anúncio foi da Chery, maior fabricante de automóveis da China. A companhia oficializou em Setembro do ano passado que abriria uma fábrica na cidade de Jacareí (84 quilómetros de São Paulo). Em Junho deste ano, foi lançada a pedra fundamental da unidade, que receberá 400 milhões de dólares norte-americanos em investimentos e deve estar pronta até o fim de 2013. No início das operações, a capacidade de produção será de 50 mil veículos ao ano, com a possibilidade de subir para até 150 mil.

A Chery comercializa carros no país há dois anos, mas foi a JAC Motors a fabricante chinesa que mais ganhou visibilidade no Brasil, devido a um intenso trabalho de *marketing*. O investimento inicial foi feito pelo grupo SHC, de Sergio Habib, sócio dos chineses e presidente da JAC no Brasil. Modelos foram adaptados ao gosto dos brasileiros e uma ampla rede de lojas foi montada.

Poucos meses após o início da operação, a companhia já anunciava que investiria 600 milhões de dólares norte-americanos numa fábrica no país, projectada para produzir 100 mil veículos

por ano a partir de 2014.

A Lifan, que comercializa no Brasil modelos montados no Uruguai, confirmou em Julho a injeção de 100 milhões de dólares numa fábrica brasileira, que começaria a ser produzida no próximo ano. A Dongfeng, por sua vez, deverá começar a vender, a partir de 2012, camiões médios e pesados inicialmente importados. Até 2015, a empresa também pretende ter uma fábrica local.

Com excepção da Dongfeng, as fabricantes chinesas entraram no Brasil para competir, principalmente no segmento dos carros populares. A investida abalou as montadoras tradicionais, que começaram a se instalar no Brasil na década de 50. “Os concorrentes chineses possuem características extremamente desafiadoras, como recursos tecnológicos avançados, típicos de modelos de luxo”, além de “preços mais baixos do que os concorrentes da indústria brasileira na mesma categoria”, diz o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), no relatório publicado em Maio deste ano.

Na época, a entidade já previa que isso geraria impacto em toda a cadeia automóvel brasileira. Ao longo dos últimos meses, o que se viu foi uma redução nos preços do mercado como um todo, mas a previsão dos analistas ia mais longe: a indústria local seria obrigada a se modernizar para competir.



PROTECCIONISMO

Sob a pressão das montadoras instaladas no Brasil, o Governo anunciou em Setembro aumento no imposto sobre veículos importados. A medida afecta até os carros fabricados no Brasil que tenham menos de 65 por cento de suas peças produzidas localmente.

O consultor Paul Liu aponta que proteger a indústria local é uma tendência do Governo brasileiro, o que pode ser considerado incentivo para os investimentos directos em produção no país. “Não dá para querer só exportar, porque medidas de protecção e barreiras alfandegárias acabam por retirar vantagens ao produto”, ressaltou. Como o aumento no imposto afecta também carros montados no Brasil com grande percentual de peças importadas, algumas fabricantes disseram que a medida poderia inviabilizar a construção de fábricas no Brasil, pois a formação de uma cadeia de fornecedores locais leva tempo. Nenhum, porém, cancelou os planos oficialmente.

Num segundo momento, porém, a imprensa brasileira deu conta que o Governo passou a demonstrar abertura para negociar incentivos e trazer essas indústrias.

A ideia era diferenciar os veículos totalmente importados dos montados no Brasil com peças estrangeiras, desde que as empresas se comprometessem com a adopção de um calendário para a nacionalização gradual dos produtos.

As diferenças culturais e a complexidade da legislação laboral e tributária brasileira assustam muitas empresas que poderiam investir no Brasil



CIDADE VELHA, VIVEIRO DE MESTIÇAGEM



GERMANO ALMEIDA

Escritor

Fotos: *dreamstime.com*

A Ribeira Grande de Santiago, em Cabo Verde, foi recentemente elevada à dignidade de património da Humanidade. É de se admitir que a UNESCO, instituição prestigiada que é, não tenha tomado essa importante deliberação eventualmente como um reconhecimento e exaltação do legado arquitectónico da cidade, na realidade hoje praticamente desaparecido ou em ruínas.

É facto que a Cidade Velha, como é nostálgica e carinhosamente conhecida e tratada, teve fortes, muitos fortes, todos com nomes dos santos mais diversos. Teve a imponente fortaleza de São Filipe, arrasada pela acção do tempo e do pirata francês Jacques Casard mas felizmente reconstruída por obra do governo espanhol; tem ainda as chamadas “ruínas consolidadas” do que foi a grandiosidade da Catedral, e tem também o renovado convento de São Francisco e a igreja que foi de Nossa Senhora dos Escravos, sem contar as muitas reminiscências ou resíduos de umas quantas igrejinhas e capelas que pareciam surgir do chão ao sabor de cada promessa feita a um qualquer santo.



Não obstante, não é por nada disso que a Cidade Velha merece ser tida como património da Humanidade e como tal venerada. É sobretudo por aquilo que significa em termos de berço de um caldeamento de povos das mais díspares origens e culturas que ali se encontraram e se misturaram e se miscigenaram, acabando por criar uma espécie de “raça humana” feita em todas as cores. Os seus elementos reconhecem-se e identificam-se como o mesmo povo, não apenas pela língua comum, o crioulo de Cabo Verde, mas especialmente na particular forma de estar e enfrentar o mundo nunca encarado como hostil e cujo centro não pode ser outro senão o arquipélago onde nos encontramos.

E, no entanto, a história levamos a acreditar numa simples obra de acaso a possibilitar o surgimento da sociedade caboverdiana. É que inicialmente terá sido ambição de Portugal proceder à colonização de Cabo Verde nos mesmos moldes que tinha acontecido relativamente às ilhas ditas adjacentes, isto é, com povos predominantemente de raça branca. Porém, com as ilhas

do Cabo Verde tão próximas da África e a necessidade de “desmamar” os cativos da sua terra-mãe antes de serem enviados para novas paragens, era inevitável servirmos de entreposto no comércio de escravos. A isso acresceu que os colonos mandados para Cabo Verde preferiam de longe trabalhar com escravos africanos que com trabalhadores vindos de Portugal cheios de exigências, queixavam-se aqueles, vontade de rapidamente enriquecer e regressar à terra antes de serem mortos pelas doenças dos trópicos e os maus ares que a ilha de Santiago era acusada de possuir. Acresce que a pobreza das ilhas não atraía europeus em busca de fortuna, ficando reservadas quase exclusivamente para os degredados e outros criminosos desterrados. Assim, quando no reinado de D. Maria I, e certamente por causa dos desmandos de governação do arquipélago pela Companhia do Grão Pará e Maranhão, a Coroa olhou finalmente para Cabo Verde e encontrou as ilhas praticamente povoadas de pretos. Ou é história ou simples lenda, mas o que se diz é que a ideia encarada inicialmente pelo

poder foi a de os devolver a todos à África-Mãe. E depois de abandonada por de todo impraticável, pois já se tinham passado mais de 300 anos sobre a chegada das primeiras levadas de escravos, houve que cuidar da sua efectiva cristianização. Tanto mais que, conforme anunciava o cronista João de Barros, vivido entre 1496-1570 e tido como o primeiro grande historiador português, a finalidade dos descobrimentos não era outro senão “atrair as bárbaras nações ao jugo de Cristo”. Ideia essa confirmada em 1611 por um padre jesuíta residindo na ilha de Santiago, onde aliás a sua congregação desempenhou importante papel a nível da educação dos indígenas, que escreveu que, “com as pregações, doutrinas, confissões e práticas espirituais, se vão desarraigando desta terra as muito e mui grandes superstições que nela há” todas trazidas da mãe África pelos povos dela desenraizados.

No entanto, essa tarefa, a princípio considerada simples e fácil de executar, revelou-se de todo impossível. Isso porque as “muito e mui grandes superstições que nela há” só na

CABO VERDE

aparência foram sendo desarraigadas, camufladas que ficaram, e depois a pouco e pouco sincretizadas com elementos e ritos e ornamentos colhidos da dominante religião católica oficial, única cuja prática era livremente permitida e consentida.

Assim, por exemplo, em 1762, um escandalizado ouvidor-geral das ilhas, de nome João Vieira de Andrade, queixava-se em carta dirigida ao rei de Portugal, D. José, dos muitos erros que aqui vinha observando no que dizia respeito à religião católica e seus dogmas, e que cuja necessidade de sanar considerava de grande urgência.

Entre diversos erros notórios, mas eventualmente menos chocantes, Vieira de Andrade identificou e privilegiou como bárbaros e ofensivos dos hábitos cristãos, primeiro o que chamou de “o costume da Esteira”, que descreveu em pormenor: morre alguém numa casa (ou mesmo fora dela sendo parente consanguíneo), e logo o dono da casa, e portanto do morto, manda estender a esteira perto da porta, o que significa franquear a entrada na casa a toda e qualquer pessoa. Este convite é iniciado no dia em que acontece a morte e prolonga-se por 15 dias, às vezes até 30, tudo conforme as posses do enlutado. E durante esse período encarregam o defunto de levar recados aos que antes dele faleceram, entregar cartas que lhe metem no interior da mortalha, tudo no meio de grande alarido que incomoda toda a vizinhança. E assim passam todos esses dias,





Preto e branco deu castanho, escreveu alguém ao falar de Cabo Verde, e é verdade que a cultura cabo-verdiana, particularmente quando expressa pelo seu maior instrumento, o crioulo, representa um eloquente acordo entre os elementos africanos e europeus

CABO VERDE

que terminam com grandes banquetes que fazem ao jantar, com muita gula, muito álcool e também muita luxúria que se prolonga pela noite adentro.

Mas o que mais espantou e escandalizou o ouvidor, foi constatar que esse primitivo costume era observado por todos os moradores da ilha de Santiago, a começar pelos eclesiásticos, passando pelos seculares nobres, até chegar aos plebeus mais insignificantes. Houve uma segunda aberração que muito impressionou

Vieira de Andrade e que era a festa do Reynado. O Reynado, conta ele, é uma festa anual que começa recatadamente com uma solene e devota missa católica, mas que termina numa verdadeira orgia pagã, onde as mulheres, sejam casadas, solteiras, donzelas ou corruptas, se fecham numa casa e ali são procuradas e escolhidas pelos homens que, a troco de uma garrafa de aguardente, ficam autorizados a sair com elas para o exterior com vista à consumação do “torpíssimo

exercício” longe de olhares indiscretos. Falou também o ouvidor da quarta-feira de Cinzas, chamada de foro ou mel, dia em que todos os homens, casados, solteiros, libertos, cativos, graves ou vis, tinham por indispensável obrigação oferecer uma porção de mel à sua mulher ou concubina, mel esse a que chamam foro; e a seguir com ela dormir, sob pena de irremissível divórcio ou repúdio.

Bem, passados quase 300 anos sobre as invectivas do ouvidor que se vangloria de pessoalmente muito ter contribuído para reprimir essas práticas indecorosas, a verdade é que com mais ou menos matizes esses costumes continuam presentes em quase todas as ilhas do arquipélago, ainda que já esvaziados dos conteúdos descritos e repudiados por Vieira de Andrade. De modo que se quisermos começar a aproximar da actual realidade cultural cabo-verdiana, um bom caminho será acompanhar Bentley Duncan quando sintetiza com sabedoria e fino espírito de análise que do ponto de vista social, as ilhas de Cabo Verde tiveram na sua formação a grande influência do tráfico de escravos, instrumento que fez das dispersas ilhas um campo de coligação e também de cooperação entre africanos e europeus que acabaram entrando numa série de interações complexas envolvendo opressão e colaboração, crueldade e concubinação e também ligações por casamento, mas que a final viriam a dar origem a uma sociedade miscigenada, se não completamente na cor da pele,



pelo menos nas diversas expressões da cultura. Preto e branco deu castanho, escreveu alguém ao falar de Cabo Verde, e é verdade que a cultura cabo-verdiana, particularmente quando expressa pelo seu maior instrumento, o crioulo, representa um eloquente acordo entre os elementos africanos e europeus. “A língua crioula, embebida na formação emocional e psicológica do cabo-verdiano, apesar de essencialmente portuguesa quanto ao vocabulário, sintaxe e gramática, é também africana na entonação e no sentimento interior, tendo tido a sua origem e desenvolvimento nas exigências da situação do africano da costa ocidental”, escreve Duncan.

Um exemplo expressivo pode ser encontrado na nossa panaria, uma amálgama da cultura cabo-verdiana no próprio e perfeito sentido do termo, pois que formada ninguém sabe exactamente com elementos provenientes de que partes do mundo, mas que aqui acabaram adquirindo uma como que unidade à volta da pobreza das ilhas. Para caracterizar essa fusão de elementos europeus e africanos que desde cedo nos identificou, Duncan refere com graça que o cabo-verdiano cultiva o milho, uma planta americana, com métodos africanos mas em terrenos preparados de acordo com as técnicas portuguesas, e pila-o com instrumentos europeus e africanos; marca ritmos africa-

nos com ferrinhos portugueses e nas suas estórias populares, o lobo da lenda europeia aparece com uma máscara semi-africana.

Mas se é verdade que o africano foi europeizado no arquipélago, não deixa de ser igualmente verdade, como bem mostram os lamentos do ouvidor Vieira de Andrade, que também o europeu acabou sendo africanizado. E dessa miscigenação, desse encontro biológico e cultural, resultou o mulato que viria a ser o homem cabo-verdiano, produto de uma terra inóspita, temperado pelas agruras das secas mas alegre e eternamente crente num amanhã de fartura que não é menos certo pelo facto de continuar retardado.



HISTÓRIAS DE CHINESES EM ÁFRICA

Dois filmes, duas visões, o mesmo tema: chineses em África. No Festival do Filme Documentário - Dockanema, Dockanema, dois filmes foram dedicados às comunidades de emigrantes chineses no continente africano. Histórias de perseverança e sacrifício. Mais que tudo, do sonho de regressar um dia à China

Texto: Marta Curto | Fotos: Ricardo Franco, em Moçambique



Já é normal verem-se chineses pelas ruas de Maputo. Até saindo da capital moçambicana correndo as estradas vermelhas do país, é frequente encontrarem-se chineses com instrumentos complexos, medindo caminhos. Constroem estradas, aeroportos, estádios, procuram ouro e carvão, abrem restaurantes e pequenas lojas. Onde não se encontram chineses é em restaurantes de outras nacionalidades, em jardins, cafés, bares ou discotecas.

Eles estão em Moçambique para trabalhar e não para socializar. Esta ausência de convívio com as outras comunidades acaba por criar uma mística de boatos e rumores sobre eles. E foi para quebrar com esses tabus que duas realizadoras fizeram filmes sobre a comunidade chinesa e os apresentaram, em Setembro, no festival de cinema documentário Dockanema, em Maputo. Yara Costa preferiu explorar os chineses em África, Ella Raidel centrou-se em Moçambique.

Yara Costa é moçambicana, mais precisamente da Ilha de Moçambique, um lugar histórico, mágico, mas muito pobre. Como ela própria diz, de onde todos querem sair. Em 2005, Yara foi visitar a sua terra natal, sendo que hoje é uma cidadã do mundo, vivendo onde o trabalho a leva, e surpreendeu-se com a quantidade de chineses que ali viviam. “Se todos queriam sair da ilha, porque é que os chineses queriam entrar?” Tudo começou assim, com uma pergunta. Entre tantos locais mais ricos e desenvolvidos, entre tantas terras, tantas ilhas, vilas, cidades, porquê a Ilha de Moçambique, que só tinha um pouco de turismo em poucos meses do ano?

O filme *Porquê Aqui? Histórias de Chineses em África* tentou fugir de tudo o que era óbvio. Chineses na construção, chineses nos países ricos em recursos minerais, chineses em Angola e no Congo. Yara Costa escolheu os locais mais improváveis, e sobretudo os chineses que vinham sozinhos para África, sem estarem integrados

MOÇAMBIQUE

numa empresa, só na busca de melhores condições de vida. Escolheu assim como cenários uma pequena vila no Lesoto, a Ilha de Moçambique e a capital do Gana. Três ambientes muito diferentes para mostrar que não há dogmas. Em África, há imigrantes chineses até nos locais mais improváveis.

Quando chegou a uma pequena vila no Lesoto, Yara perguntou-se, mais uma vez, o que fariam ali imigrantes, chineses ou quaisquer outros. Não havia nada. A vila não tinha riqueza, potencialidades inexploradas, não tinha nada. Era uma pequena vila no meio do mato de um pequeno país no meio de África.

A sua entrevistada foi uma rapariga de 20 e poucos anos, que tinha chegado há pouco da China para ajudar o pai a gerir a pequena mercearia que este fundara há uns poucos anos. “Ela contou-me que eles chegaram a dormir na loja, para gastar menos dinheiro. Percebi aí que os chineses tinham uma tenacidade, que eu acabei por

* Yara Costa filmou

Porquê Aqui? Histórias de Chineses em África



admirar. Eles não emigram para conhecer uma nova cultura ou país. Eles emigram para juntar dinheiro e fugir da pobreza das suas terras natais, mas sempre com o objectivo de um dia regressarem à China”, conta a cineasta. “Mal essa rapariga que morava no Lesoto soube que eu era moçambicana, perguntou-me se eu achava que poderiam ter uma vida em Moçambique. Realmente, eles não se importam de estar aqui ou ali. O objectivo é juntar dinheiro para voltarem à China com mais condições do que aquelas com que saíram.”

Yara explica que, desde a abertura da China a África, em 2000, a facilidade de obter um visto de entrada, pedir residência ou mesmo importar produtos é uma grande mais-valia para os chineses que procuram uma vida melhor. Em África, têm o caminho aberto.

Voltando à Ilha de Moçambique, Yara encontrou um senhor mais velho, que fala português e que está no país há 15 anos. Chegou sozinho e

descobriu, na Ilha, a galinha dos ovos de ouro: holutúrias, também conhecidas como pepino do mar, ou macadjojo, em Moçambique. As holutúrias não significam nada para os moçambicanos, mas para os chineses são uma delícia *gourmet*, que se come nos melhores restaurantes e é paga a peso de ouro.

Tal como a maioria dos emigrantes, este veio sozinho. Quando entendeu que estava no sítio certo e que a vida lhe corria bem, mandou vir a família. Quando precisou de mais gente, chamou as pessoas do seu bairro. O negócio cresceu e trouxe gente da sua comunidade. “E é sempre assim. É por isso que, no mesmo local, acabam por estar várias famílias que se conhecem entre si, e que já viviam juntas ou conviviam na China”, explica Yara. Todos os chineses que a realizadora entrevistou vieram de duas províncias chinesas: Fujian e Guangdong.

Por fim, a última história, passada na capital do Gana, era um pouco diferente. Este emigrante

chinês viera para Acra integrado numa empresa, mas quando o trabalho acabara, ele decidira ficar e fazer um mestrado em Gestão de Empresas.

Hoje, tem uma loja de computadores e adora viver em Acra, afirmando sentir-se em casa. Este foi o imigrante que Yara considerou melhor integrado na cultura africana. Ainda assim, mantém os costumes e as tradições chinesas, e um dia, por mais que Acra lhe dê a vida que queria, deseja regressar à China.

OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO

“A primeira vez que vim a Moçambique vi um autocarro com muitos chineses, vestidos com um macacão vermelho. Perguntei aos moçambicanos com quem estava quem eram, o que estavam aqui a fazer. Responderam-me serem prisioneiros que vinham aqui cumprir pena, trabalhando na construção.” Foi com um boato que a realizadora austríaca Ella Raidel começou a interessar-se pela temática. O autocarro era

* Na capital do Gana, Acra, Yara Costa encontrou um chinês que depois de acabar a sua missão profissional numa empresa, decidiu ficar, fez um mestrado e abriu uma loja de computadores. Sair de África não está nos planos





* *Subverses – China in Mozambique* dá vida à solidão de imigrantes chineses que sonham regressar com muito dinheiro à terra natal

afinal da Sogeco, uma empresa de construção chinesa que opera em Moçambique e cujos trabalhadores vestem um macacão vermelho.

Se a associação dos chineses à pena de prisão estava errada, a ilação generalizada de que todos trabalhavam na construção também não estava certa. Mas realmente era a maioria e sobretudo os casos mais visíveis em Moçambique. Há um ano, Ella conheceu um rapaz moçambicano que havia vivido na China e que falava um perfeito mandarim. Este apresentou-o a uma senhora chinesa que importava cimento da China e fornecia às empresas chinesas de construção que operavam em Moçambique. E assim começou um trabalho de dois meses, em que quase sempre trabalhou sozinha e que culminou com o filme *Subverses – China in Mozambique*.

Ao contrário de Yara, Ella Raidel procurou ir ao fundo das evidências sobre as comunidades chinesas em Moçambique. Se todos realmente associavam os chineses à construção, então ela queria saber quem eram estes operários, porque tinham vindo e o que sonhavam para o futuro.

“Eles vivem em casinhas na obra e não saem do estaleiro de construção. Aos fins-de-semana vão para outra casa, lá dentro, e convivem entre si, jogam ténis de mesa. Os dias passam assim. Mal a construção acaba, eles vão-se embora.”

Ao contrário da experiência de Yara, Ella não encontrou em Moçambique quem quisesse reunir a família. A mesma tenacidade admirada pela realizadora moçambicana - de emigrarem para juntar dinheiro – existe, mas nunca a vontade de ficar e juntar mais. Ella, que viveu sete anos em Taiwan, sabe falar mandarim e conseguiu fazer o documentário quase sozinha, entrando e falando com os operários que bastava ouvirem a sua língua para abrirem-se em sorrisos, contando as suas histórias. “Sempre encontrei gente simpática, generosa, prestável e afável”, conta, acrescentando que a maioria vem de províncias próximas de Pequim.

Com o projecto finalizado, Ella prepara-se agora para viajar para a capital chinesa. “Acabo sempre por regressar à China. Sinto-me muito próxima da cultura chinesa”, diz a austríaca.

TAMBORES NO MUNDO E NA CHINA

“A percussão está presente em todas as culturas. Nós queríamos tambores árabes, latinos, europeus e africanos. Por isso, o filme *Tambores* foi rodado no Brasil, Moçambique, Zâmbia, Qatar, Portugal e China”, explica Luana Dias, que andou pelos seis países à procura de personagens interessantes para produzir o filme *Tambores*, que teve estreia mundial no festival do Filme Documentário - Dockanema, em Maputo.

Luana encontrou um rapaz moçambicano que usa o tambor para promover acções de combate à Sida no Norte de Moçambique; encontrou um pai-de-santo brasileiro que não dispensa o tambor de Minas no seu candomblé; um músico árabe no Qatar; um grupo premiado de percussão em Portugal, e um grupo de fabricantes dos tambores Budima na Zâmbia.



* Ella Raidel fala mandarim e fez o documentário em dois meses sozinha. Entrou pelos estaleiros de obras de Moçambique e foi ouvindo as histórias dos trabalhadores

Na China, esteve em Sichuan, onde encontrou uma família de quatro gerações dedicada ao fabrico de tambores enormes, com dois metros de diâmetro que servem as óperas chinesas e os templos budistas.

O famoso esmero chinês é provado pela ausência de um ritual que todos os outros países seguem. Em Moçambique, Brasil, Zâmbia, Portugal e Qatar, a pele é sempre esticada numa fogueira antes de se tocar o tambor. Na China, a pele é logo esticada no fabrico, através de um método que requer paciência, tempo e é passado de geração em geração. São dois dias exclusivamente dedicados à pele que cobre o instrumento. Depois do tambor pronto, a pele nunca mais precisa de ser esticada.

No filme, o que mais se nota é o orgulho de quem mete as mãos na madeira, de quem a mede, de quem estica a pele, de quem coloca as estacas. Uma das senhoras que integra a família entrevistada sorri para a câmara ao dizer que aquele instrumento é tão forte que acorda Buda e este ouve as preces de quem sofre. O sorriso é de orgulho por fazer algo que tem aquele poder. Os seus tambores já venceram várias competições e todos prémios os enchem de vontade de manter e perpetuar a tradição. “Das filmagens da China houve três pontos que me marcaram. O primeiro foi o frio. Não íamos preparados para aquele tempo e foi complicado trabalhar assim. O segundo foi a língua. Tínhamos um intérprete chinês, mas mesmo esse não entendia tudo o que a família nos dizia. Acabou por ser o nosso motorista local a fazer a maioria das traduções. Por fim, foi a relação chinesa com o tempo. O tempo das acções, o tempo de explicar, o tempo de fazer. Tudo tem o seu tempo e as etapas não podem ser ultrapassadas com frivolidade”, admite Luana.

Por onde a realizadora passou, havia uma linha comum a todos. “O único ponto em comum é a relação entre o homem e o instrumento, a relação ritualista com o instrumento, o seu tratamento cuidado, a sua protecção. Uma força e uma paixão que só o tambor transmite. Por outro lado, também notei que, nos seis países, o tambor tem a capacidade de mudar os ambientes. Está tudo calmo, até começar a tocar o tambor...”

MOÇAMBIQUE

Os chineses estão em Moçambique para trabalhar e não para socializar. Esta ausência de convívio com as outras comunidades acaba por criar uma mística de boatos e rumores sobre eles



PORQUÊ ÁFRICA?

“Do ponto de vista económico, a China procura matéria-prima para a expansão da sua economia. Ela não possui matéria-prima e tem de a encontrar, mas todas as grandes reservas das outras partes do mundo já se encontram sob controlo das multinacionais das antigas potências. Apenas a África possui ainda matéria-prima. O que os chineses dão aos países africanos em troca são as infra-estruturas públicas, nas quais são competitivos, competentes, capazes de respeitar os adiamentos rápidos. É justamente disso que tem necessidade a África, em especial a África Central.” Em entrevista ao *The Courier*, Stefaan Marysse, professor do Instituto de Desenvolvimento de Políticas e Gestão na Universidade da Antuérpia, na Bélgica, e director da ECA (*Expertise in Central Africa*, em Bruxelas), sintetiza o movimento chinês para África nas últimas décadas. De facto, as áreas mais procuradas pelas empresas chinesas são a construção, mas, sobretudo, a exploração de recursos naturais, sendo que a agricultura



tem também ganho o seu espaço nos investimentos. No Gana, por exemplo, a China é responsável por 71% dos investimentos na agricultura, segundo o estudo *China – Africa Relations: A Case Study of Ghana* do African Economic Research Consortium. Em troca de contratos e facilidades nos negócios, as empresas chinesas constroem infra-estruturas públicas. Em Moçambique, foi o caso do Centro Internacional de Conferências Joaquim Chissano, da Procuradoria-Geral da República, do Estádio Nacional, do Aeroporto Internacional de Maputo e a lista continua. Segundo o site *China in Africa*, em 2007 estimava-se existirem entre 1500 a 12 mil chineses em Moçambique. A margem de erro é tão grande pela própria natureza dos negócios chineses no país. É que uma obra traz centenas de empregados, e ao terminar, leva-os de volta para a China. A emigração é temporária. Embora muitos locais acabem por ganhar defesas contra as comunidades chinesas, sobretudo

em países pequenos onde a concorrência é mais aguerrida e a concentração de oportunidades também, a China tem impulsionado o emprego em África e tornou mais acessíveis bens básicos, como sapatos e rádios. Segundo o *The Economist*, o comércio bilateral ultrapassou os 120 mil milhões de dólares no ano passado e, nos últimos dois anos, a China concedeu mais empréstimos aos países pobres, principalmente em África, que o Banco Mundial. Ambas as realizadoras mencionam esta abertura tácita de África com a China, tendo até falado em facilidade de pedir visto e residência, além da importação de produtos chineses. Não será por acaso que, no Lesoto, a embaixada chinesa estima que existam cerca de 5000 chineses, o que perfaz a maior comunidade estrangeira neste pequeno país, segundo o site *Migration Information Source*. Neste enclave com pouco mais de 2,5 milhões de habitantes, a China foi responsável pela construção da nova Assembleia da República.

ÁTRIO

A GEOMETRIA DESCRITIVA DE NUNO BARRETO

Exposição do IACM *Memorabilia*
recupera a memória estética do pintor português

Texto: Carlos Picassinos | Fotos: António Mil-Homens

* Auto-retrato de Nuno Barreto (1941-2009)





Há primeiro aquele olhar que nos fita, entre a bonomia e o retraimento, e há depois as ruas da cidade, a luz coada, as naturezas mortas. De Nuno Barreto, artista plástico falecido em 2009, mostrou-se quase nada desde a transição, há 12 anos. Sim, há no Clube Militar alguma obra visível, mas de resto os trabalhos do pintor estão recolhidos em colecções privadas ou institucionais, adormecidas entre amigos e familiares. Por isso, passados estes anos, por inércia ou capricho dos tempos, Nuno Barreto volta a ser para tantos um magnífico desconhecido.

E também por isso é que a exposição que o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM) inaugurou, no passado dia 21 de Outubro, assume essa dimensão inesperada que só a patine do tempo consegue garantir. *Memorabilia*, com curadoria de Ernesto Jorge e Jorge Maneiras, patente durante um mês na Galeria de Exposições Temporárias do Tap Seac, concilia fragmentos de uma singular obra-mosaico em que Macau é o referente.

São 52 peças, acrílicos, mas também aguarelas e gravuras, que se inscrevem num período de cerca de 30 anos, entre 1981 e 2008, significativas pela sua produção ter acontecido, em grande parte, durante a vivência de Nuno Barreto em Macau. Daqui que, além do valor estético, a mostra também apareça investida de certo valor etnográfico, dada essa geografia e tempo histórico.

“Nuno Barreto viveu mais de 20 anos em Macau. Mergulhou profundamente na vida desta peque-

na cidade considerando-se um pintor de Macau. [...] A sua obra explora a temática luso-chinesa e combina vários elementos artísticos. Através do contraste de luz e sombra, bem como em desenhos delicados, a sua obra explora um lado poético, tal como a melhor das prosas ou narrativas de viagens”, justifica Raymond Tam, presidente do IACM.

A biografia de Barreto em Macau não poderia passar incólume estes anos corridos. Docente na Escola de Belas Artes do Porto, onde coordenou durante década e meia a Oficina de Serigrafia, veio para Macau em 1989, para dirigir a Academia de Artes Visuais, tendo, enquanto pedagogo, inspirado e formado um número sensível de artistas, alguns dos quais são, actualmente, figuras de destaque do panorama artístico local. Entre eles, o próprio presidente do Instituto Cultural, Guilherme Ung Vai Meng.

Na apresentação da mostra, em Outubro, o chefe de divisão de Acção Cultural do IACM, U Weng Hong, não deixou de frisar esse aspecto de Nuno Barreto para justificar a homenagem. “É um artista importante na medida em que deixou escola e viveu em Macau mais de duas décadas. Daí a iniciativa de lançar esta homenagem. Foi um dos mais importantes gravuristas de Macau e uma figura de primeira linha, e também um grande representante da cultura luso-chinesa que tão bem captou esta característica de mistura de Ocidente e Oriente.”

Apesar do voluntarismo da instituição e dos curadores da mostra, reunir esta pouco mais de meia centena de peças constituiu um *tour de*



force. “Não há colecionador em Macau que não tenha peças de Nuno Barreto”, notou Ernesto Jorge. “Foi um pintor muito prolífico e não esteve submetido a modas ou aos estilos mais correntes. Era muito exigente. Vendeu muito. Nos últimos 15 anos, não teve nenhuma exposição em Macau. A última aconteceu na Livraria Portuguesa e depois houve uma sessão de homenagem no Clube Militar”, disse o curador da mostra. Mas Barreto, acrescenta Ernesto Jorge, pela sua singularidade, merece esta homenagem que constitui a primeira de uma série de outras “que creio se vão seguir e que já faziam falta”. E é também, “a possibilidade de podermos exorcizar um pouco o que estava escondido”.

O curador recorda ainda que, depois deste tempo de vazio expositivo e após o seu desaparecimento físico, “o grosso da população local não conhece a obra e, muito menos, a obra completa”.

AMBIÇÃO MAIOR

Ainda assim, “esta é apenas uma pequena mostra”. Pequena, devido a imposições várias. Não só pela fúria criativa do artista ou pela consequente dispersão da sua obra, mas também pelos condicionalismos físicos do próprio espaço para o qual esta exposição foi projectada.

Com esta barreira em mãos, os curadores garantem que o desenho final de *Memorabilia* resultou de uma “selecção adequada para que os



* Há no Clube Militar alguma obra visível, mas de resto os trabalhos do pintor estão recolhidos em coleções privadas ou institucionais.

visitantes possam ter uma melhor percepção, sobretudo os mais novos, e em especial os artistas mais novos” da produção artística do pintor. “É preciso ver que, de uma maneira ou de outra, todos os grandes artistas de Macau estão relacionados com ele”, acrescentou Ernesto Jorge. O curador adiantou ainda que o IACM tem mantido contactos com algumas instituições em Portugal, mais familiarizadas com a obra do pintor,

como a Fundação Oriente, que, em 2006, editou o álbum *Galeria Imaginária*, com base num CD-ROM com o mesmo nome organizado pelo pintor. No texto de abertura desse álbum, o coordenador Fernando Baptista Pereira considerava que na pintura de Nuno Barreto repousava um “talento muito especial para captar o espírito de um lugar, assim como os sentimentos das pessoas que o povoam”. “Todavia, o pintor fá-lo mediante uma capacidade de invenção que combina o gosto pela síntese por vezes geometrizada do espaço e a ironização sobre os comportamentos e as situações”, sublinhou Baptista Pereira. *Memorabilia* pretende recuperar esse espírito e aquela estética.

FESTIVAL DE TEATRO CHINÊS

Pela segunda vez em mais de uma década, Macau acolhe o Festival de Teatro Chinês, que conta com a participação de nove companhias, sendo cinco delas de Macau, duas do Interior do País, uma de Taiwan e outra de Hong Kong. Os Tainaner Ensemble de Taiwan abrem o certame, a 14 de Dezembro, com *K24*, uma comédia inspirada em “Romeu e Julieta” de William Shakespeare. Os palcos abrem-se depois aos grupos locais. No dia 15 de Dezembro, a Companhia de Teatro Hiu Kok apresenta *A Strange New Neighbour*; no dia 16 a Comuna de Pedra leva ao palco *Beyond the Misty Air*; e a Cooperativa Zero Distance estreia a peça *Ten Years*. De Hong Kong chega a companhia Alice Theatre Laboratory para apresentar *Seven Boxes Possessed of Kafka*. A peça estreou em 2008 e desde então já recebeu nove prémios. A história centra-se na luta de Max Brod a quem Kafka, antes de morrer, pediu para destruir sete caixas com trabalhos seus. A Escola de Artes Performativas da Universidade Normal de Shenyang apresenta *Cao Yu's Last Soliloquy*, enquanto o grupo dramático do Exército de Libertação Popular vai dar vida à peça *The Wilderness*. As companhias locais enceraram o festival

PROGRAMA

K24

Tainaner Ensemble

**14 de Dezembro,
Grande Auditório, Centro Cultural de Macau**

STRANGE NEW NEIGHBOUR

Companhia de Teatro Hui Koc

**15 de Dezembro,
Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau**

BEYOND THE MISTY AIR

Comuna de Pedra

**16 de Dezembro,
Teatro Hui Koc Black Box**

TEN YEARS

Cooperativa Distância Zero

**16 de Dezembro,
Teatro Lavradores**

SEVEN BOXES POSSESSED OF KAFKA

Alice Theatre Laboratory

**17 de Dezembro,
Grande Auditório, Centro Cultural de Macau**

CAO YU'S LAST SOLILOQUY

Teatro de Repertório de Hong Kong

**18 de Dezembro,
Teatro Clementina Ho Brito**

A LENDA DA CONSTELAÇÃO DE LIRA

Teatro de Repertório da Juventude de Macau

**19 de Dezembro,
Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau**

TABOO GAMES OF YOUTH

Teatro Horizonte

20 de Dezembro, Teatro D. Pedro V

THE WILDERNESS

Grupo Dramático do Exército de Libertação Popular

**20 de Dezembro,
Grande Auditório, Centro Cultural de Macau**

THE HONG KONG BALLET

O grupo de Ballet de Hong Kong apresenta um bailado inspirado no clássico *Quebra-nozes* de Tchaikovsky. O tema da coreografia criada por Yuri Ng é o Ano Novo Lunar e as tradições da cultura chinesa, como os laissi, a dança do leão, os jogos de mah-jong e os panchões. No primeiro acto, a véspera de Natal na peça original dá lugar a uma reunião de Ano Novo. A história roda à volta do tio Tak, um velho fabricante de adereços para filmes e também antigo gerente de um estúdio de cinema. Quando recebe uma visita da família, começa o desfile de recordações dos seus dias de actividade. Ao longo do segundo acto, a peça invoca a era de ouro do cinema dos anos 60.

**20 e 21 de Janeiro,
Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau**



ALMAS GÉMEAS

Chet e Eman Lam

Há cerca de uma década que os irmãos Chet e Eman Lam actuam juntos. Neste duplo concerto em Macau, vão apresentar alguns dos temas de maior sucesso ao longo dos últimos anos de carreira. A música dos irmãos Lam junta vários estilos desde o pop às sonoridades populares. Naturais de Hong Kong, os irmãos começaram cedo a dar os primeiros passos na músi-

ca. Eman Lam lançou-se com os “at 17”, banda vencedora dos primeiros Prémios da Juventude de Hong Kong. Já Chet Lam estava na universidade quando despertou para a música. Mais tarde tornou-se um ícone da música popular chinesa.

**29 e 30 de Dezembro,
Grande Auditório, Centro
Cultural de Macau**

PIRATAS DO BARROCO

Padre Vermelho

Os Padre Vermelho – Red Priest – chegam do Reino Unido para interpretar música barroca. Um estilo que procuram, à sua maneira, inovar. A começar pela forma como geralmente se apresentam em palco: calças de couro e badanas na cabeça como verdadeiros piratas. Para este espectáculo, o grupo vai interpretar, entre outros, arranjos de originais de J.S. Bach, Vivaldi e Corelli. A formação nasceu em 1997 pelas mãos de Piers Adams, que se inspirou no padre Antonio Vivaldi, compositor e músico italiano do estilo barroco, também conhecido com o padre vermelho pelo seu cabelo ruivo para baptizar o grupo.

7 de Janeiro, Pequeno Auditório, Centro Cultural de Macau



EXPOSIÇÕES

PELO POVO — SUN YAT-SEN E MACAU

Macau surge como a segunda casa de Sun Yat-sen. Foi de Macau que partiu para o Ocidente e para onde regressa para exercer a medicina ocidental. Foi também no território que terá começado a desenvolver as suas ideias revolucionárias que culminaram com a Revolução de Xinhai e, conseqüentemente, a criação da primeira República. É a relação com Macau que esta mostra retrata em mais de centena e meia de objectos. Além de clássicas fotografias de Sun Yat-sen, sozinho, com amigos ou com a família, há outros objectos curiosos. Exemplo é o recibo do empréstimo que o hospital lhe fez para poder abrir a farmácia ou o livro *Kidnapped in London*, que conta entre outros episódios o rapto em Londres. Os objectos que estão patentes pertencem a organizações culturais e a colecionadores privados de Macau, Shenzhen, Cantão, Taipé e Hong Kong.

Até 11 de Dezembro, Museu de Macau

NAS COMIS- SURAS DA MEMÓRIA: DESENHOS CONTEM- PORÂNEOS DE MACAU

Esta exposição pretende explorar o conceito do desenho, tido como o protótipo da pintura, e que hoje em dia ganhou novos significados e aproximou-se das diferentes formas de arte. São 11 os



artistas locais que exibem os seus desenhos, muitos deles à carvão, como Guilherme Ung Vai Meng, Konstantin Bessmertny, André Lui Chak Keong, Christopher (Kit) Kelen, Carlos Marreiros e Luk Tai Tong. Os cerca de 50 esboços patentes apresentam conteúdos diversos desde figuras humanas, pequenos pormenores de Macau ou criações com maior carácter espiritual. A mostra reflecte também a diversidade do ambiente cultural de Macau.

**Até 12 de Fevereiro,
Museu de Arte de Macau**

CRONOLO- GIA DA VIDA DE ZHENG GUANYING

A exposição apresenta de forma resumida através de imagens a vida do filósofo Zheng Guanying e a sua obra *Advertências em Tempos de Prosperidade*, cujo final passa-se na Casa do Mandarim, onde Zheng passou grande parte da sua vida. Há ainda para ver um documentário sobre o filósofo e registos históricos orais da Casa do Mandarim, que começou a ser construída por Zheng Wenrui, pai de Zheng Guanying, em 1869, o oitavo ano do exercício de Poder pelo Imperador Tongzhi. A Casa do Mandarim é um exemplo raro de uma arquitectura típica de Cantão, combinada com elementos de outras culturas, nomeadamente a ocidental.

**Até 31 de Dezembro,
Sala Wenchang,
Casa do Mandarim**



BELEZA E INTEIREZA: CERÂMICAS DA DINASTIA SONG

Recuamos no tempo até à Dinastia Song e arte da cerâmica, naquele que é considerado o seu período mais brilhante. As 187 peças patentes no Museu de Arte de Macau pertencem à colecção do Museu do Palácio. Numa primeira parte da mostra, pode observar-se peças que eram produzidas para os palácios imperiais Song pelos Cinco Famosos Fornos - Ru, Guan, Ge, Jun, e Ding. Uma escolha que permite reflectir sobre as tendências coleccionistas da época e o estilo de vida nos palácios imperiais. A segunda secção apresenta peças de vários fornos privados, que ilustram a cultura do vinho e do chá, o estilo de vida dos literatos e os aspectos da vida quotidiana.

**Até 11 de Março,
Museu de Arte de Macau**

VÍDEO PARA TODOS - II FESTIVAL INTERNACIONAL DE VIDEO- ARTE

Esta é já a segunda edição deste festival de videoarte que pretende mostrar não a arte do vídeo que se faz em Macau, mas também por esse mundo fora. Os filmes não têm mais do que 15 minutos e foram todos produzidos depois de 2009. A associação Art for All recebeu mais de 160 candidaturas de 99 artistas, provenientes de 38 países de todo o mundo. Apenas dez trabalhos vão ser exibidos.

**Até 30 de Dezembro,
Casa Garden**

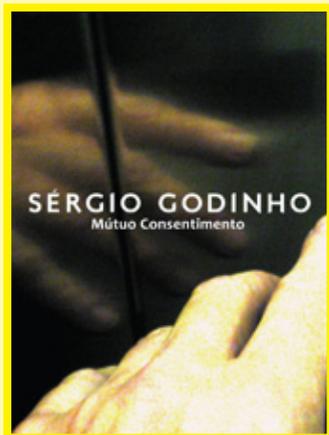
UM SÉCULO DO PALÁCIO E JARDIM IMPERIAIS: FOTOGRAFIAS DE HOU YUANCHAO

A Cidade Proibida em Pequim foi durante séculos o símbolo do esplendor da China. Em 1911, com o fim da dinastia Qing, o Palácio deixou de ser a residência de imperadores mas a mística do local permaneceu. Foi na Cidade Proibida e na sua magia que se centrou Hou YuanChao durante cerca de dois anos - entre 2004 e 2006 -, num

projecto que foi comissariado pela *Forbidden City Press* e outras entidades.

Em Macau estão exibidas 70 fotografias do artista em provas de platina. As imagens surgem a preto e branco a evidenciar a grandiosidade do Palácio e dos jardins, bem como a retratar pormenores do espaço. Hou YuanChao nasceu em 1966 em Tianjin, cidade onde, em 1991, se viria a formar na Academia de Belas Artes. Só cinco anos mais tarde é que Yuanchao começou a dedicar ao estudo da fotografia.

**Até 11 de Março,
Museu de Arte de Macau**



MÚTUO CONSENTIMENTO

Sérgio Godinho

Sérgio Godinho assinala 40 anos de carreira, que são, diz, quatro décadas “a olhar à volta e ver o que se passa”. O disco abre com o tema *Mão na Música* em que durante mais de seis minutos Godinho faz “uma declaração poética em relação à música”. A terminar, recupera o tema *Faz Parte* do espectáculo “Os Três Cantos”, com José Mário Branco e Fausto Bordalo Dias. Por serem 40 anos de música partilhada com todos, Sérgio Godinho fez questão de não se apresentar sozinho neste disco, tendo convidado Bernardo Sasseti, Helder Gonçalves, David Santos, os Roda de Choro de Lisboa e também Francisca Cortesão. O cantor tem 66 anos, nasceu no Porto e lançou o primeiro disco, *Os Sobreviventes*, corria o ano de 1971.

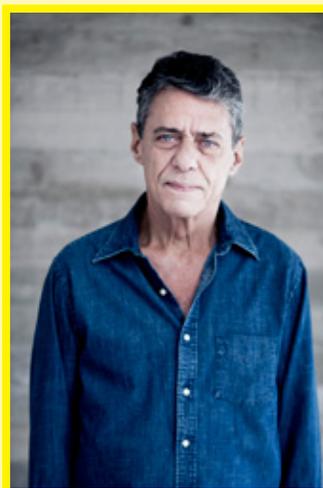
Universal, 2011

CHICO

Chico Buarque

Simplemente Chico. É assim que o brasileiro se apresenta neste álbum que marca o regresso à música após um interregno de cinco anos em que se dedicou apenas à escrita. O disco *Chico* apresenta dez canções onde apenas duas não são inéditas. *Sou eu* é um samba em parceria com Ivan Lins que Chico Buarque regrava agora com Wilson das Neves. O tema *Se eu soubesse*, escrito para Thaís Gulin, surge numa nova versão que o músico considera ser “um choro-canção”. A destacar ainda o tema *Nina*, uma valsa russa com alguns trechos ao violão que descreve o amor platónico por uma jovem moscovita. O álbum, uma homenagem aos blues e à bossa nova, tem como temática central o amor e cada música surge como a narrativa de uma pequena histórica romanceada.

Biscoito Fino, 2011



ÁRIA AO VIVO

Djavan

O Palácio das Artes, em Belo Horizonte, foi o local escolhido por Djavan para gravar ao vivo este disco, que assinala também 35 anos de carreira. Djavan chega a palco a recordar *Seduzir*, para depois, com uma guitarra vermelha e branca recuar até um dos êxitos de 1988 *Eu te devoro*. Ainda antes de interpretar a primeira faixa do último trabalho – *Sabes Mentir* – Djavan evoca a parceria com Cacaso em 1980, no tema *Lambada de serpente*. É com o tema *Lilás* que Djavan encerra o álbum de 16 canções.

Luanda Records/Biscoito Fino, 2011

CREDITO FOTO: Marcos Hermes

ELO

Maria Rita

Naquele que é o quarto disco da sua carreira, Maria Rita quase não inventa. A brasileira canta sobretudo temas de outros músicos desde Caetano Veloso – *Menino do Rio* –, a Rita Lee – *Só de*

ocê – ou mesmo Djavan – *Nem um dia*. Nos inéditos, destaque para o tema *Pra matar meu coração*, composto por Pedro Baby e Daniel Jobim, e que apresenta influências do jazz. O samba alegre e jovial, que marcou tanto os outros trabalhos de Maria Rita, deu lugar a interpretações mais densas e intimistas. Maria Rita escreveu um pequeno texto de apresentação de cada um das músicas escolhidas e que têm vindo a fazer parte do repertório dos seus concertos há mais de um ano.

Warner Music, 2011



KREOL

Mário Lúcio

Kreol é apresentado como um álbum dedicado ao Oceano Atlântico, a “herança da humanidade” e o valor da sua própria identidade crioula. Este é um trabalho acústico e melódico, com evidências do jazz mas também da música africana. Aqui a morna ganha um maior significado nos temas *Tabankabé* e *Mar Azul*, interpretado com Cesária Évora. Mário Lúcio nasceu em 1964 no Tarrafal, em Cabo Verde. Além de cantor e compositor, é também advogado e deputado.

Harmonia, 2010

DOR DE MAR

Tcheka

Dor de mar fala das agressões à natureza, em particular a apanha da areia, problema ambiental sério em Cabo Verde, terra que viu nascer Tcheka. Preocupações que também ficam retratadas no *Pexera Porto*, inspirado na dura realidade social dos pescadores cabo-verdianos. O disco traz 12 temas, todos da autoria de Tcheka com excepção de um, que é assinado por Norberto Tavares - *Forti bu dan cu stango!* e que o cabo-verdiano reinventa numa interpretação muito pessoal.

Lusafrica, 2011

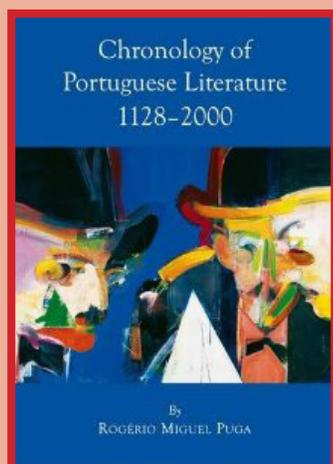
PROCURA-SE

Susana Félix

Susana Félix apresenta-se neste álbum bem mais electrónica e mais pop do que antes. Em *Procura-se* fica visível o afastamento a sonoridades mais acústicas de outrora. O disco apresenta dez temas quase todos inéditos, com excepção para as versões de *Mundo ao Contrário* dos Xutos e Pontapés e *Los Hermanos* de Marcelo Camelo. Susana Félix convidou ainda para participar neste trabalho Steve Jansen (ex-Japan), João Cabrita e Jorge Drexler, que faz um dueto em *A Idade do Céu*. Carlos Tê assina a letra de *Meia Palavra*.

Farol, 2011





CHRONOLOGY OF PORTUGUESE LITERATURE: 1128 - 2000

Rogério Puga

A hagiografia *Vita Sancti Geraldii*, atribuída a D. Bernardo, é a primeira obra mencionada nesta viagem por mais de 800 anos de produção literária. Esta cronologia inclui também obras sobre

Macau e China ao longos dos vários séculos, inclusive Camilo Pessanha ou João Aguiar. De fora desta cronologia, com 239 páginas, a maioria dedicada a século XX, ficaram para já os autores brasileiros e dos países africanos de língua portuguesa, mas, como diz Rogério Puga, “este livro, tal como a literatura portuguesa, é um trabalho em construção”. Rogério Puga resolveu abraçar este projecto depois dos seus alunos de História, Literatura e Cultura Portuguesa na Universidade de Macau terem-lhe pedido frequentemente o que não existia: uma sistematização dos principais títulos literários portugueses.

**Reino Unido,
Cambridge Scholars Publishing, 2011**

SOFÁ DAS ILUSÕES

Gonçalo Lobo Pinheiro

Foi num sofá, às vezes laranja, outras vezes preto, entre Portugal e Macau, que nasceram os cerca de 40 poemas de Gonçalo Lobo Pinheiro. Independentemente da cor com que se escrevem os poemas é de amor e de sentimentos que se fala neste que é o terceiro livro do fotojornalista português. Os textos, segundo Gonçalo Lobo Pinheiro, reflectem também as suas vivências e experiências,

algumas delas tão simples e rotineiras. “Olhei o espelho/ Nenhuma admiração, estou velho/ Reparei nos cabelos brancos ou nos outros que caem, por entre os dedos, enquanto me lamento /Ainda ontem tinha menos um dia/ Hoje sinto-me acabado, gasto e preso/ Numa corrente de equívocos que não sei decifrar.” Gonçalo Lobo Pinheiro vive em Macau desde 2010 e é jornalista e fotojornalista no jornal *Hoje Macau*.

**Coimbra,
Temas Originais, 2011**

HISTORY WITHOUT BORDERS – THE MAKING OF AN ASIAN WORLD REGION, 1000-1800

Geoffrey C. Gunn

Esta obra surge dividida em oito capítulos em que o Geoffrey C. Gunn tenta escrever a história regional da Ásia partindo de uma perspectiva mundial da história. O professor de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Nagasaki, questionando sobre o desenvolvimento desigual ou mesmo as origens da globalização, analisa também os desenvolvimentos



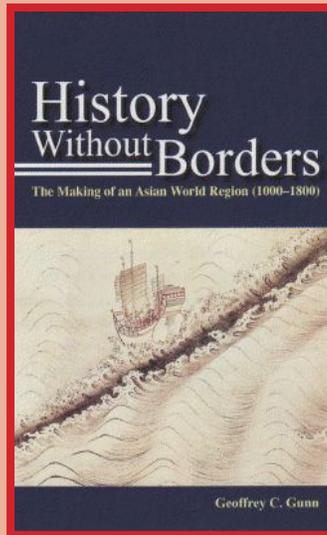
das civilizações os quais não se podem dissociar do crescimento do comércio mundial. Gunn dedica uma parte da obra à China e aos chineses na diáspora, e outra à rede ibérica marítima, neste caso com destaque para o papel dos portugueses e as suas capacidades para estabelecer acordos comerciais. Neste capítulo Geoffrey C. Gunn analisa o percurso dos marinheiros portugueses por Goa, Malaca, Macau, Timor-Leste e mesmo pela Baía de Bengala, em situações sempre tão diferentes.

Hong Kong, University of Hong Kong Press, 2011

JOGOS, BRINQUEDOS E OUTRAS DIVERSÕES DE MACAU —

**2.ª parte, I Volume
Ana Maria Amaro**

O tema já não é novo. Em 1976, Ana Maria Amaro publicou a primeira obra sobre jogos e brinquedos de Macau, dedicada sobretudo a jogos populares entre as crianças. Mais de 30 anos depois, e numa segunda parte do livro, a professora catedrática dedica-se aos jogos dos adultos, muitos deles que já caíram em desuso com o tempo. Ana Maria Amaro descreve ao pormenor mais de 40 jogos de tabuleiro, como o fan tan, mas também outras diversões como os



puzzles e jogos relacionados com práticas divinatórias. Este volume tem cerca de 700 páginas onde constam fotografias e ilustrações de época. Ana Maria Amaro é actualmente presidente do Instituto Português de Sinologia. Viveu em Macau entre os anos de 1957 e 1973, altura em que começou a estudar sobre a China e a história de Macau.

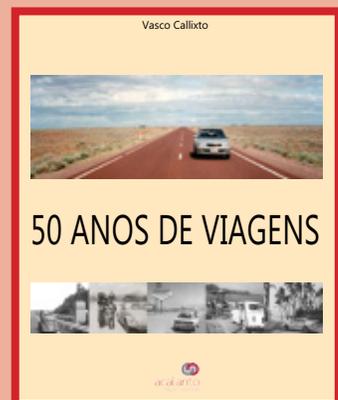
**Lisboa,
Edição de autor, 2011**

50 ANOS DE VIAGENS

Vasco Callixto

Em 50 anos Vasco Callixto percorreu os cinco continentes e por onde passou procurou marcas de Portugal e dos portugueses. O automóvel foi sempre o meio de transporte utilizado nestas viagens pelo mundo, que o tornaram no primeiro português a alcançar o Cabo Norte de carro. Macau fez parte dos seus itinerários. A primeira vez que esteve no território foi em 1977, uma experiência que, um ano depois, deu o mote para a obra Viagem a Macau. Em 1992 voltaria a estar no território a caminho da Austrália. Neste livro, o autor transformou 50 itinerários em artigos e juntou-lhe outros 3500 textos publicados na imprensa ao longo de meio século. Vasco Callixto nasceu a 12 de Janeiro de 1925 e estreou-se como jornalista na revista Turismo, em 1944, tendo também escrito para jornais como Diário de Notícias ou O Século.

Lisboa, Acalanto, 2011





A FORMA ANTIGA DE FAZER PENTEADOS

Uma penteadeira numa das ruas marginais do Porto Interior atende uma cliente na década de 1960. Tal como as penteadeiras, também os barbeiros exerciam a sua profissão na rua um pouco por toda a cidade, com destaque para zonas como a Estrada do Arco, a Travessa das Galinholas, a Rua Cinco de Outubro ou o Pátio do Piloto.

MACAU 2011

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2011** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2011** – Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2011** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa.



集郵訂購 2012

SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA

PHILATELIC SUBSCRIPTION



訂購地點：
Local de Subscrição
Location for Subscription

各郵政分局
Todas as Estações Postais
All Post Offices



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau



電話 Tel: (853) 2832 9490, (853) 2857 4491
傳真 Fax: (853) 8396 8603, (853) 2833 6603
電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo
網址 Website: www.macaupost.gov.mo



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios